Reinaldo Santos Neves
(Organização)
Paulo Roberto Sodré
(Edição)

Edição fac-similada

História da Literatura do Espírito Santo

PARTE 3

Prosa e poesia contemporâneas, literatura infantil e juvenil, publicações e associações literárias

EDUFES

Reinaldo Santos Neves
(Organização)

Paulo Roberto Sodré
(Edição)

Edição fac-similada

História da Literatura do Espírito Santo

PARTE 3

Prosa e poesia contemporâneas, literatura infantil e juvenil, publicações e associações literárias

EDUFES
Vitória, 2023

Universidade Federal
do Espírito Santo

Reitor
Paulo Sergio de Paula Vargas

Vice-reitor
Roney Pignaton da Silva

Chefe de Gabinete
Aureo Banhos dos Santos

EDUFES
EDITORA

Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514
Campus de Goiabeiras
Vitória – ES · Brasil
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852
edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Diretor da Edufes
Wilberth Salgueiro

Conselho Editorial
Ananias Francisco Dias Junior, Eliana Zandonade, Eneida Maria Souza Mendonça, Fabricia Benda de Oliveira, Fátima Maria Silva, Gleice Pereira, Graziela Baptista Vidaurre, José André Lourenço, Marcelo Eduardo Vieira Segatto, Margarete Sacht Góes, Rogério Borges de Oliveira, Rosana Suemi Tokumaru, Sandra Soares Della Fonte

Secretaria do Conselho Editorial
Douglas Salomão

Administrativo
Josias Bravim, Washington Romão dos Santos

Seção de Edição e Revisão de Textos
Fernanda Scopel, George Vianna,
Jussara Rodrigues, Roberta Estefânia Soares

Seção de Design
Ana Elisa Poubel, Juliana Braga,
Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

Seção de Livraria e Comercialização
Adriani Raimondi, Ana Paula de Souza Rubim,
Dominique Piazzarollo, Marcos de Alarcão,
Maria Augusta Postinghel

Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

NEPLES

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Valdemar Lacerda Júnior

Diretora do Centro de Ciências Humanas e Naturais
Edinete Rosa

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras
Maria Amélia Dalvi

Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo
Sérgio da Fonseca Amaral

Digitalização das imagens
Ana Paula de Souza Rubim

Projeto gráfico, diagramação e capa
Juliana Braga

Revisão de texto
Fernanda Scopel

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

H673 História da literatura do Espírito Santo [recurso eletrônico] : Parte 3 – prosa e poesia contemporâneas, literatura infantil e juvenil, publicações e associações literárias / Reinaldo Santos Neves (organizador); Paulo Roberto Sodré (editor). - Dados eletrônicos. - Vitória, ES : EDUFES, 2023.
3 v. ; 29,7 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7772-563-2 (v.3)
Edição fac-símile
Modo de acesso: https://repositorio.ufes.br/handle/10/774

1. Literatura brasileira - Espírito Santo (Estado). 2. História. I. Neves, Reinaldo Santos. II. Sodré, Paulo Roberto.

CDU:821.134.3(81)(091)

Elaborado por Ana Paula de Souza Rubim – CRB-6 ES-000998/O

Esta obra foi composta com as famílias tipográficas
Source Sans Pro e Lavishly Yours.

Sumário

Prefácio • 6
Fábio Assanti Medina

Apresentação • 8
Paulo Roberto Sodré
Sérgio da Fonseca Amaral

Parte 3 • 16

A prosa de ficção contemporânea: o romance, Francisco Aurelio Ribeiro • 17

A prosa de ficção contemporânea: o conto, Francisco Aurelio Ribeiro • 30

Os anos 70 e 80: a poesia, Deny Gomes • 54

A literatura infanto-juvenil, Francisco Aurelio Ribeiro • 95

As publicações literárias (ou quase), Renato Pacheco • 110

As associações literárias e outras manifestações grupais relacionadas com a literatura, Renato Pacheco • 131

Posfácio • 149
Oscar Gama Filho

Prefácio

FABIO MASSANTI MEDINA[1]

As bibliotecas são tradicionalmente conhecidas como guardiãs do saber, preservando em suas estantes uma vasta coletânea de obras de valor inestimável, repletas de histórias e conhecimento. Entre tantos tesouros, destaca-se *História da literatura do Espírito Santo*, uma coletânea de ensaios criada na década de 1990 por Reinaldo Santos Neves, e assinados por Deny Gomes, Renato Pacheco, entre outros, que se tornou uma preciosidade para a literatura capixaba, graças às pesquisas do professor Paulo Roberto Sodré.

Esse conjunto de obras, produzido a várias mãos, ainda na época da máquina de escrever, conteúdo riquíssimo datilografado, foi doado à Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, onde se tornou parte do acervo da biblioteca de obras especiais, e onde foi cuidadosamente mantido e preservado durante os anos que se passaram.

Por décadas, a guarda dessa obra possibilitou a descoberta e o encantamento com as produções de autores que se debruçaram sobre temas relevantes para o estudo da literatura do nosso estado. Infelizmente, a ação do tempo degradou o material original, com suas páginas amareladas e suporte fragilizado, tornando o acesso cada vez mais difícil. Apenas armazenar esse material não seria suficiente; era imperativo salvaguardar e também democratizar esse conhecimento.

Diante disso, empenhamo-nos em ampliar o acesso a essa valiosa fonte de conhecimento e saber contextualizado da literatura capixaba. Um conhecimento tão significativo não poderia permanecer restrito, sem ser manuseado e apreciado.

Sem negligenciar os direitos intelectuais das obras, buscamos incansavelmente a republicação desta obra, da qual um dos autores, Renato Pacheco, infelizmente já não está mais entre nós, e assim conseguimos o consentimento dos herdeiros legais para levar esse conteúdo além dos limites físicos da Biblioteca e da Universidade, tornando-o disponível e acessível novamente.

Diante dessa realidade, do desejo, da vontade, de uma insistência em querer trazer aquele conteúdo, aqueles escritos tão enriquecedores para os pesquisadores do tema, nasce um pedido, uma proposta, uma ideia. A republicação desta obra.

1. Diretor da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Assim, por meio da chancela da Universidade, com a contribuição da equipe da Editora Universitária, a Edufes, surge a edição fac-similada desta obra, apresentando-a em um novo formato, no contexto da virtualização dos conteúdos, de forma a democratizar e ampliar o acesso ao material.

Num contexto mais abrangente, semelhante à tecnologia da época, com o uso da máquina de escrever, a qual fixou caractere a caractere no papel os escritos daqueles autores sobre a história da literatura no Espírito Santo, este material em toda sua essência irá novamente permitir que outros possam transpor as barreiras físicas e atingir novas perspectivas de acesso.

Apresentação

PAULO ROBERTO SODRÉ
SÉRGIO DA FONSECA AMARAL

No extinto Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo (Cultural-ES), dirigido por Luiz Guilherme Santos Neves[2], Reinaldo Santos Neves[3] coordenou a elaboração da *História da literatura do Espírito Santo*, no período que compreende aproximadamente o final dos anos 1980 e o início dos 1990. Com o apoio do Fundo de Cultura do Espírito Santo (Funces), Reinaldo Santos Neves organizou uma equipe de pesquisadora/es renomada/os entre intelectuais da época no Espírito

2. Luiz Guilherme Santos Neves (Vitória, ES, 24 de setembro de 1933) lecionou História do Espírito Santo na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde se aposentou. Historiador, ensaísta, dramaturgo, romancista, contista e cronista, vem publicando diversas obras, de que se destacam: *Queimados*, documento cênico (1977); *Insurreição do Queimado, Episódio da história da Província do Espírito Santo*, de Afonso Cláudio, introdução e notas (1979); *A nau decapitada*, romance (1982); *As chamas na missa*, romance (1986); *Viagem à Província do Espírito Santo*, de Auguste-François Biard, estudo introdutório (1988); *Torre do delírio*, contos (1992); *Passeio pelo Centro de Vitória na companhia de Rubem Braga*, crônicas (1992); *História, geografia e organização social e política do município de Anchieta* (1995); *História de Barbagato*, narrativa para crianças (1996); *Procissão de São Benedito em Vitória*, texto e pesquisa (1996); *Os bondes de Vitória*, texto e pesquisa (1997); *Escrivão da frota*, crônicas (1997); *Crônicas da insólita fortuna*, crônicas históricas (1998); *Singular plural – memória cultural capixaba*, pesquisa e texto (1998); *A casa edificada – o Programa de Cooperativas Habitacionais no Espírito Santo e sua ação na expansão urbana da Grande Vitória* (1998); *O templo e a forca*, romance (1999); *O Capitão do Fim*, romance (2001); *Eu estava na armada de Cabral*, romance paradidático (2004); *O auto do túmulo de Anchieta: uma farsa no estilo de Gil Vicente* (2007); *Crinquinim e D. Pedro II em Nova Almeida*, narrativa para crianças (2008); *Cidadilha – crônica inverossímil da cidade inexistente* (2008); *Memória das cinzas* (2009); *Breviário do folclore capixaba* (2010). Além disso, é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Comissão Espírito-Santense de Folclore (NEVES, M., 2021-). Sobre sua obra, a *Fernão: revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo* publicou o Portfólio Luiz Guilherme Santos Neves (Vitória, ano 3, n. 5, jan./jun. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/fernao/issue/view/1306).

3. Reinaldo Santos Neves (Vitória, ES, 3 de dezembro de 1946) é graduado em Letras (Português e Inglês) pela Ufes. Escritor, tradutor, editor e servidor técnico aposentado da Ufes, atuou nessa instituição como diretor da Divisão de Editoria da Fundação Ceciliano Abel de Almeida (1978-1989), coordenador de literatura da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (1992-1995) e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, de 1996 a 2012, quando organizou várias edições do seminário sobre o autor capixaba, Bravos Companheiros e Fantasmas, e de seus anais. Dentre suas

Santo: Deny Gomes, Francisco Aurelio Ribeiro, Luiz Busatto e Renato Pacheco, docentes da Ufes, e Oscar Gama Filho, atualmente membro da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL), como o são também Busatto, Pacheco e Ribeiro. O projeto foi desenvolvido a partir da produção de ensaios individuais, acerca de contextos, obras e autores/as da literatura brasileira situada no Espírito Santo, estudos que convergem para a perspectiva ao mesmo tempo histórico-literária e crítica.

Esse projeto arrojado, contudo, ficou na minuta datilografada e conservada em três pastas, felizmente doada à Biblioteca Central da Ufes, registrada em 1992 no setor de Coleções Especiais e inserida na coleção interna "Espírito Santo"[4] com a chamada número 869,0 (81) (091) H 673.

Três partes compõem o datiloscrito, cujo conteúdo pretendemos aqui apenas disponibilizar gratuitamente para estudantes de graduação e de pós-graduação e para outros/as interessados/as em fonte de pesquisa sobre a literatura aqui produzida. O propósito de analisar o documento criticamente ficará, assim esperamos, a cargo de futuros/as pesquisadores/as do assunto.

A **Parte 1** é dividida em três subpartes, todas assinadas por Oscar Gama Filho[5]: "Brasilogia", "Barroquismo" e "Romantismo", estudos que propiciam um conhecimento e uma análise

---

publicações literárias, destacam-se: *Reino dos medas*, romance (1971); *A crônica de Malemort*, romance (1978); *O poema graciano*, poesia (1982); *As mãos no fogo*, romance (1984); *Má notícia para o pai da criança*, contos (1995, 2019); *Sueli: romance confesso* (1989); *Muito soneto por nada*, poesia (1998); *A confissão*, novela (1999); *Crinquinim e o convento da Penha*, narrativa para crianças (2001); *Kitty aos 22: divertimento*, romance (2006); *A longa história*, romance (2007); *Crinquinim e a puxada do mastro*, narrativa para crianças (2008); *A ceia dominicana: romance neolatino* (2008); *A folha de hera: romance bilíngue* (três volumes: 2011, 2012, 2014); *Heródoto, IV, 196*, contos (2013); *Dois graus a leste, três graus a oeste*, narrativa (2013); *Mina Rakastan Sinua*, contos (2016); *Poesia 64-14* (2017) e *Blues for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer*, romance (2018). A *Fernão: revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo* publicou o Portfólio Reinaldo Santos Neves, sobre sua obra (Vitória, ano 1, n. 1, jan./jul. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/fernao/issue/view/977).

4. Agradecemos a Franjuslene Darlei de Morais e a Arlete Franco, funcionárias da Biblioteca Central da Ufes, a gentileza de nos informar a respeito da doação e registro do datiloscrito em 1992.

5. Oscar de Almeida Gama Filho (Alegre, ES, 31 de março de 1958) é o quarto ocupante da Cadeira 21 da Academia Espírito-Santense de Letras. Poeta, dramaturgo, ensaísta e compositor, além de psicólogo clínico, vem publicando desde 1979. Destacam-se em sua bibliodiscografia: *De amor à política* (1979), poemas em edição marginal, em conjunto com o poeta Miguel Marvilla; *Congregação do desencontro* (1980), poemas; *História do teatro capixaba: 395 anos* (1981); *Estação Treblinka Garden* (1982), peça teatral; *Onaniana* (1983), poema dramático; *A mãe provisória* (1984-1985), tragicomédia; *Teatro romântico capixaba*, ensaio (1987); *O despedaçado ao espelho* (1988), poemas; *Eu conheci Rimbaud & Sete poemas para armar um possível Rimbaud mesclado com O barco ébrio/Le bateau ivre* (1989), ensaio-tradução-conto-poema; *Razão do Brasil em uma sociopsicanálise da literatura capixaba* (1991); *Ovo alquímico: romance em cacos*, escrito com seu filho Alexandre Herkenhoff Gama (2016); "Metacrítica – questão de método, ou nova interpretação da *História da literatura brasileira*, de Carlos Nejar" (Academia Brasileira de Filosofia, 2023); *Samblues* (1992), composições musicais; *A essência da poesia* (1996); *O relógio marítimo* (2001), poemas; *Os últimos poemas – desesperados – de amor* (2001); *Antes do fim – depois do começo* (2005), contendo músicas em parceria com Mario Ruy. Participou, como idealizador, da tentativa de criação de uma Editora Cooperativa de Escritores Capixabas, em 1978, durante a qual, ainda em 1978, organizou a primeira oficina literária do Espírito Santo. É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (ACADEMIA, [s. d.]; NUNES, 2005).

das condições históricas e sociais em que se desenvolveram as letras brasileiras e locais sob a colonização portuguesa. A primeira subparte, "Brasilogia", se divide em três tópicos: "Tratado da Razão do Brasil"; "Fenomenologia do Brasil" e "O Estado sem povo". A segunda, "Barroquismo", é desenvolvida por meio de dois tópicos: "Igreja, Estado e cultura" e "Pré-Barroco e Barroco". A terceira e última, "Romantismo", discute esse período em três tópicos: "Romantismo: princípios e fins", "Pré-Romantismo" e "Romantismo".

Composta por seis subpartes[6], a **Parte 2** expõe uma análise da literatura espírito-santense da primeira metade do século XX. Oscar Gama Filho contextualiza as primeiras décadas do Novecentos na "Introdução". Luiz Busatto[7] observa, na primeira subparte, a sátira em prosa e verso. Na segunda, ele historia e investiga a recepção no Espírito Santo da Semana de 22, em "O Modernismo antropofágico"[8]. A terceira subparte, "Muito soneto e algum verso livre: 1930/50", também de Busatto, aborda a poesia predominantemente acadêmica desse período. Renato Pacheco[9] (*in memoriam*) observa a narrativa ficcional, em "A ficção: 1930/60", e a crônica, em "Os cronistas".

---

6. Na montagem das partes do datiloscrito em pastas, ocorreu um engano na sequência das subpartes, ficando a "Introdução", de Gama Filho, e a "Sátira", de Luiz Busatto, na Parte 1, embora sejam itens da Parte 2, como demonstra o Sumário original, inserido na página 148 desta edição. Em que pese a materialidade original do datiloscrito – que apresenta como limite dos volumes a folha de créditos (e a rubrica a lápis) que pretenderia(m) dividir os três volumes –, optamos por realocar as subpartes, dando à edição uma sequência correta dos itens que compõem a *História da literatura do Espírito Santo*.

7. Luiz Busatto (Acioli, ES, 18 de outubro de 1937) é formado em Letras Clássicas e especialista em Teoria Literária e Literatura Portuguesa (em Braga, Portugal). Estudou Filosofia no Centro Filosófico Internacional de Gallarate, Milão, durante três anos. Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutor na mesma área pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é professor fundador das cadeiras de Teoria da Literatura e Linguística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina, ES, e de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Espírito Santo, onde entrou por concurso. Ensaísta e poeta, publicou ensaios e poemas: *Montagem em Invenção de Orfeu*, ensaio (1978); *Amor de asas e outros ensaios* (1985); *O bicho antropoide*, poemas (1985); *Vida pequena*, poemas (1992), livro que recebeu, em 2012, segunda edição no Projeto Nosso Livro, uma publicação conjunta da Secretaria de Educação do Espírito Santo e do jornal *A Gazeta*; *O Modernismo antropofágico no Espírito Santo*, ensaio (1992). Vem se dedicando aos estudos da imigração italiana no Espírito Santo, de que resultou o livro *Nomes e raízes italianas* (2010), além de vários artigos em jornais e revistas. Fez parte do extinto Grupo Letra, dos anos 1980. É o segundo ocupante da Cadeira 24 da Academia Espírito-Santense de Letras (ACADEMIA, [s. d.]).

8. Esse estudo foi publicado pela Ufes, em 1992, com o título *O Modernismo antropofágico no Espírito Santo* (ACADEMIA, [s. d.]; NEVES, R., 2019, p. 94).

9. Renato José Costa Pacheco (Vitória, ES, 16 de dezembro de 1928-Vitória, 18 de março de 2004). Formado em Direito e Filosofia, realizou o Mestrado na Escola de Sociologia e Ciências Políticas de São Paulo. Atuou como magistrado e foi professor de História da Universidade Federal do Espírito Santo, onde se aposentou. Em sua produção de romancista, poeta, historiador e folclorista, destacam-se: *Bilhete para Cervantes*, poemas (1947); *Poesia entressonhada*, caderno de versos (1948); *Antologia do jogo do bicho* (1957); *Presentes de Natal para três pessoas simples*, caderno de versos (1968); *A oferta e o altar* (1983, 4. ed.), romance; *Fuga de Canaã*, romance (1981); *Reino não conquistado*, romance (1984); *Cantos de Fernão Ferreiro e outros poemas heterônimos* (1985); *Augusto Ruschi, o verdureiro que virou cientista*, em parceria com Sandra Medeiros (1986); *Vilão farto*, romance (1991); *Espírito Santo, impressões* (1991); *Ecoporanga* (1992); *Espírito Santo, Brasil* (1993); *Estudos espírito-santenses* (1994); *Índice do folclore capixaba*

Por fim, a **Parte 3**[10] procura rastrear a produção literária brasileira do Espírito Santo contemporânea (isto é, até os anos 1980). Seis estudos compõem as subpartes desse volume: "A prosa de ficção contemporânea: o romance" e "A prosa de ficção contemporânea: o conto" são assinados por Francisco Aurelio Ribeiro[11]. "Os anos 70 e 80: a poesia" tem autoria de Deny Gomes[12]. Ribeiro assina também "A literatura infanto-juvenil". Renato Pacheco (*in memoriam*) produziu "As publicações literárias (ou quase)" e "As associações literárias e outras manifestações grupais relacionadas com a literatura".

Passados trinta anos de sua elaboração e de seu ineditismo, o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples), do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)

(1994); *Norte do Espírito Santo: ciclo madeireiro e povoamento* (1996); *Vila Velha da Senhora da Penha* (1997); *Eu vi nascer o Brasil*, romance (1997); *Comes e bebes do Espírito Santo* (1998); *O centauro enlouquecido e o pintor amante* (1998); *Dias antigos* (1998); *Porto final*, antologia poética organizada por Reinaldo Santos Neves (1998). Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo desde 11 de abril de 1953 e segundo ocupante da Cadeira 33 da Academia Espírito-Santense de Letras, onde entrou no dia 13 de maio de 1949 (ACADEMIA, [s. d.]).

10. No sumário geral, há apenas duas partes. Contudo, na divisão exposta nas pastas, os doze estudos estão separados: na Parte 2 estão os capítulos sobre a literatura do Espírito Santo produzida na primeira metade do século XX; na 3 estariam os capítulos a respeito da literatura contemporânea até os anos 1980.

11. Francisco Aurelio Ribeiro (Ibitirama, ES, 22 de agosto de 1955). Graduado em Letras (Português e Inglês) e em Direito, especializou-se em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 1979. Realizou o Mestrado em Literatura Brasileira (1986) e o Doutorado em Literatura Comparada (1990) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor de Literatura e pesquisador da Literatura e História do Espírito Santo nas áreas "Mulher e Literatura" e "Questões da Alteridade" na Ufes, escreveu obras de crítica literária, poesia, crônicas e narrativas para crianças. Dentre suas publicações, destacam-se: *O gato xadrez*, narrativa para crianças (1985); *Estudos críticos da literatura capixaba* (1990); *Ora, pombas*, narrativa para crianças (1990); *A modernidade das letras capixabas* (1993); *A literatura infantojuvenil de Clarice Lispector* (1993); *A gralha e a tralha*, narrativa para crianças (1993); *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica* (1995); *Das cidades e sua memória* (1995); *Vida vivida*, poemas (1997); *Antologia de escritoras capixabas* (1999); *Fantasmas da infância* (1997); *Leitura e literatura infantojuvenil* (1998); *A casa mal-assombrada* (1999); *Literatura e marginalidades* (2000); *Haydée Nicolussi: 1905/1970. Poeta, revolucionária e romântica* (2005); *A vingança de Maria Ortiz e outras crônicas* (2006); *O Convento da Penha. Fé e religiosidade do povo capixaba* (2006); *Afonso Cláudio. Coleção Grandes Nomes do Espírito Santo* (2007); *Ainda resta uma esperança. Haydeé Nicolussi: vida e obra* (2007); *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo*, em parceria com Thelma Maria Azevedo (2008); *Olhar para o mundo*, crônicas de viagem (2009); *Gentes de minha terra. Etnias 2* (2009); *Nos passos de Anchieta* (2009); *Literatura do Espírito Santo. Ensaios história e crítica* (2010); *Ensaios de leitura e literatura infanto-juvenil* (2010); *Adeus, amigo e outras crônicas* (2012); *Método confuso. Mendes Fradique: vida e obra* (2012); *O menino e os ciganos*, narrativa para crianças (2012); *Ler e escrever Rubem Braga* (2013); *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas* (2013); *Histórias capixabas* (2019). É o terceiro ocupante da Cadeira 6 da Academia Espírito-Santense de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (ACADEMIA, [s. d.]).

12. Deny Pacheco Gomes (São Luís, MA, 1938). Licenciada em Letras Neolatinas, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1959), foi professora titular de Teoria da Literatura na Universidade Federal do Espírito Santo, onde se aposentou. Em 1978, fez, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, um laboratório de Criação Literária coordenado por Geir Campos e Antonio Torres, entre outros escritores. Em 1979, coordenou com a professora Maria da Graça Aziz Cretton um curso semelhante na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em Vitória, implantou na Ufes, em 1981, a Oficina Literária como atividade de extensão. Recebeu a Medalha de Honra, outorgada pela Ufes, em 1987, pelos relevantes serviços prestados à instituição; a Ordem do

do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Ufes, solicitou à direção da Biblioteca Central da Ufes, sob a direção de Fabio Massanti Medina, a consulta e a posterior digitalização do datiloscrito, solicitamente atendidas.

Documento precioso para os Estudos Literários que se dedicam à literatura brasileira realizada no estado, a *História da literatura do Espírito Santo*, como se pode notar no sumário de seu conteúdo, abarca cerca de cinco séculos de produção verbal criativa. O escopo abrange uma grande diversidade de gêneros e de formas literárias na famosa tríade de modalidades da literatura ocidental: narrativa, dramaturgia e lírica, seja em prosa, seja em verso, seja ainda em diagramação visual (ou linosigno). Além disso, abrange formatos de publicação, como o livro e o periódico, oferecendo uma ideia das atividades literárias, editoriais e divulgadoras desenvolvidas por aqui.

Produzido no ambiente de reflexões e discussões teórico-metodológicas do final do século XX (anos 1980), os três volumes ganham importância hoje devido a vários aspectos, na medida em que nos informam acerca da materialidade da pré-produção editorial (há marcas, por exemplo, de inserções e de revisão a caneta em algumas folhas); da concepção de historiografia e crítica literária dos/a autores/a; da perspectiva ideológica, teórica e metodológica a partir da qual as obras foram recebidas, selecionadas, analisadas e apreciadas; da fortuna crítica ou do estado de arte a respeito da literatura local. Cada um desses ângulos – e de outros possíveis – oportuniza investigações variadas, cujos resultados, em projetos de iniciação científica, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado, poderão auxiliar na compreensão mais abalizada tanto da literatura aqui produzida como da crítica que lhe vem sendo dedicada.

Um empreendimento como esse – tanto da *História da literatura do Espírito Santo*, nos anos 1980, como de sua edição fac-similada, em 2023 – poderia ser reduzido a um ufanismo extemporâneo ou a uma defesa provinciana da cultura de uma região, isto é, de um *capixabismo*. Entretanto, como vem refletindo João Claudio Arendt, em especial no artigo "Regionalidade(s) e literatura: aportes para um debate teórico" (2021), a relação da região, do regionalismo e da regionalidade com a literatura tem exposto noções fecundas para a situação e o entendimento mais claro do que se deve entender por delimitações do que tomamos por *microssistemas* literários, como os que

---

Mérito Maria Ortiz (1996) e o Título de Cidadão Espírito-Santense (1998), concedidos pela Assembleia Legislativa do Espírito Santo. Ensaísta e poeta, publicou "Presença de Camões na Literatura de Cordel" (1980); *Traços do ofício: textos de Oficina Literária*, organização (1983); *No meio do caminho tem um poeta*, organização (1987); "Oficina Literária: tempo e espaço para a criação", artigo (1989); "Sueli sob o signo da ambiguidade", artigo (1993); "Com a palavra, a mulher", artigo (1994); *O desejo aprisionado*, poemas (1994); *Daqui mesmo: 34 poetas*, organização (1995); "*O mofo no pão*, e *O queijo e os vermes*: uma série de estranhas coincidências", artigo (1995); "*O mofo no pão, O queijo e os vermes, O nome da rosa*: dúvidas e evidências em um complicado processo", artigo (1995); "Os medonhos insucessos do *Vilarejo e outras histórias*", artigo (1995); "Amylton de Almeida entre o romance e o cinema", artigo (1996); *A múltipla presença: vida e obra de Amylton de Almeida*, organização (1996); *De folhas versadas: vida e obra de Roberto Almada*, organização (1998); *Revelação do olhar feminino*, organização (1998); *Júbilo e agonia: vida e obra de Amylton de Almeida*, organização (1999); *I Varal de Poesia da Estação 1ª de Manguinhos*, participação (1999) (RIBEIRO; AZEVEDO, 2008, p. 99-100).

compõem, por assim dizer, o *macrossistema* literário brasileiro. Esses termos nos ocorrem a partir dos argumentos de Arendt (2015), em "Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais", ao tratar do sistema literário de um país continental como o Brasil:

> O rumo da investigação [sobre região, regionalismo literário e regionalidade] fez-me pensar que, em um país como o Brasil, com uma dimensão territorial que quase corresponde à do continente europeu (são mais de oito milhões de quilômetros quadrados divididos em 26 estados, contra dez milhões de quilômetros quadrados distribuídos em 46 países independentes, incluindo outros dez territórios), é inconcebível o fato de pesquisadores e historiadores da literatura não identificarem e enfocarem com maior precisão os sistemas literários que se desenvolvem nos inúmeros âmbitos regionais do país. Da mesma forma, também me pareceu impossível aceitar que, à revelia da pluralidade cultural do Brasil (historicamente desenvolvida), ainda se considerem as manifestações literárias de Norte a Sul como uma unidade aparentemente homogênea, todas elas convergindo para um (epi)centro geográfico e sociocultural (ARENDT, 2015, p. 111).

Por essa lógica, é inevitável considerar que cada região geopolítica (Norte, Nordeste, Sul, Centro-Oeste, Sudeste, Amazônia, Sertão, Serra Gaúcha etc.) ou, em especial, cada unidade federativa (por sua vez, com sua[s] regionalidade[s][13]) do Brasil elabore, mesmo a par do considerado historicamente eixo "central" paulista-carioca, seus próprios sistemas literários, que compõem, ao fim, o brasileiro[14].

Nesse viés, tratar da literatura brasileira produzida especificamente na Amazônia, englobando toda a região Norte (e não somente o estado do Amazonas), ou na Serra Gaúcha, recortando uma parte regional do Rio Grande do Sul, ou em Pernambuco, no Tocantins ou no Espírito Santo é investimento acadêmico importante, uma vez que releva no aparentemente homogêneo sistema literário brasileiro *geral* (ou *macrossistema*) o que historiadores/as e crí-

13. Esse termo é entendido por Arendt como "[...] particularidades culturais de um espaço regionalizado ou que se regionaliza" (2015, p. 115), como a Serra Gaúcha no Rio Grande do Sul. Em "Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais", de 2012, ele afirma que: "Embora Haesbert tenha definido a regionalidade, num sentido lato, como 'propriedade ou qualidade de 'ser' regional', que 'envolveria a criação concomitante da 'realidade' e das representações regionais' [...], penso que existam, em sentido estrito, regionalidades, ou seja, múltiplas propriedades ou qualidades de ser regionais em uma única região. A ideia de regionalidade no singular dá a impressão de existir um bloco homogêneo, quando, na realidade, regionalidades díspares e conflitantes coabitam em um único espaço social, as quais levam a identificações divergentes. Há uma luta constante no campo das representações simbólicas, com a eliminação e a criação de novas fronteiras regionais, fruto das manifestações de autoafirmação das regionalidades. Dessa forma, existe um modo de ser regional não em forma de bloco compacto e coeso, mas cheio de fissuras e imperfeições" (p. 89).

14. Não cabe nos limites desta apresentação desenvolver esse raciocínio, que aqui apenas sugerimos.

ticos/as literários/as concentrados/as no famoso (e desconstruível) "Eixo Rio-São Paulo" não conseguem, por inviável, abarcar[15].

Nesse sentido, e levando em conta que "[...] uma literatura regional se relaciona com outros sistemas literários e se insere em uma trama maior da literatura nacional e, às vezes, transnacional [...]", uma noção como "literatura *em* uma região", proposta pelo pesquisador alemão Jens Stüben e discutido por Arendt (2021, p. 16), enseja e ajusta a compreensão da concepção e da produção da *História da literatura do Espírito Santo*, que, não se restringindo à defesa de um regionalismo laudatório do que se publicou em terras capixabas, acaba por pretender intuitivamente nos anos 1980[16] "[...] definir e caracterizar a vida literária em um contexto regional", considerando-se a "[...] existência de um conjunto de elementos de natureza sociocultural, tal como autores, leitores, editoras e outras instituições de fomento ao livro e à leitura" (ARENDT, 2015, p. 121).

Assim, alguém que se interesse pela produção literária verbal modernista ou voltada para o público infantil e juvenil, para além dos reconhecidos centros literários do país, encontrará, numa fonte como esta, informações e análises úteis para uma pesquisa que procure perceber e dimensionar aqueles assuntos em território nacional de maneira mais detalhada, matizada ou *regionalizada*.

Inspirados nessas coordenadas teóricas em franco desenvolvimento, e junto do Neples, com o apoio da Biblioteca Central e da Edufes, e com o consentimento gentil dos/a autores/a e de seus/suas representantes, a quem agradecemos muito, pretendemos, com esta publicação fac-similada eletrônica de acesso público e gratuito, garantir o registro de uma importante produção histórica e crítico-literária, de maneira a oportunizar e estimular (e colaborar com) a pesquisa em vários planos sobre a literatura brasileira *em uma região* como a espírito-santense.

Referências

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS. **Patronos & acadêmicos**. Vitória: AEL, [s. d.]. Disponível em: https://www.ael.org.br/patronos_e_academicos/pagina_1.html. Acesso em: 30 jun. 2023.

ARENDT, João Claudio. Do outro lado do muro: regionalidades e fronteiras culturais. **Rua**, Campinas, v. 2, n. 18, p. 182-199, 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638287/590. Acesso em: 30 jun. 2023.

ARENDT, João Claudio. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. **Todas as Letras**, v. 17, n. 2, p. 110-126, maio/ago. 2015. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7121/5420. Acesso em: 29 jun. 2023.

15. Mesmo com as louváveis tentativas de pesquisadores como Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa, *Enciclopédia da literatura brasileira* (2001), e Carlos Nejar, *História da literatura brasileira* (2010).

16. As discussões sobre o assunto são relativamente recentes (ARENDT, 2021, p. 17).

ARENDT, João Claudio. Regionalidade(s) e literatura: aportes para um debate teórico. *In*: MOLINA, Hebe Beatriz; CASTELLINO, Marta Elena; VARELA, Fabiana Inés Rita (org.). **Literatura y regionalidades**. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2021. p. 12-18. Disponível em: https://bdigital.uncuyo.edu.ar/objetos_digitales/17014/molinaycastellino-literaturayregionalidades.pdf. Acesso em: 28 jun. 2023.

HISTÓRIA da literatura do Espírito Santo. Vitória: Cultural-ES, [1992]. 3 v. Datiloscrito inédito constante do acervo das Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo. Tombo n. 869,0 (81) (091) H 673.

NEVES, Maria Clara Medeiros Santos (org.). **Estação capixaba**. Vila Velha, 2000-. Disponível em: https://estacaocapixaba.com.br/. Acesso em: 30 jun. 2023.

NEVES, Reinaldo Santos. **Mapa da literatura feita no Espírito Santo**. 2. ed. Vila Velha; Vitória; Cariacica: Estação Capixaba; Neples; Cândida, 2019. (Série Estação Capixaba, v. 20). Disponível em: https://blog.ufes.br/neples/files/2019/10/Mapa-da-literatura-brasileira-feita-no-ES-de-Reinaldo-Santos-Neves.-1.pdf. Acesso em: 27 jun. 2023.

NUNES, Pedro José (org.). **Tertúlia**: livros e autores do Espírito Santo. Vitória, 2005-. Disponível em: https://www.tertuliacapixaba.com.br/index.html. Acesso em: 28 jun. 2023.

RIBEIRO, Francisco Aurelio (org.). **Patronos e acadêmicos**. 4. ed. Serra: Formar, 2014.

RIBEIRO, Francisco Aurelio; AZEVEDO, Thelma Maria (org.). **Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo**. Vitória: Academia Espírito-Santense de Letras, 2008.

BIBLIOTECA CENTR
COLECOES ESPECIA
UFES

PARTE III

HISTÓRIA DA LITERATURA DO ESPÍRITO SANTO

Obra elaborada sob a coordenação da
CULTURAL-ES - Centro Cultural
de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo,
com recursos do
FUNCES - Fundo de Cultura do Espírito Santo.

A PROSA DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: O ROMANCE

Francisco Aurélio Ribeiro

Os anos setenta são o auge do autoritarismo no Brasil. As artes sofrem um grave retrocesso com a censura institucionalizada , as perseguições políticas a professores e intelectuais, o exílio, voluntário ou não, dos artistas.

A Literatura acaba por exercer uma função parajornalística, ocupando o lugar dos meios de comunicação de massa, e predominam os romances do gênero realista, mágico ou jornalístico. Segundo Sussekind, "os filões narrativos de maior sucesso foram a literatura-verdade de João Antônio, José Louzeiro, Aguinaldo Silva, Valério Meinel; a prosa alegórica de um Roberto Drummond, do Incidente em Antares, de Érico Veríssimo, de A festa, de Ivan Ângelo ; textos confessionais como Feliz Ano Velho, Com Licença eu vou à luta ou Tanto faz; fábulas como a Fazenda Modelo de Chico Buarque de Holanda; depoimentos político-biográficos como os de Fernando Gabeira, Alex Polari, Reinaldo Guarany ou Gregório Bezerra; os seis volumes de memórias de Pedro Nava, acompanhados de O menino Grapiúna, de Jorge Amado, e do Solo de clarineta, de Érico Veríssimo".(1)

No Espírito Santo, a pobre literatura local passou ao largo da maioria dessas tendências. Renato Pacheco continua o regionalismo capixaba de Virgínia Tamanini, Adelpho P. Monjardim e outros, publicando, em 1964, seu A oferta e o altar, reeditado pela Ática, SP, em 1980 e distribuído nacionalmente. Este tem como cenário fictício Ponta de Areia, pequena cidade litorânea ao norte do Estado, com seus costumes, tipos populares e maledicências, vivendo pacata e esquecida, até que surge uma companhia de petróleo que começa a perfurar a região, instalando poço pioneiro e surgindo estradas. Com o progresso, aumentam os conflitos, mudam-se os costumes, transformam-se os discursos políticos, as eleições se tor

nam mais violentas. O grande valor da obra está na reconstituição dos costumes locais e no estilo do autor, ágil, de agradável leitura e pleno de humor.

Continuando a mesma linha regionalista, de que é mestre, Renato Pacheco publica Fuga de Canaã, com o subtítulo "Decadência de uma família alemã no Brasil", pela FCAA-UFES, em 1981. Narrativa realista, centrada no ponto-de-vista de quatro personagens narradores, cujos enfoques permitem ao leitor uma visão abrangente dos fatos acontecidos nessa retomada da saga de uma família alemã no Espírito Santo, os Jank, inspirada no Canaã de Graça Aranha. Os narradores são Herman Fischer, o filho do pastor; o delegado Simplício Góis; Helmut Jank, o filho assassino, e Agnela Silva, a professora mulata. Todos os narradores dirigem-se, em seus relatos, a narratários específicos. Num estilo agradável, fluente, que envolve o leitor, o autor retoma o tema do "paraíso terreal", iniciado por Graça Aranha, colocando o homem em face dos seus conflitos. Ao utilizar a técnica da focalização variável, com diferentes narradores contando os mesmos fatos sob suas óticas, permite ao leitor uma visão ampla e diferenciada dos acontecimentos. Dominando a técnica de narrativa realista, quase documental, Renato Pacheco constrói uma obra perfeita dentro da tradição literária.

Seu terceiro livro dentro dessa linha, Reino não conquistado, publicado, em 1984, pela FCAA-UFES, reconstrói, ficcionalmente, a formação da classe burguesa, em Vitória, no século passado, centrando os fatos na figura de Da. Mariana Costa Pereira, filha de Joseph Koster, um inglês, e de uma escrava africana, Manjegbara, que viria a tornar-se mãe do presidente do Estado, Sebastião Costa Pereira, e de seu primeiro bispo, Dom João da Costa Pereira. Narrativa construída em três partes, Reino não conquistado possui como subdivisões: 1º ato-1817 - O manuscrito de Joseph

Koster; 2º ato-1897 - Portal de ouro; 3º ato-1967 - Folhas ao vento. Evidentemente inspirado em O tempo e o vento, de Érico Veríssimo, Renato Pacheco tenta, a seu modo, reconstruir a saga do povo brasileiro, agora, do capixaba. Também como o escritor gaúcho, sua principal figura é feminina, Da. Mariana, como o foram, naquele, Ana Terra e Bibiana. E, ainda como o escritor gaúcho, a terceira parte de sua trilogia é a mais mal elaborada, pela superficialidade, não aprofundamento de análise do contexto e caracterização dos personagens. No entanto, Renato Pacheco é, para os capixabas, o que Érico Veríssimo foi para os gaúchos e brasileiros: um autêntico contador de 'causos', recriador da história através da ficção.

Em 1971, Reinaldo Santos Neves publica, pela Expressão e Cultura, RJ, seu primeiro romance, Reino dos medas. Obra densa, narrativa psicológica, que retrata a vivência de um grupo de jovens, amigos comuns, na busca do sentido para a vida e a descoberta de sua falta, sob o ponto-de-vista predominante do narrador, Théo, a monologar com um narratário, Lólia, em que o triângulo narrativo se completa com um terceiro, Lauro. Outros personagens giram em torno do triângulo como Ana, Fra, Erika, Betina, Paôla, amigas e amantes ocasionais. Num longo monólogo, narrado ao som de jazz, Charles Mingus, principalmente, a narrativa se constrói sob o prisma dos eternos dilemas existenciais do homem: vida/morte; inocência/pecado; sagrado/profano; legal/proibido.Por trás de tudo, uma angústia profunda, o total niilismo Kierkegaardeano. Em seu primeiro romance, o autor revela o domínio da técnica e o burilamento da forma, ao retratar a'juventude perdida' dos anos sessenta.

Em 1978, com a publicação de seu segundo romance, A crônica de Malemort, pela Cátedra, Rio, Reinaldo Santos Neves constrói uma belíssima narrativa, com as ações centradas no espa-

ço fictício de Malemort, na França medieval, e no tempo ficcional de 1347 a 1356, aproximadamente. A história gira em torno de fatos ocorridos durante a guerra dos cem anos, entre ingleses e franceses, e tem como personagens principais Rogiers Besedeable, detentor da herdade de Malemort, e vassalo do senhor de Nelle, e seus filhos, Rogiers Amidieu, seu primogênito e que se torna monge, Thibert de Giac, seu segundo filho, apaixonado pela irmã, Katherine de Malemort, e Gilles Blanchemains, filho bastardo. Narrativa bem elaborada, numa linguagem que reconstitui a da época, apropriando-se, parafrasticamente, de alguns textos medievais como A demanda do santo Graal, Virgeu de Consolaçon e Boosco deleitoso o romance reconstrói, magistralmente, o universo medieval, seus códigos de honra, o imaginário cristão, num trabalho exaustivo de referências históricas e elaboração diegética. Tendo como narrador um personagem medieval, Thomas, e sua moralidade cristã, permite, no entanto, ao leitor moderno, uma viagem no tempo e no espaço, e, pelo distanciamento de ambos, uma leitura crítica que faz, também, compreender o presente e a cultura em que estamos inseridos. Obra atualíssima pelos temas: a luta pelo poder; a ambição humana e a desumanização.

Seu terceiro romance, publicado em 1983, em co-edição da FCAA - Fundação Ceciliano Abel de Almeida da Universidade Federal do Espírito Santo com a Achiamé, RJ, As mãos no fogo: o romance graciano, faz parte de uma trilogia que inclui, também, O poema graciano, já publicado, e o romance A ceia dominicana, em elaboração. Em As mãos no fogo: o romance graciano, as ações se concentram em torno do personagem Graciano, escritor e professor universitário, por circunstância, seus encontros e desencontros, ser dissoluto entre mulheres e homens, desejando-os e repudiando - os todos. Na verdade, a obra traça um painel da burguesia decadente, centrada na família Vaz, a que Graciano pertence, mostrando todo

um clima de intersexualidade, com figuras hermafroditas, num gozo sem culpa. O grande mérito do livro está, mais uma vez, no artesanato da linguagem, no jogo intertextual, principalmente com outros textos literários, de que seu autor, Reinaldo Santos Neves é sem sombra de dúvida, o grande representante capixaba.

Um quarto romance do mesmo autor, Sueli, se encontra no prelo.

Neida Lúcia Moraes, que publicara seu primeiro romance, Olhos de ver, em 1969, edita o segundo, Sete é número ímpar, pela Artenova, RJ, em 1971. Este retrata a vida de jovens estudantes de Direito, no final da década de sessenta a junho de 1970. Utilizando três narradores, Marcos, o filho de um senador, André, seu colega, natural de Vitória, e um terceiro, em terceira pessoa, onisciente, a obra focaliza os filhos da classe média e da pequena burguesia e seus conflitos individuais e sócio-políticos numa época de crise. Apesar do domínio da técnica narrativa por parte da autora, a obra perde em valor literário, pelo pouco aprofundamento psicológico dos personagens, a simplificação de análise dos fatos históricos e o absoluto didatismo, fazendo do romance um panfleto didático para os jovens (leitores?), com evidente prejuízo da qualidade artístico-literária.

Seu outro romance, Simbiose, publicado em 1987 pela Dois Pontos, RJ, apresenta os mesmos defeitos. Ao encaixar uma narrativa dentro da outra e procurando retratar a história do Brasil dos últimos vinte anos, a autora privilegia o real em lugar do ficcional. A preocupação com a realidade político-econômica do país, ora em conversas dos personagens, ora nos textos desses personagens, suplanta a ficcionalidade, tornando as estórias de Manoel Mourão, Eduardo, Zeca e Norminha, os jornalistas que receberam o desafio de escrever, em um ano, um romance que retratasse a realidade político-social brasileira, tão desinteressantes quanto

as histórias que escrevem. Há que se elogiar a tentativa da autora quanto à renovação das técnicas narrativas, o que por si só não faz bons romances.

José Augusto Carvalho estréia na ficção em 1973, com o romance A ilha do vento sul, publicado pela Cátedra, RJ. Este tem como trama a paixão doentia de Humberto pela romena Ina. Ambientada em Vitória, daí o título, de 1960 a 1965, a história do jovem Humberto, professor, escritor, aficcionado pelas línguas estrangeiras e pela cultura externa é, também, o retrato da insegurança, da imaturidade psicológica, da arrogância do jovem alienado, política e socialmente. Frustrado em sua tentativa de amor por Ina, e não bem sucedido em sua tentativa de suicídio, Humberto parte para a Europa, onde vive, algum tempo, com a alemã Karin, o que supera, parcialmente, sua carência de afeto e obsessão por uma "cultura superior". Voltando para o Brasil, Vitória, retoma sua inadaptação à vida e "mediocridade" locais, o que é resolvido com a partida (definitiva ?) para o Canadá, lugar para onde teria ido Ina. Romance psicológico, de juventude, busca e iniciação; narrativa bem construída, em que o autor demonstra o conhecimento da técnica narrativa. No entanto, a alienação do personagem, sua "ignorância" sócio-cultural, sua omissão em relação aos movimentos estudantis e sociais na época em que fora estudante e professor, a fixação doentia por um objeto de desejo estrangeiro, sua arrogância como intelectual e escritor, tudo isso compromete o romance como um todo.

O segundo romance de José Augusto Carvalho, Candaína, publicado pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, em 1984, é uma narrativa realista, de feitura tradicional, mas inverossímil. Os personagens são caricaturas de aspectos desumanos ou psicóticos do ser. Os fatos diegéticos ocorrem em um dia e giram em torno de Veizé, seu amigo Carquilho, com quem marcara uma pescaria, a espo

sa infiel, Carolina, que o trai com o padre do lugar, Paitõe, que tenciona deflorar-lhe a filha cega, Anita, com doze anos. Há um baú, que é achado pelos dois, ao chegarem ao barco de pesca, e, a partir daí, tudo acontece, até à morte do protagonista. No entanto, nada é solucionado: o que conteria o baú? Qual a razão da morte de Rosamunde? Que destino tiveram o padre, sua amante e a filha? Deixando o leitor com suas dúvidas, que poderiam ser melhor encaminhadas pelo ficcionista, este constrói uma narrativa esquizofrênica, sem qualquer apuro formal, elaboração do enredo ou da psicologia dos personagens, deixando ao leitor apenas um pálido estereótipo de aspectos mórbidos do ser, do homem animal, numa narrativa impossível de ser classificada: naturalista? fantástica? alegórica? Psicótica, talvez.

Amylton de Almeida publica, em 1977, numa co-edição da Fundação Cultural do Espírito Santo, Vitória e Artenova, RJ, seu primeiro romance, A passagem do século. Obra madura, é um delirante romance sobre o amor e sua perda. O instante da partida, numa meia-noite de 31 de dezembro de 1999, é a marca da passagem do século. Um século que se extingue com a partida do amado. Ir é perder-se. Ficar também. A angústia da separação figurativizada no século que se extingue. Amylton de Almeida consegue realizar, com maestria, uma grande obra de romance psicológico. Tanto o trabalho com a linguagem, a repetição à exaustão-sua marca dominante, como o amor entre dois homens, são bastante originais na ficção brasileira. Romance na linha de Proust, Virginia Woolf, Joyce, Gertrud Stein ou Clarice Lispector, Amylton de Almeida introduz a modernidade nas letras capixabas, um pouco antes do século se extinguir.

Seu outro romance, Blissful Agony, publicado pela primeira vez em 1972, em edição independente limitada a vinte e oito exemplares, e em segunda edição pela FCAA, em 1988, é um texto o

riginal, diferente e estranho. Tematiza o tempo, como o anterior , com que haja um enredo convencional. Tudo é romance, captado pela angústia de viver e a repetição, sua principal marca, também estilística. Priorizando as imagens, sempre as mesmas, em movimentos repetidos, o autor transmite ao leitor o sentimento e a emoção do tédio de viver, a angústia da mesmice do cotidiano e a necessidade (?) de suportá-lo.

Outro grande ficcionista capixaba é Luiz Guilherme Santos Neves. Sua primeira obra, de 1977, é Queimados : documento cênico, texto teatral de fundo histórico. Publica, pela FCAA, em 1982, um romance, A nau decapitada : Manuscrito de Itapemirim, em que, ao misturar ficção e história, constrói um belíssimo texto , repleto de alegorias, paródias e ironia. Centra o discurso na voz do narrador, o major Marcelino, incumbido de conduzir o presidente Machado de Oliveira, nomeado para a província do Espírito Santo , de Piúma a Vitória, e, após cumprida a sua missão, a história se prolonga em idas e vindas pelo litoral do Espírito Santo, na busca do baú de viagem do presidente e do próprio sentido da história . Além da enorme galeria de personagens que apresenta, cada um com sua história pessoal, o melhor da obra está no trabalho com a linguagem, repleta de elementos arcaizantes, rica, sugestiva e, sobretudo, irônica. Enfim, A nau decapitada, embora centre seu tempo histórico no século passado, é atualíssima, original e moderna.

O segundo romance de Luiz Guilherme Santos Neves, As chamas na missa, obteve o segundo lugar no prêmio Rio de Literatura e foi publicado pela Philobiblion, em 1986. É um romance histórico, cuja história situa-se na Vila do Santíssimo Sacramento, no século XVIII, traçando um painel do Brasil como colônia de Portugal e as ações da inquisição, pela perseguição de judeus, a delação, a tortura. A duração da história é a duração da missa e, se

gundo o prof. José Arthur Bogéa, da UFES - Universidade Federal do Espírito Santo,o romance "pode ser enquadrado como uma metáfora de 1964, do que está se passando hoje no Chile ou África do Sul,porque a Inquisição fazia as vítimas falarem sob tortura (...), proibia o casamento de cristãos novos com católicos (...) e não atingia apenas herético-judeus, mas, partindo de um sentido religioso, atingia se a todos os outros setores da atividade humana." [2]

O romance de Luiz Guilherme é, mais uma vez, enriquecido pelo artesanato com as palavras, a ambivalência de termos e temas, a intertextualidade musical e religiosa, as referências ao folclore luso-brasileiro, negro e índio e à literatura erudita como Os Lusíadas.[3]

No Rio, José Carlos Oliveira consagra-se como cronista do Jornal do Brasil, publicando, também, romances, dentre os quais: O pavão desiludido, Rio, Bloch, 1972. Romance de memórias, que retrata a vida do autor, em Vitória, a partir do seu nascimento, "nu, com vermes, com perebas e com fome" até sua ida para o Rio e primeiras tentativas de sobrevivência na carreira que escolherá, o jornalismo. Escrito numa linguagem realista, mas sem perder o lirismo , Carlinhos de Oliveira consegue realizar, com esse livro, uma obra-prima do romance memorialista, em que a visão crítica e cética do adulto narrador consegue destilar da infância miserável, das decepções com a descoberta da miséria do mundo adulto (a mãe amarga e castradora , o pai estuprador da irmã e suicida, a iniciação sexual em troca de alimento, a madame devoradora e desumana a quem entrega marmita), a inocência da criança, o arco-íris mostrado pela irmã, o desejo de ter o zepelim. Uma maravilha de obra, infelizmente até hoje desconhecida pelos leitores.

Em 1977, publica Terror e êxtase, romance que se enquada na " literatura-verdade" dos anos setenta, retratando a violência dos sequestros, a desumanização dos grandes centros, exercendo

uma função parajornalística, comum na literatura daquela década.

Seu outro livro, publicado pela Codecri, em 1981, Um novo animal na floresta : romance bastardo, segundo o autor, mantém a técnica da narrativa realista documental, dos anos setenta, e tem como espaço de narração os bares da Zona Sul do Rio, como narrador o cronista do Jornal do Brasil, Carlinhos de Oliveira, de onde, a trás de um copo e outro de uísque, reconta, em "flash-back", os a contecimentos políticos de 68 a 70, a guerrilha urbana, o sequestro do embaixador americano em 69, a "noite interminável" de 1970. En quanto circula nos dois lados da guerrilha, mantendo oculto, em seu apartamento, um jovem perseguido pela polícia, e toma uísque com agentes da informação ou comandantes da marinha, o narrador retrata o passado recente. Com um estilo irônico, cínico, niilista, de jornalista da moda, da "esquerda festiva", numa visão de mundo extrema mente narcísica, cuja própria imagem é refletida num copo de uís - que, escocês, "of course", Carlinhos de Oliveira comprova que a me lhor visão é a de cima do muro, por ver os dois lados, através de uma linguagem lúcida, distante, ferina, como a dos loucos, bêbados e/ou poetas.

José Carlos Oliveira publicou, ainda, outro romance, Do mingo 22, pela Codecri, em 1984.

Em 1982, Antonio Carlos Neves publica Outra vez a esperança, um romance que aborda aspectos da realidade política do Brasil, num painel que se estende de 1964 a 1979. Centrando as ações em torno de três personagens principais, Nando, um estudante universitário de Cinema, na UNB; Berto, seu primo, e Carlos Fortuna, um tenente da Aeronáutica, o autor retrata todo o clima, em Brasília , e no Brasil, dos dias em que aconteceu a "Revolução dos Carangue - jos", segundo uma crônica de C.H. Cony, em 1964. A segunda parte apresenta o desfecho da vida dos três personagens: Berto, casado , professor, empregado numa multinacional alemã; Nando, que assumiu

a guerrilha ativa e foi morto pela repressão; tenente Carlos, preso e anistiado em 1979. A obra de Antonio Carlos Neves se enquadra na literatura de memórias políticas que consagrou Gabeira, Sirkis e outros, e teve uma segunda edição, em 1987, pela Mercado Aberto, do Rio Grande do Sul.

Outros romances, publicados por capixabas, na década de oitenta, foram : O longo amanhecer azul, de Wanda S. Sily, em co - edição da Soma/SP e INL/Brasília, em 1982. Narrativa cujo assunto é a vida de um jovem engenheiro, que se apaixona por uma jornalista i dealista, abandonando, por amor a ela, o emprego, a ex-noiva e a vida que levava. Com a morte da amada, casa-se, sem amar, com outra mulher, e passa a viver em função dos ideais aprendidos com a ama - da. Explorando um tema comum, com personagens irreais, trama su perficial, o livro de Wanda Sily é uma narrativa sem vigor literá - rio, em que prevalecem metáforas românticas e corriqueiras, numa linguagem comprometida pela obviedade do enredo.

Seu Manduca e outros mais escrito por Ormando Mo raes, e publicado pela Academia Espírito-Santense de Letras, em 1986, é uma narrativa tradicional do realismo-regionalista, em que as duas primeiras partes, "Garoto Aprendiz, à beira de um rio" e "Intermezzo-Cajueiro do Sul", centradas na infância, adolescência e maturidade do personagem principal, são bem melhores que a última , "Grandeza e miséria da livre iniciativa". Nesta, a trama se desloca para um pequeno grupo, um médico, sua filha, o gerente do banco e seu Manduca, que tentam, a todo custo, manter o poder econômico e político na cidade. No entanto, a narrativa se perde no jogo de idas e vindas das fofocas e politicagens locais, tornando a obra previsível, em sua última parte.

Bernadette Lyra, que se consagrou como a maior contista capixaba, com três livros editados, publica sua primeira novela ,

Aqui começa a dança, pela Marco Zero, RJ, em 1985. Centrando as ações em torno da jovem Ana, sua novela é uma história sobretudo irônica, repleta de humor e crítica à classe média. "O horror insuspeitável está no trivial" (p. 14) é uma frase que caracteriza bem a mordacidade da autora. Nos desencontros dos anti-heróis urbanos desfila uma legião de drogados, místicos sem convicção, garotões musculosos, menininhas ardentes e naturalistas industrializados, num painel irônico, debochado, da grande fauna urbana de nossos dias.

Desde 1986, da publicação de As chamas na missa, de Luiz Guilherme Santos Neves, nenhuma outra narrativa maior, tipo romance ou novela, foi publicada pelos capixabas, ou que, pelo menos, merecesse alguma avaliação crítica. Em 1987, foi realizado o Prêmio Letras Capixabas, na categoria romance, pela FCAA, saindo vencedor o escritor Paulo Roberto Sodré, com a obra Lhecídio - gravuras de Sherazade na penúltima noite, editado em 1989. Receberam menção honrosa os romances Rocks e Baladas de Marcos Furtado de Lacy Ribeiro, e Maria Trinta Cruzes, de Pedro José Nunes.

NOTAS:

1. Susskind, Flora. Literatura e vida literária. Polêmicas, diários & retratos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, p.10-11.
2. In : Jornal A TRIBUNA. Vitória, 16/06/87
3. BOGÉA, José Arthur. "Proposta de (re) leitura de uma história de tempos passados (As chamas na missa, de L.G. Santos Neves). Apostila, maio, 1987.

A PROSA DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: O CONTO

Francisco Aurélio Ribeiro

Nos anos setenta, prevaleceu a forma literária do Conto, na literatura brasileira. Seja pela brevidade, pela contenção, pela capacidade de expressar os novos tempos, ou mesmo pelo esgotamento do gênero Romance, explorado à exaustão pelo "folhetim", no século passado, e pelos escritores realistas-naturalistas, no início deste século e final do passado, o conto foi o gênero mais explorado pelos novéis escritores, consagrando, sobremaneira, dentre os brasileiros, o "contista mineiro", tal a sua produção e qualidade.

Segundo Antonio Candido, "o conto representa o melhor da ficção brasileira mais recente, e de fato alguns contistas se destacam pela penetração veemente no real graças às técnicas renovadoras, devidas, quer à invenção, quer à transformação das antigas." (1) O citado autor indica, ainda, alguns bons autores do gênero, no Brasil, que consagraram o conto, a partir de 1970, dentre os quais: João Antônio, Rubem Fonseca, Ignácio de Loyola Brandão, Murilo Rubião, José J. Veiga, Roberto Drummond, Luiz Vilela e Márcio Souza.

O grande veículo de divulgação do Conto contemporâneo foram as revistas literárias e os jornais. No Brasil, as principais revistas foram: Ficção, Inéditos, Escrita e José. No Espírito Santo, Cuca e Letra. Esta, criada pelo grupo Letra, em 1981, antes fechada aos componentes do grupo e, a partir de 1985, aberta a outros escritores. Aquela, ressuscitada pela SEDU/DEC, teve cinco números lançados de 1984 a 1986. Alguns escritores capixabas como Fernando Tatagiba, Amylton de Almeida e Marcos Tavares tiveram publicações em revistas de circulação nacional. Outros como Roberto Almada, Paulo Sodré, Valdo Motta e Sérgio Blank tiveram seus trabalhos divulgados pelas revistas locais.

Dois fatores foram os principais responsáveis pela produ

ção, divulgação e incremento ao fazer literário, no Espírito Santo, a partir de 1980. O primeiro foi a criação da editora universitária da Fundação Ceciliano Abel de Almeida-UFES, em 1978 e a primeira publicação da série Letras Capixabas, O sol no céu da boca, um livro de contos de Fernando Tatagiba, em 1980. De lá para cá, foram publicados trinta e seis livros, sendo quase a metade de contos. O outro fator foi a criação de Oficinas Literárias. A primeira tentativa, liderada pelo escritor Oscar Gama Filho, em 1978, teve como participantes os escritores Gilson Soares, Benilson Pereira, Miguel Marvilla, Marcos Tavares e Coelho Sampaio. Em 1981, a professora Deny Gomes, da UFES, organizou o I Seminário de Produção do Texto Literário, atividade que prosseguiu, nos anos seguintes, com o nome de Oficina Literária, oferecida pelo Departamento de Línguas e Letras e Sub-Reitoria Comunitária, e que se tornou um dos mais profícuos lugares de discussão, produção e divulgação de textos literários. Ali se revelaram quase todos os jovens e, até então, inéditos escritores capixabas desta década. A produção de seus autores foi publicada em quatro obras distintas: 1º) Ofício da palavra. Textos de oficina literária. Vitória, FCAA, 1982; 2º) Traços do ofício. Textos de oficina literária. Vitória, FCAA, 1983; 3º) Revista Letra. Vitória, FCAA, 1985; 4º) Toques. Vitória, CCV, 1986. A partir de 1986, o Departamento Estadual de Cultura começou a promover atividades de Oficina Literária junto à comunidade. O escritor Valdo Motta coordenou uma com a comunidade de Itanhenga, em 1986; Paulo R. Sodré, no Centro Cultural Carmélia, em 1987; Roberto Almada e Adilson Vilaça, também no Centro Cultural Carmélia, em 1988.

O conto, no Espírito Santo, apresenta as várias modalidades do gênero que o consagraram como a forma literária preferida da década, desde a prosa realista, quase naturalista, documental, de Fernando Tatagiba, Adilson Vilaça e Lacy Ribeiro; o realismo fantástico, mágico, crítico, de Bernadette Lyra, Fernando Tatagiba e Adil-

son Vilaça; as seduções do jogo verbal de Marcos Tavares e Paulo Sodré; o drama do cotidiano burguês, em Bernadette Lyra e Sebastião Lyrio; o quase-poema de Ivan Castilho, Paulo Sodré ou Sérgio Blank; o cinematográfico e o teatral de Sebastião Lyrio, Francisco Grijó e Debson Afonso; a recriação histórica e a experimentação lingüística, arcaizante, de Reinaldo e Luiz Guilherme Santos Neves; o tradicionalismo e a oralidade de Geir Campos, José Augusto Carvalho, Rubem Braga e Renato Pacheco; o registro fotográfico de Álvaro José Silva, Marco A. Carvalho, até o vanguardismo e a marginália de Sérgio Blank e Flávio Sarlo.

Os principais autores e livros de contos capixabas publicados a partir da década de setenta foram:

1) GEIR CAMPOS: Capixaba, de São José do Calçado. Pertenceu à "Geração de 45" como poeta. Possui vários livros de poesia, teatro e ensaios. Seu único livro de contos, O Vestíbulo, publicado pela primeira vez, em 1960, pelo MEC e reeditado pela Ática, SP, em 1979, na coleção Autores Brasileiros, reúne nove contos, de excelente qualidade, que trazem as características da geração de 45: perfeição formal, contenção de linguagem, prosa cerebral. Em Geir Campos, há a antecipação do gênero "realismo fantástico", uma das marcas do conto brasileiro contemporâneo. Os temas de que trata, em seus contos, são: a inevitabilidade do destino ("O amigo"), a amizade e a necessidade de matá-la ("O amigo"), o desafio superior às forças humanas ("O pau-de-sebo"), o dilema entre o bem e o mal ("A faca"), a verdade e a fantasia ("A estátua"), a herança dos sentimentos profundos ("A mina"), a cobiça material acima do espiritual ("O cofre"), o afastamento do outro pela não aceitação da diferença ("O leopardo"), a farsa para aparentar-se herói ("O atleta"). Seu grande mérito é trabalhar o conto em todos os aspectos que o firmaram como o gênero preferido da década: condensação de episódios, texto sintético, linguagem contida, temática diversificada, ritmo rá

pido, cerebralismo. Em sua única obra de contos publicada, o capixaba Geir Campos revela-se um mestre no gênero, como já o demonstrara ser na poesia. Contos como "A faca", "O vestíbulo" ou "A mina" são dignos de figurar em qualquer antologia.

2) RUBEM BRAGA: Capixaba, de Cachoeiro de Itapemirim, onde nasceu em 1913, é o mais famoso cronista contemporâneo. Autor de várias obras, dentre elas, A borboleta amarela, Ai de ti, Copacabana, A cidade e a roça, O conde e o passarinho, O homem rouco e A traição das elegantes. A crônica, enquanto espécie literária moderna, está profundamente ligada à atividade jornalística, e pode ser episódica ou narrativa, lírica ou dissertativa. A crônica episódica ou narrativa está muito próxima do conto, e Rubem Braga a cultivou, ainda que a maioria de suas crônicas sejam de natureza lírica.

No Espírito Santo, Rubem Braga teve publicado o conto/crônica "Aula de Inglês", em Antologia dos Contistas Capixabas, da Fundação Cultural do Espírito Santo, em 1979. A FCAA-UFES publicou, de sua autoria, Crônicas do Espírito Santo, em co-edição com a Secretaria de Educação Estadual e como volume décimo-sexto da Coleção Letras Capixabas.

3) JOSÉ CARLOS OLIVEIRA (1934-1986): Nasceu e morreu em Vitória. Foi cronista do Jornal do Brasil por mais de vinte anos. Publicou, entre outros, o livro de crônicas Os olhos dourados do ódio, 1962, e os romances: O pavão desiludido, 1972; Terror e êxtase, 1977; Um novo animal na floresta, 1979 e Domingo 22, 1984. Deixou inédita a peça teatral Borboleta 14 e 15. Também teve contos publicados na Revista Ficção, RJ e Letra, nº 7, Vitória, 1988. É um dos poucos nomes capixabas nacionalmente conhecidos, ao lado de Rubem Braga e Geir Campos. Publicou, pela FCAA-UFES, em 1986, o seu primeiro livro de contos, concluído pouco antes de sua morte, Bravos companheiros e fantasmas.

Bravos companheiros e fantasmas é um livro estranho, exótico, segundo o editor, contendo "contos infantis ofertados a adultos nostálgicos de meninice e ingenuidade", para o seu autor. Para ele, ainda, "Uns são histórias maravilhosas; alguns, ficções fantásticas; há também construções futuristas, ambiência de sonho aparentadas ao realismo mágico, encontros de anjos com demônios e surrealismo pictórico e foto-grafismo..." Pode-se concordar com a afirmativa de estranheza, exoticidade e de ficção fantástica ou maravilhosa dos contos de Carlinhos Oliveira. No entanto, seu livro é uma obra irregular. Dos vinte e um textos do livro, nem todos são contos, realmente. Alguns estão mais próximos da crônica, misto de ficção e história, prosa e poesia, sem enredo determinado e distanciamento do narrador. Vários trazem uma reflexão metalingüística sobre o processo de criação ou filosófica sobre a vida. Outros como "Anita-aliás, Anette e a lâmpada mágica", "A prisioneira do camarim", "Eis a liberdade, Nacha" e "Mistério em Montagnola", aliam a estrutura do conto tradicional aos de feitura mais moderna, pela fragmentação do eu-narrador, diálogo com as diferentes vozes narrativas e interpenetração de gêneros. Bravos companheiros e fantasmas é uma obra que não desmerece seu autor: é seu último canto de pássaro, exótico e solitário, "pássaro extinto da floresta extinta".

4) EVANDRO MOREIRA (1939-): Natural de Cachoeiro de Itapemirim. Fundador e primeiro presidente da Academia Cachoeirense de Letras. Publicou várias obras de poesia e um livro de contos, Os compadres, em 1987. Eminentemente poeta, seu livro de contos reúne nove bem escritos contos, mas sem nenhuma originalidade temática ou lingüística. O autor, apesar de conhecer a técnica do conto moderno, ("mais dinâmica, mais objetividade, mais arte visual, linguagem cinematográfica"-suas palavras), preocupa-se apenas com o relato sincero de histórias que possam significar "algo para alguém e talvez sirvam para alguma reflexão". Reduzindo a Literatura à função didática ou pedagógica, o autor empobrece a arte literária no

gênero que a consagrou a partir da década de setenta, o Conto. Quando se preocupa menos com o ensinamento e mais com a captação de um flagrante da realidade, Evandro Moreira realiza um trabalho melhor, visto que sabe trabalhar a palavra. É o que acontece, por exemplo, com o conto que dá título à obra, "Os compadres", e com outros dois, "Renúncia" e "Olhos de ponte".

5) RENATO PACHECO (1928-): Nascido em Vitória, é autor de trabalhos de sociologia e folclore, bem como de poesias, contos e romances. Seus livros publicados são: Antologia do jogo de bicho, 1951; A oferta e o altar, 1964; Fuga de Canaã, 1981; Reino não conquistado, 1984; Cantos de Fernão Ferreiro, 1986. Seus contos publicados foram: Lali e outras histórias, São Mateus, 1979; A gruta e outras histórias, São Mateus, 1983, e A dançarina impossível e outras histórias, São Mateus, 1987. Publicou, ainda, "Pré-conto", na Revista Letra, 1981 e "Veneno para matar uma rata", Revista Letra, 1983. Renato Pacheco é possuidor de uma prosa correta, tradicional, fundamentada em fatos reais, históricos ou de origem popular. De leitura agradável, seus contos, ao mesmo tempo que retratam a sociedade capixaba, seus provincianismos e compadrios, permitem-nos uma visão crítica e bem humorada dessa mesma realidade e uma análise do comportamento humano. No entanto, seu melhor trabalho literário está no romance, como em Fuga de Canaã, ou na poesia, como em Cantos de Fernão Ferreiro.

6) FERNANDO TATAGIBA (1946-1988): Natural de São José do Calçado, Fernando Tatagiba foi um dos mais atuantes escritores capixabas das décadas de 60, 70 e 80. Época do "boom" das revistas literárias, teve contos publicados em várias delas, sendo o representante da revista Ficção, em nosso Estado. Ganhador de vários concursos literários, deixou publicados os seguintes livros: O sol no céu da boca, Contos, FCES/FCAA, 1980; Invenção da Saudade ,

Contos e Crônicas, s/Ed, 1982; Rua, Contos , Crônicas e Reportagens FCAA/BANDES/COOJES, 1986; História do Cinema Capixaba, SMC/Prefeitura Municipal de Vitória, 1988 (obra póstuma). Deixou inéditas algumas obras.

Fernando Tatagiba é o mais legítimo representante da literatura de cunho popular, urbano, dos anos 70. Em Rua , chega a publicar um manifesto intitulado "Por uma Literatura-Povo, por uma Literatura-Rua", onde se evidenciam os traços, tipos, personagens e cenário de sua poética. Mas o seu grande valor é o trabalho estético com a linguagem, sua capacidade de síntese, sensibilidade em retratar a comédia urbana dos nossos dias. Dominou perfeitamente a técnica do conto e da crônica, explorando as várias modalidades de narrativa: a lírico-confessional, o registro policial, o processo burocrático, o diálogo entre narrador e narratário, num processo parródico, intertextual, que o coloca ao lado dos melhores contistas nacionais.

Seus textos curtos e substantivos poderiam ser classificados como "anfíbios" (terminologia usada por Alfredo Bosi), misto de conto e crônica, fantasia e realidade, estranho e maravilhoso. Não há um elemento fantástico que detone o insólito, o irreal. Estranha e fragmentada é a forma dos contos; insólito e absurdo é o cotidiano dos personagens kafkianos de Tatagiba.

Fernando Tatagiba é o maior cronista da Vitória contemporânea e sua transformação violenta de uma cidade provinciana em metrópole industrializada e desumana. Seus contos e crônicas possuem as seguintes temáticas: o absurdo do cotidiano, a falta de significado para a existência, a realidade enquanto representação, o conflito entre a essência e a aparência, a burocracia e sua ilogicidade, a política e sua corrupção, a solidão e a miséria, o absurdo da morte, dentre outras. Aparentemente, seriam, em sua maioria, temáticas ligadas mais ao individual que ao social. No entanto, lidos sucessivamente, os contos nos traçam um amplo painel, irônico, doloro

so e pungente, um caleidoscópio da fauna humana que constitui a dramática comédia humana.

7) BERNADETTE LYRA: Natural de Conceição da Barra, onde nasceu em 1938, Bernadette Lyra é, sem dúvida, o maior nome das letras femininas capixabas. Professora no Departamento de Línguas e Letras da UFES, tem Mestrado e Doutorado em Comunicação. Iniciou sua carreira literária nas colunas de A Gazeta, Vitória, ali publicando contos, crônicas e poemas. Premiada em concursos, dentre eles o III Concurso Nacional de Contos do Paraná, teve seu primeiro livro publicado, As Contas no Canto, contos, pela FCAA-UFES, em 1981. Depois foram publicados: O jardim das Delícias, Contos, Vitória, FCAA/UFES; Corações de Cristal ou A Vida Secreta das Enceradeiras, Rio de Janeiro, José Olympio, 1984, e Aqui Começa a Dança, Rio de Janeiro, Marco Zero, 1985. Teve um conto publicado na Antologia de Contos Capixabas, FCES, 1979, intitulado "Anjos". Participou de um encarte da Revista Letra, Vitória, de 1983, com "Três Histórias de Cão" ou "Cão, Cão, Cão", da Revista Imã, nº 2, Vitória, 1985, com o conto "Criaturas da Noite", e da Revista Letra, nº 6, publicada em 1988, com o conto vampiresco "A Chave dos Sonhos".

Os contos de Bernadette Lyra são, em sua maioria, verdadeiras obra-primas no gênero. Suas principais marcas são a síntese ao extremo (há contos com dez linhas), o lirismo aliado à acidez, à amargura, à ironia diante da vida. Misto de conto e crônica, prosa e poesia, lirismo, drama e tragédia, seus contos revelam, em seus temas: a negação do amor, a ironia pura e simples, o deboche das convenções sociais da classe média e da burguesia, a amargura, a solidão, o veneno das víboras no calor dos desertos dos sentimentos humanos.

O grande mérito da escritura de Bernadette Lyra está no perfeito domínio da técnica do que se convencionou chamar "Realismo Fantástico". Seus contos se aproximam, nesse aspecto,aos de José J.

Veiga e Murilo Rubião. No entanto, não trazem a alegoria política evidente nas obras daquele, nem a presença dominante do mito clássico ou bíblico deste. O que marca a sua ficção é a estranheza do cotidiano, o absurdo das relações humanas, o nonsense da solidão e o desamor.

Pode-se observar, no entanto, uma transformação lenta e constante na obra de Bernadette Lyra. De As Contas no Canto, escrito nos inícios dos anos 70, aos seus últimos contos, publicados em 1988, a extrema amargura e a absoluta contenção da linguagem dão lugar à ironia ferina e a uma maior efabulação dos contos, como se, passado o "sufoco" daquele tempo, houvesse uma recuperação da palavra e da história. Persistem, todavia, a obsessão do essencial, a limpeza da palavra e um profundo sarcasmo diante da vida.

8) MARIEN CALIXTE (1935-): Carioca de nascimento e capixaba por adoção, é jornalista, contista, poeta, publicitário, radialista, pintor, relações públicas. Começou a atuar na imprensa publicando contos e poesias nos jornais de Vitória. Em 1960 chegou a publicar um conto na revista Alterosa, de Belo Horizonte. Em 1976, classificou-se em terceiro lugar no concurso de contos da Fundação Cultural do Espírito Santo e, em 1977, no concurso de crônicas também da FCES, classificou-se em segundo lugar. Seu conto premiado, "O Visitante", foi publicado na Antologia dos Contistas Capixabas, em 1979, na revista Ficção, Rio de Janeiro, e no seu livro de contos Alguma coisa no céu, Rio de Janeiro, Riomarket, 1985. Este constitui-se de seis contos do realismo fantástico que tratam do tema da vinda, aparição ou contato com seres extraterrenos e os terráqueos, em cenários capixabas. Numa linguagem simples, polida, cuidada, Marien realiza contos de agradável leitura e de extrema suavidade. No entanto, os dois melhores contos são, exatamente, aqueles em que o contato com o estranho é mais sugerido que explicitado, como em seu antológico "O visitante" e "Procurem Beto", na melhor tradi-

ção do conto realista-fantástico latino-americano.

9) LUIZ GUILHERME SANTOS NEVES (1933-) : Nasceu em Vitória, é formado em Direito e História, sendo professor da UFES. Publicou Queimados-Documento Cênico, 1977; A nau decapitada, FCAA, 1982 e As Chamas na missa, 1986. Possui três contos publicados na Revista Letra, 1984, sendo que um deles, "As folhetas de Pedro Bueno", também foi publicado em Quer que eu te conte um conto ? , Rio, Achiamé, 1984. Dos contos publicados, "As folhetas de Pedro Bueno" tem motivação histórica a partir de um suposto documento deixado pelo sertanista Pedro Cacunda, que explorou ouro na região de Guandu e Castelo. "Canção de amigo" recebeu influência da literatura trovadoresca portuguesa, e "As migalhas douradas" versam sobre o maravilhoso cristão, na melhor tradição galaico-portuguesa. Luiz Guilherme é um dos maiores representantes da ficção contemporânea capixaba, associando uma linguagem arcaizante e clássica, às vezes medieval, a temas históricos ou de fundamentação realista, numa recriação crítica. Seus livros A nau decapitada e As Chamas na missa foram indicados para o vestibular da UFES.

10) JOSÉ AUGUSTO CARVALHO (1940-) : Nasceu em Governador Valadares. Mestre em Lingüística e Doutor em Letras, é professor no Departamento de Línguas e Letras da UFES. Tem publicados dois romances: A ilha do vento sul, Rio, Cátedra, 1973 e Candaína, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1984. Vários de seus contos foram publicados em revistas, antologias e suplementos literários, dentre eles: "Órfã de filha", em "Quer que eu te conte um conto", Rio, Achiamé, 1984; "Descarregando o defunto", em Contos Capixabas, Vitória, Aracruz Celulose/DEC, 1985 e "Lé com Lé", em Ficções Contos Inéditos. Porto Alegre, 1987, ano I, nº 1.Nos três contos citados, José Augusto Carvalho utiliza,em seu processo ficcional,a técnica da narrativa homodiegética,em que o narrador é também personagem . Recriando a linguagem, buscando no coloquial e nos ditos populares

expressões e palavras, dando-lhes novos significados e estruturações o autor realiza em seus contos uma prosa de ficção tradicionalista, bem feita, superior à de seus dois romances publicados.

11) REINALDO SANTOS NEVES (1946-): Natural de Vitória, licenciado em Letras, tradutor, editor da FCAA, é poeta, contista e romancista. Tem publicados os seguintes romances: Reino dos Medas, Rio, Expressão e Cultura, 1971 (Menção honrosa do INL, em 1973); Crônica de Malemort, Rio, Cátedra, 1978; As mãos no fogo: o romance graciano, Rio/Vitória; Achiamé/ FCAA, 1983. No prelo, está seu quarto romance, Sueli. Na área do conto, tem um livro também no prelo, Má notícia para o pai da criança. Deste, seis contos já foram publicados: "Donzela que vai à guerra ou A fome e a vontade de comer", em Quer que eu te conte um conto, Rio, Achiamé, 1984; "Silvaninha ou Má notícia para o pai da criança", "Bernal Francês ou Não há dois sem três", "Florbela ou Abre a boca e fecha os olhos", em Revista Letra, Vitória, FCAA, 1983; "Conde Olavo ou Tudo como dantes no quartel de abrantes", em Revista Letra, Vitória, 1984, e "O conde preso ou Os pés pelas mãos", em Revista Imã, Vitória, Imã, 1985. Os contos de Reinaldo Santos Neves fazem parte de um ciclo de histórias inspiradas em temas do romanceiro popular. Seu grande mérito está no trabalho com a linguagem, no aproveitamento da linguagem rimada dos cancioneiros ibéricos, na linguagem popular dos contos galegos e na temática comum do imaginário medieval. A partir de um arcabouço histórico, o autor recria, através de uma linguagem clássica, rica de neologismos, anacolutos e subversões sintáticas, textos eróticos, de deliciosa leitura, o que o torna um dos mais perfeitos prosadores capixabas contemporâneos nessa modalidade, o conto.

12) ÁLVARO JOSÉ SILVA (1950-): Capixaba de Vitória, Álvaro Silva é jornalista ligado a esportes e a maioria dos seus contos enfoca temas e personagens do futebol. Tem con-

tos publicados nos jornais de Vitória, na revista Ficção e na Antologia dos Contistas Capixabas, Vitória, FCEs, 1979. Em 1986, publicou o livro de contos Um dia diferente dos outros, pelo DEC e Aracruz Celulose. Este reúne treze contos que retratam, com propriedade, o Brasil dos últimos vinte e cinco anos. Os assuntos e temas fazem um bem detalhado painel do golpe militar de 1964, no conto que dá título ao livro, sob a ótica de um jovem estudante e a repressão militar que a seguiu com suas prisões, torturas e morte. Vejam-se os contos " O piquete", "A solução final", " Traquinagens", "Manhã". Em " A praça" faz uma alegoria política do governo militar na América Latina. Em "O dono da bola", "Dudu Grandeza" e "Janjão", retrata personagens e temas de futebol, essa paixão nacional pouco explorada na literatura. "Pensando em Raquel" e "O endereço de Marina" focalizam a desilusão amorosa. "O mal-entendido" retrata um assalto frustrado e o diálogo entre um assaltante, um desempregado, e o quase assaltado, um homem de pijama. "Passageiro em trânsito" descreve uma cena de sexo, dentro de um carro e o cinismo machista. Se a maior qualidade de Álvaro Silva é o "registro" dos fatos, a fidelidade ao objeto que recria, conforme o anuncia José Irmo Gonring, esse é, também, o seu maior "defeito". Seu livro se ressente de uma maior experimentação lingüística , de uma imprevisibilidade nos desfechos, numa melhor elaboração psicológica dos personagens. Fica, no entanto, para o leitor, como um "autêntico registro artístico de uma época de triste memória", segundo José Irmo. Mais registro que artístico, poder-se- ia acrescentar.

13) LACY RIBEIRO (1948-): Capixaba de Barra de São Francisco, publicou: Primeiro passo, poesia; Contos de rêis, Rio, Cátedra, 1986 e Avenida República, Rio, Cátedra, 1987. Também escreveu um romance, Rocks e baladas de Marcos Furtado, que recebeu menção honrosa no concurso literário da FCAA, em 1987. A Revista Letra nº seis, de 1988, publicou um conto seu, "O presente" .

Os contos de Lacy Ribeiro seguem à risca o manifesto de Fernando Tatagiba, em Rua : ser uma literatura que retrate o povo, a rua e sua fauna humana. Numa linguagem sintética, contida, irônica, excessivamente realista, crua, às vezes, sem ser fácil ou mal cuidada, Lacy focaliza o submundo de Vitória, as suas madrugadas e personagens : mendigos, pivetes, prostitutas e travestis. Seus temas recorrentes são : a miséria, a solidão, a violência, o desamor, nos grandes centros urbanos. Mesmo fazendo uma prosa tipo naturalista, contos como "Banquete" (em Contos de réis) e "A cega " ou "Novenas da esperança " (em Avenida República) revelam um lirismo quase romântico, que denunciam a miséria social sem perder a subjetividade.

14) AMYLTON DE ALMEIDA : (1946 -): Nascido em Afonso Cláudio, é jornalista, crítico de cinema, cineasta . Tem publicados : Blissful Agony, 1972; 2ª. ed. pela FCAA, 1988; A Passagem do Século (romance), RJ, Artenova, 1977; Mamãe desce ao inferno (teatro), 1980; Tem Xiririca na Bichancha (teatro, com outros autores); A Noite das Longas Facas e My Funny Valentine (teatro, Cooperativa dos Jornalistas, 1985); Lugar de Toda Pobreza, reportagem. Escreveu também Autobiografia de Hermínia Maria, romance, inédito. Tem o conto "Kid Malandrão das Morenas", publicado em Ficção, nº 20, agosto de 1977. Escrito em 1970, quando era redator e repórter policial do jornal O Diário, que um ano antes havia denunciado o escândalo do Esquadrão da Morte capixaba, o conto retrata o sentimento do personagem, assassino ou não, diante de dois cadáveres. Numa prosa psicológica, Amylton de Almeida faz uma leitura do interior do personagem, contrastando-o com a realidade do mundo exterior.

15) MARCO ANTÔNIO CARVALHO (1951 -): Capixaba, de Cachoeiro de Itapemirim, vivendo em São Paulo, desde 1972, é jornalista e escreveu livros para crianças e teatro. Tem um livro de contos publicado pela Ed. Littera Maciel, em São Paulo, intitulado Vinte Contos. Este é a reunião de estórias escritas entre

1977 e 1980. Com um estilo ágil, dinâmico, Marco A. Carvalho traça , em seus contos, um painel da sociedade brasileira na década de setenta. Escritor do presente, fala, com ironia, do machismo (Em "Modernidade", "Cena", "Conversa" e "O Peso da Cruz"), mostra a visão infantil do mundo adulto ("O Dia do Fim do Mundo", "O Hino", "A Mãe que era boa"), a burocracia e os preconceitos ("Igualdade Racial") , o futebol, seus mitos e ídolos ("Craques da Pelota", "Impotência") , a violência nas cidades ("Processo Normal", "Carta"), a conquista amorosa sob a perspectiva feminina ("Ele"), a questão política vista sob a perspectiva do poder econômico rural e reacionário, numa alegoria ao Golpe Militar de 64 ("Diário") ou dos que foram dominados por ele ("Num Futuro Qualquer", "Esquerdinha"). O penúltimo conto, " Uma Estória" é uma brilhante confissão do escritor para crianças, o pai, a seu possível leitor, o filho, a criança. O criador conversa com sua criatura sobre os mistérios da criação e da vida, num brilhante processo de autoreferencialidade.

16) JAYME SANTOS NEVES (1909 -): Professor de Medicina, nasceu em Vitória. Seu conto "A árvore" recebeu menção honrosa no primeiro concurso da revista Status, em 1977. O conto "O colecionador de nuvens" foi premiado em concurso promovido pela FCES e publicado na Antologia dos contistas capixabas, Vitória, FCES, 1979. Pertencendo ao gênero realismo-fantástico, "O colecionador de nuvens" é o protótipo do conto tradicional, de agradável leitura, escrito com técnica de quem domina o ofício.

17) CARLOS DE FARIA : Médico legista, possui um livro de contos, publicado em 1984, O lado alegre da morte. Este, reunindo trinta pequenos textos, contos ou crônicas anedóticas, "em tom de pilhéria muita coisa envolvendo cadáveres, óbitos, espíritos, pessoas que lidam com mortos, etc", segundo palavras do autor. Escolhendo um tema incomum, o "humor negro", o autor realiza uma obra ímpar, pela temática, na literatura capixaba. No entanto ,

pela absoluta falta de artesanato linguístico, seu livro não possui qualquer valor literário. É curiosidade, apenas, e mórbida, para os que a apreciam.

18) OLIVAL MATTOS PESSANHA (1946 -): Nasceu em Vitória. Formado em Letras, é poeta e contista várias vezes premiado. Tem livros de contos e poesias inéditos e publicados seus contos "Paixão Futebol Clube", menção honrosa no concurso literário Aracruz/DEC, 1985, em Contos Capixabas, Vitória, Aracruz/DEC , 1985 e "Canto a um lixeiro aprendiz", no jornal A Gazeta de 08/08 / 1977.

19) JOSÉ IRMO GONRING (1949 -): Natural de Santa Teresa, é formado em Letras e Comunicação. Professor da UFES e jornalista. Poeta, está presente na antologia Poetas do Espírito Santo, Vitória, FCES, 1975 e Poetas do Espírito Santo, Vitória, FCAA, 1982. Tem um conto publicado em Contos Capixabas, Vitória, Aracruz/DEC, 1985. Recebeu Menção honrosa com um livro de poesias na Academia Espírito-santense de Letras, em 1987, e no Prêmio Letras Capixabas da FCAA-UFES, em 1988.

20) PAULO DE PAULA (1932 -): Professor e jornalista , natural de Castelo. Recebeu um prêmio em concurso de contos de Natal. Tem dois livros didáticos publicados em co-autoria e um livro de poesias, Noite clara. Tem o conto "No azul, feliz", publicado na Antologia dos contistas capixabas, Vitória, FCES, 1979.

21) CARLOS CHENIER (1938 -): Gaúcho, mas radicado em Vitória há vários anos. Iniciou-se autodidaticamente em pintura, poesia e jornalismo. No jornal Folha Capixaba, Vitória, assinou uma coluna que lançava jovens poetas. Crítico de artes plásticas, teve um conto publicado, "O apanhador", na Antologia dos contistas capixabas, Vitória, FCES, 1979. Seu primeiro livro de poemas, Vitória 25, foi publicado pela FCAA-UFES, em 1985.

22) PEDRO TEIXEIRA (1942 -): Natural de São José do Calçado. Jornalista por profissão, sempre escreveu para si, os amigos e, esporadicamente, para concursos literários. Escreveu poemas, contos e livros para crianças. Recebeu o primeiro lugar no concurso de poesia da Academia de Letras de Araguari e, em 1981, a menção honrosa para seu primeiro livro de contos no prêmio Fernando Chinaglia. Redator da revista do Sítio do Picapau Amarelo, roteirista de quadrinhos e autor-roteirista da TV Globo, até vir para Vitória, em 1984. Aqui lançou o seu livro de memórias Debruçado na ponte do ribeirão, uma viagem interior cheia de beleza e poesia de um menino e sua infância. Teve um conto classificado no 1º concurso de contos ecológicos de Vitória, publicado em Contos ecológicos, PMV, 1988, e escreve as tiras do "Xumbose", publicadas em A Gazeta, diariamente.

23) CARMEN SCHNEIDER GUIMARÃES: Seu livro Corpo molhado recebeu menção especial no concurso Fernando Chinaglia. Obteve o terceiro lugar no concurso de contos da FCES, com o conto "Processo nº 1708", publicado em Antologia dos contistas capixabas, Vitória, FCES, 1979 e na revista Ficção.

24) IVAN BORGO (1929 -): Seu conto "A bola de fogo"foi publicado no suplemento literário do Jornal do Brasil, em 24/11/1957, e republicado na Revista Letra, Vitória, FCAA - 1985.

25) MIRIAM LEITÃO (1953 -): Teve um conto "Carta marcada", publicado em Antologia dos contistas capixabas, Vitória, FCES, 1979.

CONTISTAS DA NOVÍSSIMA GERAÇÃO

A relação a seguir apresenta autores nascidos nas décadas de cinquenta e sessenta, frutos quase todos das Oficinas Literárias do final da década de setenta e início da de oitenta. A maioria teve seus primeiros livros publicados pela FCAA-UFES na Coleção Letras Capixabas.

1) MARCOS TAVARES (1957 -): Nasceu em Vitória e é, atualmente, funcionário público em Dores do Rio Preto. Contista, poeta, é um dos maiores talentos jovens das letras capixabas. Seus primeiros poemas foram publicados, entre 1975 e 1976, em "Tribuna Jovem". Seus contos publicados na Revista Letra, Vitória, 1981, foram, posteriormente, reunidos e publicados no livro No escuro, armados, numa co-edição da FCAA e Ed. Anima, do Rio, em 1987. Integra a Antologia dos poetas do Espírito Santo, organizada por Elmo Elton, em 1982. Obteve menção honrosa no II concurso universitário de contos da UFES, em 1980. Também publicou os contos : "Os três sozinhos", em Ofício da palavra, Vitória, FCAA, 1982, e "D de dente", na revista Ímã, nº 1, Vitória, Ed. Ímã, 1985. Suas características principais são a exploração da polissemia do signo literário, a criação de neologismos e do simbólico, numa tentativa máxima de captar a expressidade da palavra.

2) ADILSON VILAÇA (1960 -): Mineiro de Conselheiro Pena, mas criado em Vitória. Surpreendeu o júri com a vitória no concurso literário da FCAA, em 1983, com o texto A possível fuga de Ana dos Arcos, publicado em 1984. Obra que poderia ser enquadrada na categoria do neo-realismo dos anos setenta, é uma narrativa quase documental, às vezes crítica, às vezes intimista , em que os personagens são o protótipo do anti-herói moderno. Obteve, ainda, o Iº lugar no II concurso universitário de contos da UFES, em 1980, e o primeiro lugar no I concurso literário da CST ,

de poemas, em 1981. Publicou, ainda, Espiridião e outras criaturas, livro de contos, pela Ed. Ímã, Vitória, em 1987. Ao repetir, em excesso, a fórmula do primeiro, seu segundo livro demonstra uma recaída em relação a uma constante evolução estético-formal que sempre apresentara. No entanto, Adilson Vilaça é um dos nomes promissores da literatura capixaba contemporânea.

3) OSCAR GAMA FILHO (1958 -): Nascido em Alegre, publicou: De amor à política, poemas, ed. marginal, com Miguel Marvilla, em 1979; Congregação do desencontro, poemas, pela FCES, em 1980; O vivo morto, comédia teatral, 1969; Da presença e da fuga, poemas, 1974; Para onde foi o rei?, tragicomédia, 1977; A mãe provisória, tragicomédia, 1978; Estação Treblinka Garden, tragicomédia, 1980; História do Teatro Capixaba, FCAA, 1980; O Teatro Romântico Capixaba, FCAA, DEC, 1988. Como contista, publicou "Malhação do Judas", na Revista Letra 1981 e "Sansão e Dalila", na Revista Ímã, Vitória, Ímã, nº 3, 1986. Seu livro de poemas O despedaçado ao espelho foi publicado pela FCAA, em 1988, na Coleção Letras Capixabas. Oscar Gama é um dos mais completos intelectuais de sua geração, escritor e pesquisador, legítimo representante de seu tempo.

4) MIGUEL MARVILLA (1959 -): Nasceu em Marataízes. Publicou De amor à política, poemas, ed. marginal, com Oscar Gama, em 1979; A fuga e o vento, poemas, ed. marginal, em 1980 e Exercício do corpo, também em ed. marginal. Em 1980, foi o primeiro colocado no Festival Universitário de Poesia da UFES e o 2º lugar no concurso universitário de contos. Teve publicados os seguintes contos: " As ninfas camaleônicas" e "Júlia D.: o banho", na Revista Letra, em 1981 e "Luz e sombra", "Três histórias", " A terceira realidade", "A queda" e "Narciso indeciso", na Revista Letra de 1984. Seu livro Luz e Sombra, inédito, mereceu menção honrosa no concurso literário promovido pela FCAA, em 1983, e foi publi-

cado, reformulado, em 1988, pela FCAA, com o título Os mortos estão no living, na Coleção Letras Capixabas. Neste livro, Marvilla retrata o clima de pós-modernismo em que estamos vivendo, o fim-de-século. Seus temas predominantes são a morte, a destruição, o niilismo total, num excelente trabalho de contenção de linguagem. Miguel Marvilla obteve o 1º lugar no Concurso Literário da FCAA-UFES, de 1988, com um livro de poemas, Lição de Labirinto.

5) SEBASTIÃO LYRIO (1958 -): Nasceu em Vitória. É autor de Tigres de Papel, livro de contos publicado pela FCAA,em 1983 e de Nada de novo sob o neon, contos, editado pela FCAA-UFES e Editora Espaço & Tempo, Rio, em 1988. Tião Lyrio faz parte da primeira geração de novos autores capixabas editados pela FCAA-UFES e confirmou a promessa de bom contista, com seu segundo livro, utilizando, com propriedade, a intertextualidade, num jogo de referências do literário com outros textos artísticos,principalmente da música e do cinema. Em seu segundo livro, Tião Lyrio explora o pastiche literário, repetindo ao extremo o imaginário de nosso tempo, com a ironia e a técnica de um bom escritor "pós-moderno".

6) FRANCISCO GRIJÓ (1962 -): Nasceu em Vitória. Conquistou o prêmio Letras Capixabas, em 1986, categoria contos, com a obra Diga adeus a Lorna Love, publicada pela FCAA, em 1987. Publicou poemas e contos em Traços do Ofício, textos de oficina literária, Vitória, FCAA, 1983. Está ultimando um novo livro de contos, Um outro país para Alice, do qual se extraiu um texto publicado na Revista Letra, de 1988, nº 7. Em Diga adeus a Lorna Love, Grijó associa literatura e cinema, explorando, ao máximo, todo o potencial imagético e literário, para, através dele, tecer um painel irônico da realidade. Retirando do cinema norte-americano , principalmente, imagens, figuras ou símbolos, através de personagens, frases ou clichês, reconstrói, pela palavra, um novo sentido

para a realidade fragmentada e colonizada latino-americana.

7) DEBSON AFONSO (1962-): Também um dos novos e promissores talentos literários capixabas. Radialista, publicou seu livro de contos Batendo na porta errada, o vigésimo-sétimo da Coleção Letras Capixabas, pela FCAA-UFES, em 1987. Esse contém dez pequenos contos, dentre eles dois premiados: "O crime", menção honrosa no II concurso universitário de contos da UFES, em 1980 e "ABC do desejo", primeiro lugar no concurso de contos do DEC, em 1982. Utilizando a paródia de outros textos, realiza o dialogismo intertextual citado por Bakhtin, enquanto utiliza técnicas próprias do discurso cinematográfico, da televisão ou do teatro, tornando o texto extremamente sugestivo, enquanto visual e espetáculo.

8) IVAN DE LIMA CASTILHO (1960-): Nasceu no Amazonas, filho de médico capixaba e reside, atualmente, em Guarapari. Formado em Direito, classificou-se em 3º lugar no II concurso universitário de contos da UFES, em 1980, com o conto "Caramelos", que mereceu uma apreciação crítica elogiosa do escritor João Antônio. Está presente na coletânea Ofício da Palavra, da FCAA, em 1982, com o texto "Deus me livre, que Deus a tenha". Venceu o concurso literário Aracruz/DEC, em 1985, com o texto "O tigre". Este, um mini-conto, de 15 linhas, revela a técnica de seu autor, enfocando uma brincadeira erótica entre marido e mulher, o desejo e a interdição. Seu primeiro livro de contos, O deus do trovão, foi publicado pela FCAA-UFES e Prefeitura de Guarapari, em 1988, e tem como características os textos curtíssimos, relâmpagos, retratando em "flashes" do real, as situações comuns de violência e morte do cotidiano deste fim-de-século. Dono de uma técnica apurada de captar do real a sua essencialidade, Ivan Castilho, em seus contos, atualiza o moderno.

9) FLÁVIO SARLO (1964-): Nascido em Vitória, publicou um livro de poemas pela FCAA, Nas raízes do grito,

em 1982, e um de prosa, Os panfletários, pelas Edições Tupyhanarcus, col. Folhas de seda, Salvador, 1986, que reúne "Contos y Crônicas da Era do Rock", seu subtítulo. Podendo ser classificado como pertencente à Literatura Marginal, pelo tipo de publicação, divulgação, linguagem e temática, Os panfletários são mais crônicas que contos. Em sua maioria retratam a vida urbana, os jovens e suas experiências com drogas e sexo, e seus ídolos, cantores de rock ou escritores "malditos". Alguns, com maior efabulação, são mini-contos, como "Christo, um bruxo" ou "Quem tem medo dos dragões?". Outros são quase-poema, gênero em que Flávio Sarlo é mais criador.

10) PAULO ROBERTO SODRÉ (1962-): Capixaba de Vitória, formado em Letras, Paulo Sodré é poeta (Interiores, FCAA, 1986), ilustrador de livros infantis (Era uma vez uma chave, Miguilim, BH, 1984 e Leve como a folha, id.), autor de livro infantil (Ominho, FCAA, 1986), premiado em concursos de prosa, em âmbito nacional (Yãzigi), de poesia (DCE/UFES) e de romance (Prêmio Letras Capixabas, da FCAA, em 1987). Como contista, publicou "Pássaros na gaiola", em Traços do ofício, textos de oficina literária, Vitória, FCAA, 1983 e "Tons de outono" e "Passageiros", na Revista cuca, Vitória, SEDU/DEC, nº 3, 1985. Paulo Sodré é um artista da palavra, trabalhando com esmero o verso e a prosa, procurando extrair dos recursos sonoros todo o potencial imagético-sensório que eles poderiam produzir.

11) SÉRGIO LUIZ BLANK (1964-): Natural de Vitória, tem três livros de poemas publicados: Estilo de ser assim, tampouco, Vitória, FCAA, 1984, Pus, co-edição FCAA, Anima, 1987, e Um, Vitória, Cultural - ES, 1988. Tem os seguintes contos publicados: "A triologia noir: nojo & espanto & vício" e "Rico de si", na revista Cuca, Vitória, DEC/SEDU, 1985, nº 5 e "A primeira pessoa" (afirmações de um precisado de internação", na Revista Letra, Vitória, FCAA, nº 7, 1988. Sérgio Blank é uma das raras afirma

ções das vanguardas capixabas, aliando uma temática da marginália (sexo, droga, a-socialismo, individualismo) a uma prosa e poesia elaboradíssimas, numa construção moderna, pela angústia e denúncia.

12) GUSTAVO HADDAD (1961-): Nascido em Vitória, obteve, em 1976, o 3º lugar no concurso Machado de Assis, promovido pelo MEC, com uma análise de Dom Casmurro. Publicou, em 1979, o livro de poemas Fantasia. Foi premiado no I Festival Aberto de Poesia do Movimento Literário Universitário, UFES, em 1986. Publicou o conto "Cinza e peludo" em Ofício da palavra, FCAA, 1982. Também foi classificado no concurso literário Aracruz/DEC, com o conto "Quase Ícaro", publicado em Contos Capixabas, Vitória, Aracruz/DEC, 1985. É músico e compositor, lançando, em 1988, um disco independente.

13) PEDRO JOSÉ NUNES (1962-): Nascido em Alegre. Estudante de Letras, teve o conto "Sereia" publicado em Jovens contos eróticos, São Paulo, Brasiliense, 1987. Recebeu menção honrosa no concurso da FCAA, em 1987, com o romance Maria trinta cruzes, ainda inédito.

Autores que tiveram contos publicados em antologias ou revistas:

1) Emílio Gozze: "Os sete filhos" e "Coração", em Ofício da palavra, 1982;
2) Valdeir Lopes: "O homem que viu as plantas" e "Memórias póstumas do álcool", id.;
3) Maria Helena Vasconcelos: "A barata grávida", em Traços do Ofício, 1983;
4) Robson Barros Torres: Textos sem título, em Traços do Ofício, 1983;
5) Regina Célia Cerri Silva: "História comum de amizade rara", em Revista Letra, 1985;

6) Aldi Corradi Tristão (1962-1986): "Feliz Aniversário, filhinha" e "Para o meu amor , poesias", em Revista Letra, 1985;

7) Anilton Trancoso: "As tábuas da lei" e "A morte sagrada das pequenas criaturas", id;

8) Mária Santos Neves: "Dulce em verde e vermelho" e "Mulherzinha", id.;

9) Paulo Roberto Ceotto: "Antes eu quero um gole de chá" e "Essência de baunilha", id.;

10) Sinval Paulino: "Eppur si muove" e "Rachel", id.;

11) Andréia Curry Carneiro: "Blue Moon", em Contos Capixabas, Aracruz/DEC, 1985;

12) José Guilherme Pagliola: "Desengano", idem;

13) José Marcos Berger: "A hidra de pilares", idem;

14) Hélio Rossetti Jr.: "Dia a dia caiçara", em revista Cuca, nº 5, SEDU/DEC, 1985;

NOTAS: (1) CANDIDO. Antônio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo, Ática, 1987, p. 210

OS ANOS 70 E 80: A POESIA

Deny Gomes

A afirmativa, corrente na época, de que os anos 70 caracterizaram-se, fundamentalmente, pelo "vazio cultural", é passível, hoje, de retificação. É claro que, diante da vitalidade e da fermentação experimentalista dos 60, a década seguinte pareceu, em seu tempo, oca e apagada. Mas não foi bem assim.

O Brasil, no início da década de 70, achava-se politicamente submetido a um regime de força com um aparato repressivo atuando com plenos poderes, a censura impedindo qualquer contestação ao sistema, forçando o afastamento dos intelectuais e artistas de esquerda do operariado e das organizações de trabalhadores, na cidade e no campo.

O terror cultural campeava na universidade, cientistas e professores eram cassados e exilados, a UNE estava proscrita, não havia lideranças políticas, trabalhistas ou estudantis que ousassem desafiar a repressão da ditadura.

Na MPB, algumas vozes denunciam e protestam (vide letras de Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento), usando, quase sempre, linguagem altamente metafórica, protegendo-se os compositores sob pseudônimos que driblavam (por pouco tempo) a tesoura dos censores.

Economicamente, era a época do "milagre brasileiro". O país endividava-se no exterior e mantinha, internamente, uma aparência de prosperidade. Em razão disso o governo gastava verbas imensas em publicidade que pretendia convencer que o país ia pra frente, que estávamos todos numa ilha da paz e desenvolvimento e quem não amasse o Brasil que o deixasse, numa versão perversa do provérbio popular: os incomodados que se mudem. Muita gente, na verdade, teve que se mudar, mas os que ficaram continuaram a produzir, a pu

blicar, a criar novas formas de expressão que assegurassem o registro daquele tempo pela palavra poética ou pela criação literária em prosa. O romance-documento e a poesia marginal exemplificam bem o esforço do escritor e do poeta brasileiro para superar as dificuldades sócio-político-econômicas vividas na década de 70.

No Espírito Santo as vias encontradas foram, realmente, reduzidas e difíceis. Pouco se publicou em nosso estado nos anos 70, particularmente no tocante à poesia. O desenvolvimento econômico, inegável na história do estado, não ocasionou o boom literário ocorrido no eixo Rio-São Paulo. Afora algumas antologias poéticas, revistas literárias de existência muito curta e a já referida poesia marginal, quase nada acontece no panorama da poesia capixaba, na década imediatamente anterior à atual.

Exemplo de esforço envidado para romper a inércia aparente do processo da produção poética no Espírito Santo foi a criação, por Oscar Gama Filho, em 1978, da Associação Cooperativa de Escritores Capixabas, que, num trabalho pioneiro, fez funcionar uma oficina literária que visava a dinamizar o movimento literário e melhorar o nível de qualidade da criação. Dificuldades de diversa ordem fizeram frustrar a iniciativa.

Em 1979, o Movimento dos Novos Poetas Capixabas, liderado por Benilson Pereira, foi uma tentativa de, juntamente com o grupo teatral Expressão Nossa de Cada Dia, revitalizar o processo de produção e divulgação da obra de poetas capixabas, mas não consegue ir além da publicação de cinco folhetos mimeografados - a Série Expressão Poesia -, textos acentuadamente falhos em termos técnicos e que valem apenas como registro da resistência frente à censura política e econômica.

O suposto "vazio cultural" da década de 70, no Espírito Santo, correspondeu, porém, a nosso ver, a uma fase de gestação de idéias, de contenção de energia e de propostas, de arregimentação de forças que eclodiriam na década seguinte, na esteira do "boom" e

ditorial de 70 e na explosão de novos valores, especialmente no conto e na poesia, ocorrida com mais vigor em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, mas com reflexos no restante do país.

Tentando acertar o passo, em termos de arte e cultura, com os outros estados da Federação, o Espírito Santo inicia a década de 80 também em clima de abertura política, retomada de projetos e encaminhamento das propostas geradas num passado bem próximo.

Assim, em 1980, surge o Grupo Letra, que, por iniciativa também de Oscar Gama Filho, ao lado de Reinaldo Santos Neves e mais Luiz Busatto, José Augusto Carvalho, Renato Pacheco, Miguel Marvilla e Marcos Tavares, constitui-se em núcleo de fermentação de idéias e desenvolvimento de debates que, malgrado uma certa elitização acadêmica, vai resultar na revelação e/ou fortalecimento de uma produção literária de muito boa qualidade veiculada através da publicação oficial do Grupo, a Revista Letra, mais tarde incluída na programação editorial da Fundação Ceciliano Abel de Almeida FCAA.

Em 1982, inicia-se a execução do Projeto Oficina Literária UFES, oriundo do Departamento de Línguas e Letras da Universidade e vinculado à Sub-Reitoria Comunitária, sob a coordenação de Deny Gomes.

Ao longo de seis anos o Projeto desenvolve atividades diversificadas voltadas para o incremento, aperfeiçoamento e divulgação da produção literária de autores capixabas, quase todos jovens e inéditos.

A Oficina Literária, além das reuniões destinadas à criação e debate de textos, realiza, também, encontros com escritores capixabas e de outros estados, promove mostras de poesia, audiovisuais, palestras e debates, edição de livros, folhetos e encartes, treinamento para coordenadores de oficinas, enfim, uma série de atividades que movimentaram o quadro cultural de Vitória, com reflexos altamente positivos para a área específica da literatura.

Participaram da Oficina Literária alguns dos poetas e

prosadores que, em breve tempo, iriam despontar, em publicações individuais, como revelações ou confirmações de talentos que marcaram a década literária de 80. Dentre eles destacam-se: Gustavo Haddad, Flávio Sarlo, Marcos Tavares, Paulo Roberto Sodré, Francisco Amalio Grijó, Valdo Motta, Regina Célia Cerri Silva, Benilson Pereira e Ivan Castilho.

Tanto a produção desses jovens poetas quanto a de autores já consagrados vai assinalar a recente safra de obras poéticas capixabas como uma fase das mais profícuas e criativas de nossa literatura.

É necessário e justo reconhecer-se o papel da Fundação Ceciliano Abel de Almeida que através, principalmente, da Coleção Letras Capixabas, e de seu concurso literário anual, funcionou como elemento de fundamental importância para a revitalização da atividade literária em nosso Estado, na década de 80.

No momento atual, na fase de transição democrática que vive o país, nesse tempo de aguda crise econômica e de grande dificuldade para o florescimento da vida cultural, a literatura capixaba, particularmente a poesia do Espírito Santo, prossegue seu percurso em busca de afirmação e reconhecimento de sua importância, consolidando novos valores, tornando-se, ela também, mais livre, mais moderna e mais significativa.

A seqüência dos três livros de poemas publicados por MARCUS NICODEMUS CYSNE (1), entre 1981 e 1985, evidencia um percurso de criação que foi seguido por muitos outros poetas de sua geração em todo o Brasil e não apenas no Espírito Santo.

Bem ao modo da poesia engajada ou de protesto dos anos 60-70, Invernia chilena é um extenso poema em dísticos livres e brancos que expressa a indignação juvenil do poeta frente aos fatos políticos ocorridos no Chile, em 1973, com o golpe militar e o assassinato do presidente Salvador Allende. A temática, o tom, a referencialidade imediata e a despreocupação com o rigor técnico que

tornam difícil, por vezes, a diferenciação entre a linguagem poética e o relato histórico em prosa aproximam também o poema das produções da chamada "poesia marginal", fenômeno estético-literário da década de 70. A feição material da publicação - um folheto de reduzidas dimensões e capa bastante artesanal - evidencia ainda mais essa proximidade.

Em 1982, ano em que Marcus Nicodemus participa do Laboratório de Criação Literária da Faculdade de Letras da UFRJ, surge O discreto inflamar-se no mundo, segundo momento do trajeto poético do autor, onde o ludismo vocabular, a exploração do espaço gráfico, a quebra da linearidade sintática, somados ao emprego de hífens, parênteses, barras e apóstrofos, demonstram as preocupações com a pesquisa formal, na linha do Concretismo, e exacerbada, no campo teórico, pelo Estruturalismo. A escrita fonética automatizada é o recurso usado (em Brevevida, p. e.) para captar a instantaneidade simultânea do pensamento e da emoção que antecede a perda da consciência. Este procedimento e, também, temas que se destacam em O discreto inflamar-se-no mundo, tais como: a infância; São Mateus, a cidade natal; o amor; a precariedade das situações e dos seres; a própria poesia, serão retomados e desenvolvidos no livro que aparece em 1985.

Branco é um livro extremamente bem elaborado graficamente, utilizando com perfeição as ilustrações, as cores e a diagramação para o enriquecimento da significação verbal dos textos.

O nível sonoro é valorizado pela freqüência das aliterações, das assonâncias, das rimas internas e externas, das onomatopéias que dão destaque às modulações rítmicas, como no poema "Ao velho porto Ao vale do Cricaré Ao parceiro patrício Maciel":

.....

uma marca no rosto
velha de sonho na terra
que passou-se paz passaram-se guerras

sangrentas flechas de rimas arrimo sem arrumação
arco brasas brasões flechas espada faca e facão

O poema-título, que tem início nas primeiras páginas do livro e termina nas últimas, com os demais textos nele intercalados, é um longo e veloz desfile de imagens, alusões históricas, dados folclóricos, onde se mesclam alucinantes enumerações caóticas e nítidas visões da realidade objetiva. A lucidez e a vertigem se associam livremente nesse poema dedicado ao "poeta azul Wallace Stevens", cujo "O homem do violão azul" é citado literalmente, e que incorpora acentos da dicção poética da geração beat.

Assim, longe da simplicidade artesanal, da referencialidade e do espontaneísmo da Invernia chilena e do às vezes ingênuo aproveitamento do legado do Concretismo, verificado em O discreto inflamar-se no mundo, Branco é uma bem harmonizada fusão de sofisticação, precisão, hermetismo, deboche e apuro formal que mantém o compromisso da pós-modernidade com tudo que pode tornar mais expressiva e esteticamente eficaz a linguagem poética.

BENILSON PEREIRA (2) é um dos autores, entre inúmeros, cuja obra nasce sob dois signos que marcam política e literariamente os anos 70: a brutal repressão iniciada na década anterior e exacerbada com o AI - 5 (dezembro de 1968) e a intensificação da produção marginal ou, mais propriamente, a poesia marginal, como forma de resistência à repressão, tanto política quanto econômica. A poesia marginal coloca-se fora do sistema editorial, assumindo o poeta seu papel "enquanto produtor de bens materiais e no interior de um mercado"(3), e é marcada por "uma oposição entre esta produção e as vanguardas (especialmente os concretos)" (4).

Benilson usa linguagem e temas que refletem o cotidiano em sua realidade mais viva e mais próxima, recusando qualquer tipo de sofisticação formal e despreocupando-se inteiramente em relação às questões da gramática normativa.

Seguindo uma prática freqüente nos poetas marginais de 70, Benilson faz muita questão de complementar, em prosa, em apresentações, introduções ou conclusões de seus livros (quase todos mimeografados), as posições assumidas em seus poemas, consolidando afirmativas, reafirmando princípios, esboçando manifestos de rebeldia e inconformismo, como neste fragmento da apresentação de Carícias ao vento, enfaticamente intitulada "Não atirem flores sobre minha sepultura. Prescindo delas".

"Repugna-me o culto a mitos mortos e acho cretinas e falsas as edições póstumas, numa tentativa senil de redimir um erro cometido contra os que mesmo sem meios tentam fazer o registro do tempo em que viveram através de sua arte.

Luto pelo direito do artista ser reconhecido pelo trabalho que faz enquanto pode sorver mesmo que em cálices amargos, o sabor de seu próprio veneno."

Outra peculiaridade que a poesia de Benilson comparti - lha com os jovens engajados da poesia marginal é o tom de exortação à rebelião, à participação nos movimentos contestatórios ao regime militar representado, com obsessiva freqüência, pelas botas que esmagam a liberdade do povo:

Arregace as mangas
camarada
deixe na estrada
as tristezas
parta agora pois o
momento é chegado.

("Ao tremular da nossa bandeira" -Expressão 5)

TOMB./93
Reg. 048.036
Sist. Bibliotecas / UFES

Brasil
terra onde aprendi
a ter muito medo
ter grande medo
ter imenso medo
das botas que pisam
comigo o mesmo chão.

("Brasil" - Expressão 1)

Citando Walter Benjamin, Heloísa Buarque de Hollanda afirma "o engajamento de uma obra só pode ser politicamente correto se a obra for literariamente correta" (5). E acrescenta:

"A função política da obra - sua eficácia revolucionária - não deve ser procurada nas imprecações que dirige ao sistema ou em sua autoproclamação como obra de transformação social, mas, antes, na técnica que a produz - na conformação ou não dessa técnica às relações de produção estabelecidas" (6).

Apesar da generosidade e do ardor, pode-se concluir, se concordamos com a reflexão acima, que a poesia de Benilson Pereira, e da quase totalidade dos poetas da mesma linha - falha em sua proposta política porque falha, inicialmente, na proposta estética que a sustenta enquanto manifestação artística.

A face lírica de sua produção, onde o erótico releva sobretudo, apresenta acentuada tendência a um maior compromisso com a linguagem poética e sua técnica de expressão. Os poemas da década de 80, especialmente em A cumplicidade do beijo, evidenciam a busca da metáfora inovadora, um bom senso do ritmo, alusões oportunas e simplicidade que não cai no vulgar:

ETERNIDADE

Não quero um amor
eterno.
Eternidade
demora muito.
Prefiro um amor
terno
que enquanto dure
seja profano
que leve as emoções
e tenha as delícias
maduras do outono
que seja como o halley
e nos faça gozar 76 anos.
Sem envelhecer, sem aperfeiçoar
sempre em sua bruta forma
de amor vulcão
delicado, sem a perfeição
dos eternos insanos.

(A cumplicidade do beijo)

VALDO MOTTA (7) começa a escrever aos 20 anos já com uma certeza: o poder da palavra poética como único elemento capaz de despertar nos homens a verdadeira vida por investir nela um sentido real. A poesia - o grito poético - é essencial, supera o desespero e a morte, desperta a consciência e move os corações.

Se eu bater minha cabeça
nos paralelepípedos desta rua isolada
até reduzi-la a farelos
não resolve porque o mundo continua.
Mas se eu gritar gritar gritar talvez
desperte os homens dessa catalepsia.

("O momento profundo" - Pano rasgado)

Esta crença no poder da linguagem poética percorre e sus tenta a poesia de Valdo a tal ponto que a própria linguagem se torna objeto de permanente observação e indagação, o poema fala de si mesmo, é seta e alvo simultaneamente:

A poesia é meu aval, sinal na testa
- in hoc signo vinces, crachá que trago
na lapela de meu lado mais escroto. (...)

("Habeas corpus" - Salário da loucura)

Mas esta força poderosa, este louco facão, ágil navalha do verso (Cf. Saga - As peripécias do coração) não é posta a serviço da "poesia de protesto" que, na década de 70, confundia poema com panfleto, e entre dós de peito e pauperismo técnico acabava por mal servir as duas causas: a da política e a da poesia. Valdo Motta não faz versos de contingência e circunstância, ele transporta o momento histórico de seu tempo para todos os tempos, irmana a dor do poeta, que vê seu país massacrado pela repressão, ao sofrimento de todos os poetas e de todos os homens, universalizando o individual, eternizando o transitório, sempre atento à qualidade literária do texto.

O entrelaçamento perfeito do projeto de vida e do projeto poético revela-se no texto, no tecido onde se entremeiam a existência e a arte, mostrando que, na poesia de Valdo, a palavra poética e o existir são uma coisa só.

POEMA

"MEDO DE AMAR"

De tanto que não me amaram
quando amei, o meu amor foi-se
retirando para os confins de mim,
o corpo roxo dos coices

com que o repeliram, coisa
obsoleta e inútil e risível.

Agora, o meu amor escorraçado
espia o de que, faminto, carece ...
Mas os hematomas indeléveis!

E recua mais um passo, amedrontado.

(Eis o homem)

Nesse mundo que se faz linguagem, estão presentes, também a irreverência, o humor, o deboche, como notou Jaguar (8) ao dizer que Valdo: "Sabe mexer com as palavras, ariscas e fluidas, não faz drama, ao contrário, vai de humor no que se assume de bicha, negra e maldita".

Como se confere em:

EVOLUCIONISMO

Depois de diuturna e sistemática
catequese deflagrada, as toupeiras
são animais em vias de extinção.
O que confiro in loco em meus bordejos
pelas ruas e bares, habitat da racinha.
O tempora, o mores, esperneiam
os últimos moicanos.
Assistindo ao fim dessa espécie
seguir-se o surto crescente de viados, lembro Darwin e sorrio.

(Salário da loucura)

Numa linguagem que é deliberadamente a expressão de múltiplas contradições, indo do registro formal da norma culta, com traços classicizantes (no vocabulário, na sintaxe, no uso de expressões latinas) ao uso dos mais espontâneos coloquialismos, gírias e palavrões, Valdo trata temas recorrentes, como o amor, em suas inúmeras variantes, incluindo o homossexual; a injustiça social; o autorita -

rismo arbitrário; a ignorância obscurantista; a esperança de transformação positiva do quadro social; o próprio eu e, como já foi dito, a linguagem, seus mistérios e poderes.

Uma afirmação constante nas análises críticas dos poemas de PAULO ROBERTO SODRÉ (9) refere-se à importância que neles adquirem os dados sensoriais, particularmente o som e a cor. Na verdade, o texto de Sodré é audível e visualizável ao extremo, despertando sonoridades e tons recônditos no tecido verbal com que o poeta cria sua realidade pessoal, individualizada e única.

A expressão verbal de sons e cores, volumes e tons, nuances e notas, se faz em versos repletos de sinestesias, metáforas, aliterações, rimas as mais diversas, ritmos inesperados, em que se revela uma rica herança que vai do barroco ao concretismo, sempre retrabalhada pela emoção e transformada pela originalidade.

Neologismos e ecos classicizantes, brasilidade e helenismo, instrumentos eletrônicos e ressonâncias mitológicas, fazem parte do amálgama poético de Sodré, fusão que não se quer facilmente decodificável porque é assim que a modernidade é: cheia de interfaces, contraditória, pluridimensional:

.....

um saxofone eletrônico fundomusicaliza estios
vaporizados entre edifícios e espelhos e outdoors

ovnis de instantes riscam riscam os dígitos de cronos
milimetrados de saturnos e plêiades se sumindo
zooms zunindo bocejos de madrugada nebulosa
num fluido de partida e chegada e dormência de mim

.....

("Flashgordon" - Faunos e neons)

Marcos Tavares e Oscar Gama, nas "orelhas" e no prefácio

de Interiores, respectivamente, assinalam como peculiaridade temática da poesia de Sodré a despreocupação com o social, a tendência esteticizante, que possibilita argüições de alienações e descompromisso político. Para ambos, porém, a originalidade e a riqueza formal suprem e superam quaisquer supostos vazios de conteúdo.

Tratando sobretudo do amor, em seus múltiplos e diversificados modos de existir, Paulo Sodré constrói seus poemas numa elaboração sintática muito constante, na qual se destaca uma oração com verbo no presente do indicativo (ação momentânea, flash no momento), seguida por um gerúndio, um presente contínuo que acrescenta, explica, enriquece o fato anterior. Assim:

.....

lebitz planam em suas piscinas de íris
brincando com os caprichos de meus dedos

.....

(me amanheço em sua noite de beijo
ladrilho de colibris vinha de arrepios
encharcando palmeiras de ventos e pêlos)

("Viajamentos" - Faunos e neons)

E nesse tempo, que se alonga e aprofunda e permanece, a vida e a morte, o espanto e o tédio, o real e o sonho, convivem e/ou se alternam:

.....

Adoece o sol n'algum lugar em lepras douradas
e fenece fenixiando vid'instantes de porvir
pavindo a noite de sempre no sempre mesmo lá
escalpa as cabeças da luz e sangra o sono
sonando sonhos sendeiros de sovinas sortes.

.....

("Vômito" - Interiores)

E a palavra poética realiza o milagre de harmonizar os contrários, mesmo "(...) encarcerada no palco/das linhas num entalhe de tinta e rima (...)", e o poema eterniza o amor, a dor, o passado de frustrações:

.....

Espalhado permanece no verbo
o poema de angústia fria
percorrendo na veia a poesia
de seu ser de sendas, soberbo.

("Inalcance" - Interiores)

Porque o poeta, o manejador da palavra como bandeira e bússola, é capaz de descer aos infernos (Dante o fez), de mergulhar nos seus mundos interiores, mas encontrar o caminho de volta e contar o percurso feito, como Paulo Sodré faz no poema — título de seu livro Interiores.

LUIZ BUSATTO (10), publicando exatamente no meio da década de 80 O bicho antropóide, vem aumentar o número de professores de letras da Universidade Federal do Espírito Santo que, no penúltimo decênio do século, realizam a fusão entre a prática docente acadêmica e a atividade literária. Juntamente com Paulo Roberto Sodré, Francisco Aurélio Ribeiro, Deny Gomes, José Augusto Carvalho, Ester A. Vieira de Oliveira e Bernadette Lyra, Busatto evidencia que os mestres universitários dispõem-se a ampliar sua área de atuação na literatura, produzindo obras de variados gêneros, estilos e propostas, cobrindo uma extensa gama de opções que vão do romance ao poema, da história infantil ao ensaio, do conto ao livro didático.

O bicho antropóide é uma coletânea de quarenta e dois poemas, dividida em três partes que se integram harmoniosamente por meio de um fio condutor que é a presença do eu lírico, com seus sentimentos e idéias, enunciando-se explicitamente ou nem tanto, mas

sempre identificável, mesmo nos poemas que têm como componente estrutural predominante o não-eu, o mundo exterior, os fatos objetivos ("Hosana nas alturas", "Cidade histórica", "dreamCamburiano", "Os amantes de Camburi", "E toda via se vive", etc).

Os temas recorrentes são o amor, a solidão, o medo, a humilhação, o ser humano desumanizado, o mundo hostil, o poema enquanto via para romper o silêncio frustrante e restabelecer a ordem e o equilíbrio nas relações entre o homem e o mundo.

Homem de seu tempo, Busatto sente-se oprimido, carente, só e amedrontado:

Este canto
é a voz do ser humilhado
o ser solitário no seu canto.

("Gesto inútil" - O bicho antropóide).

E dividido entre o amor e o desamor ("Nunca mais direi"), o mistério e a revelação ("Confidência aos poetas"), o passado arcádico do sonho colonizado e o presente/futuro intergaláctico da esperança e da auto-afirmação ("Lira feroz"), entre o jugo e a libertação ("As grades", "Redenção"), o poeta pode ser irônico, suave, reflexivo, gozador, incisivo, manejando com autoridade e mestria as formas livres do verso, do ritmo, da estrofe, criando neologismos, recorrendo ao diálogo intertextual ("Aula de literatura"), a toda uma rica herança de figuras e tropos clássicos, gostosamente mesclados a gírias, tecnologismos, palavras chulas, que fazem de seus textos um bem exemplar modelo de modernidade.

Há que destacar a fé que Busatto leva na perenidade da arte, única (talvez) certeza de permanência diante da avalanche destruidora do tempo. Fênix eternizada nas fábulas que a contam, a arte garante a permanência do sonho e da voz que o expressa na literatura:

AS FÁBULAS

E morrer contando estas histórias
acontecidas no alto ministério
da vida.
Não esquecer fumos de castelos sonhados
de planetas perdidos
de rios submarinos
contando histórias idas
entrecortadas de mistérios e perguntas.
E morrer pelos tempos alternados
com fantasmas horrores e arrepios.
Estas histórias:
cavalos de fogo despenhados
rasgando aceiros de incêndio imaginário.
Morrer e renascer histórias fabulares
nas histórias novamente acontecidas
em lábios de crianças
que morrerão contando estas histórias
nos altos silêncios parados
sempre mesmas
acontecidas no alto ministério
dos ouvidos.

ROBERTO ALMADA (11) publicou, em 1986, seu primeiro livro de poemas O país d'El Rey& A casa imaginária, texto vencedor do concurso Geraldo Costa Alves (poesia), promovido pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, no ano anterior.

O discurso lírico de Almada realiza a fusão justa entre modernidade e tradição que, numa relação dialética, inicialmente se contrapõem para, em seguida, se superarem na síntese dos contrários. O título do livro já se apresenta, cheio de ressonâncias ancestrais e

lendárias, evocando lugares e seres situados em tempo e espaço fora da realidade pedestre do cotidiano atual.

A idéia de construção, linha de força central dos poe - mas, se desenvolve a partir da caracterização do "país d'El Rey", terra herdada, e na qual o eu lírico está enraizado irremediavelmente. A missão do poeta é construir neste espaço a sua casa, mas, para isso, o país deve ser purificado, dele deverão ser eliminados o ódio e o vazio:

> Assim, por nenhum motivo
> floresça em mim o plantio
> deste ódio e do vazio
> que colho por todo lado.
>
> (O país d'El Rey - V)

Em versos onde se mesclam simplicidade e pompa, rigor e emoção, acentos líricos, épicos e dramáticos, se expressam a perma - nente mutação do país d'El Rey e a tarefa ingente do eu, aberto e disponível, que se constrói ao construir a casa imaginária, resgatan do lembranças, reencontrando lugares, seres e objetos, redivivos na linguagem poética que lhes garante perenidade.

Alguns dos topói clássicos da literatura ocidental - o locus amoenus, o ubi sunt, por exemplo - integram o tecido poético, recriados e recriadores, perenizando o lugar aprazível reencontrado, onde o eu lírico se identifica à fauna e à flora, e trazendo a "ima- gem da mãe que é solicitada para companhia, num dos mais belos momen tos do livro" (12).

Construída a casa, sua contemplação só pode ser feita no seu próprio interior: é a iluminação dada pela epígrafe de João Ca bral de Melo Neto à segunda parte da obra.

Do telhado ao porão, a casa se faz com palavras, com me táforas e paradoxos, com hipérbatos e antíteses, e em sua construção entra o jogo rítmico dos setessílabos, balanceados por versos li-

vres, mais curtos ou mais extensos, entra o jogo de rimas sutis ou explícitas (particularmente em "Muropema", "O curral e o gado rês" , "Equus"). O tratamento lúdico da sonoridade e da semântica, os jogos de palavras, os sentidos latentes e a exploração visual do espaço gráfico são extremamente modernos (concretismo? surrealismo?),em poemas como "O Porão e o porém", "Primeiro animal interior", "O animal final", "De árvores (1)", "De árvores (2)", "De árvores (3)".

Construída a casa, há que habitá-la. É quando o poeta edifica a amada e dá ao espaço e ao tempo as dimensões maiores do amor e da esperança, re-liga os laços com as forças poderosas da natureza e se lança no convívio amoroso, com suas contradições e encantos"à volta e em mim/ docemente/ o braço/qual cândida serpente/cujo laço/me liberta e me prende".(Partes, repartes); suas incertezas ("Deve haver, sim, a amada/em lugar qualquer./ Imaginária e mulher"). (Primeira edificação da amada) e sua tranqüila serenidade ("Quando colher tua face em/mim, lembrai que floresce. / Lembrai que floresce . Ah,/ e ainda é outono!"("Poema geral").

A casa, a árvore, a amada e o próprio eu lírico compõem, assim, a paisagem e a população imaginárias do país da origem e da ressurreição, único lugar da possível vida, situado bem dentro do coração da palavra poética.

Os poemas do primeiro livro de FLÁVIO SARLO (13) - Nas raízes do grito - trazem as marcas da virada da década de 70 na poesia brasileira: a presença (ainda) forte da literatura beat, da contracultura, do desbunde resultante do abandono das atitudes engajadas na seriedade dos movimentos de esquerda; um mergulho, uma via - gem, um paliativo para o sufoco da repressão; a marginalidade em relação aos temas (drogas, sexo, violência) e à linguagem (coloquialismos, desrespeito à gramática normativa, gírias, palavrões). O descompromisso com a racionalidade e com a clareza do texto não foi inventado pelos poetas dessa fase pós-moderna - que, como as demais, demo

rou a alcançar a literatura capixaba -, mas acentua-se no período , gerando novas formas e novos contéudos nesses textos que, em sua instantaneidade, buscam "a mais visceral retomada do instinto flagrado e em seu momento urgente e exato", como afirma Bernadette Lyra na orelha do livro.

As reações negativas dos poetas engajados, as acusações de alienação, o "patrulhamento" foram severos para com os poetas do desbunde (14). Todavia, assentada a poeira da indignação inicial, os próprios engajados reconheceram na rebeldia dos marginais desbundados atitude politicamente coerente e, também, revolucionária.

Para expressar o delírio, a alucinação, o onirismo , Flávio despeja torrentes vertiginosas de enumerações que se acumulam em total liberdade sintática e estrófica, sem nenhuma preocupação com preceitos métricos, seguindo unicamente uma pulsão rítmica acentuada, muitas vezes, pela anáfora, pela epístrofe e pelo paralelismo.

A linha evolutiva das vanguardas do início do século , principalmente o Dadaísmo e o Surrealismo, se desdobra (mesmo não intencional ou programaticamente) nos textos dos poetas das últimas décadas do século XX, entre eles alguns dos capixabas.

Em Flávio Sarlo, as imagens surrealistas do poema-título (15), p. ex., confirmam a herança do movimento liderado por Breton:

NAS RAÍZES DO GRITO

e a pedra rolou de uma lágrima
e o outono ancorou seu navio
num porto vazio e sinistro como o medo
e não deixou as raízes se fincarem no peito
no sangue, no grito.

na lama, na morte
na chama derretendo a cera
mas, eu já tinha percebido as cicatrizes na lua ...

O desgaste da flutuação, lançado pela alternativa Tupyhanarcus, re - força a expressão violenta e rebelde de uma realidade captada de forma não linear, fragmentada, na linha estética punk. Com todo o peso da insatisfação e o desespero próprio deste movimento, que se tensiona na contradição entre a anarquia pela anarquia e o compromisso da ação orientada para derrubar o Sistema (16).

Assim:

URBANAS - 3

Contornar a cidadela social
ludibriando o seu guardião leviatã,
até encontrar uma forma de invadi-la
com a minha legião de bárbaros

e banhar-se ao sol de Babylônia

Praticando, com dedicação e talento, os mais diferen - ciados gêneros literários - da poesia ao teatro, do conto à crítica e à historiografia -, OSCAR GAMA FILHO (17) destaca-se entre os escritores capixabas pela versatilidade e a originalidade de sua produção.

Desde sua primeira experiência poética, publicada juntamente com Miguel Marvilla, Oscar Gama Filho investe contra a banalidade expressiva e temática, avançando em conquistas experimentais, sem se perder em formalismos estéreis e voltando-se sempre para a essência do humano configurado na linguagem poética.

De amor à política já traz as marcas de linguagem que se tornarão identificadoras dos textos de Oscar: o ritmo imprevisto,

ora rápido, fragmentado, compondo visões múltiplas, enigmáticas,como em

A BELA

A bela
mulher
coxa
tem quadris
barrocos, os seus
olhos;
A bela
mulher
rasgada
lê
vogue, sua
majestade;

A bela
mulher
queimada
veste
carne, procura
expiação;
A bela
mulher
charmosa
usa
cáries, olor das
palavras.

O mundo
da bela
mulher
vesga
Da
bela mulher,
aparece quieto,
parece
morta.

ora desdobrando-se em largos compassos, próximo da prosa, intensificando a racionalidade objetiva do poema:

Índice do aprendiz da essência

.....

Sustenta-me
minha consciência, por a haver perdido
na batalha contra
o impossível, e das espadas então desembainhadas a esmo,
restam a noite
e saber do braço leal inseparável meu;
.....

bem como a pontuação, o uso de maiúsculas, a construção métrica inteiramente pessoais, sem compromisso com a normatividade gramatical e que funcionam com elementos constituitivos da lógica própria do poema.

Outro dado - este essencialmente temático - que já se faz presente na primeira obra de Oscar e que perpassará pelos demais livros de poemas por ele publicados, configurando-se com recorrência reveladora da individualidade do autor, é a visão do corpo fragmentado, esfacelado, feito em cacos, evocação (talvez) de um corpo místico que se doa em comunhão ("O desmembrado") ou que é antropofagicamente devorado ("Apascentar das ovelhas").

Congregação do desencontro reafirma as qualidades literárias insinuadas no primeiro livro e revela novas peculiaridades da poesia de Oscar Gama. Em estudo de seis poemas do livro, publicado na Revista de Cultura UFES (18), Ester A. Vieira de Oliveira assinala a contemporaneidade como traço preponderante da Congregação do desencontro, afirmativa baseada na análise das camadas ou estratos do poema, segundo a teoria de Ronan Ingarden. Aliando os aspectos visuais aos sonoros e semânticos, a estudiosa conclui pela simultaneidade das imagens, pela expressão totalizadora do universo poético, pela criação de uma lógica específica deste universo e pela ascendência do intelecto sobre a imaginação como traços caracterizadores da poesia contemporânea particularmente marcantes na poesia de Oscar.

A recriação da linguagem, a subversão do código lin

güístico, a reinvenção dos recursos expressivos, como num trabalho de laboratório, "como um cadinho de alquimista atrás da pedra de toque, que torne de ouro os sonhos de cada um", são as particularidades poéticas concretizadas nos versos do segundo livro de Oscar, conforme a visão de José Augusto Carvalho na apresentação intitulada O poeta e seus poemas. Ao crítico não passa despercebida a importância do nível visual, a função ideogrâmica do texto, a proximidade com a "velha technopaignia" e com os caligramas de Apollinaire.

A retomada revitalizadora de antigas técnicas, o experimentalismo das vanguardas do início do século XX, a irreverência criativa da poesia marginal e do poema-pornô da década de 70, assimilados a procedimentos clássicos, como o cultismo e o conceptismo barrocos, e à grandiloqüência épica fazem do terceiro livro de poemas de Oscar - O despedaçado ao espelho - um texto polêmico, complexo, estranhamente interessante no que tem de, nas palavras do próprio autor, "prisão libertada, escracho, paródia, cinismo e descrença".

Dividido em dez partes (ou Cacos), precedidas pela Carta à minha geração, texto na linha dos escritores marginais ao esquematizarem seus programas literários sob forma de manifestos introdutórios, e sucedidas por um Apêndice, contendo duas explicativas Cartas ao editor, em que Oscar teoriza sobre sua própria criação, o livro conta, através de 76 poemas, a trajetória de um personagem, um narrador autodiegético, às vezes apresentado como heterônimo, outras como alter-ego nomeado anagramicamente (Carlos Damei Magalho Fiade), que transita entre palavras e situações, "estabelecendo e descobrindo suas próprias relações, atuando na produção e na recriação da obra no ato de tentar comprrendê-la".
(Carta ao Editor, p. 159).

Dividido, multiplicado, moderno e clássico, lírico e erudito, jovem e antigo, Oscar Gama é a própria expressão de contradições que, despedaçadas, se miram no espelho da linguagem e nele se refazem indefinida e interminavelmente:

.....

É minha esta cabeça feita de um pé,
E são meus estes pés feitos de um olho e de um ouvido,
É minha esta cabeça que não medita porque caminha,
São meus estes pés que não andam porque presenciam,
São minhas estas asas de aves passadas que amargo
lentamente, como quem acaricia com magras mãos magras
e com poemas engessados e mortos de antemão
pelo sangue coagulado nos edemas.
E seria tempo de viver, juntamente atravessada
na garganta da cidade,
Engarrafando o tráfico
de drogas narcóticas:
A do amor, por exemplo,
Por mais que menstrue e doa e corte
o sangue no orgasmo do templo
que gera o filho da morte.

("Fratura" - O despedaçado ao espelho)

Há na poesia de SÉRGIO BLANK (19) alguns dos traços mais marcantes da produção poética da década de 80, no Brasil. Principalmente na poesia feita pelos jovens. Longe da impetuosidade panfletária dos poetas engajados de 60 e 70, distante do discurso exaltativo e generoso (embora literariamente questionável) que protestava contra a ditadura e clamava pela liberdade e pelo respeito à dignidade do ser humano, a poesia de Sérgio Blank aguça outras armas, levanta outras bandeiras, revela outros propósitos.

Nascido no mês e ano do golpe militar (abril de 64), Sérgio publica, em 1984, seu primeiro livro, Estilo de ser assim, tampouco. Nele se pode ver que foram necessários apenas vinte anos para que se produzisse uma geração de desencantados, de jovens descrentes na capacidade de resistência e de transformação social, especialmente no tocante às possibilidades de a arte, a poesia serem elementos atuantes nesse processo transformador:

Hoje resolvi escrever
Sobre a função
Da poesia
Na cultura
Da sociedade atual
Só consegui fazer esse verso:
Os óculos abandonados à mesa viram tudo.

(Estilo de ser assim, tampouco)

A falência dos valores políticos e sociais, a ignomí - nia do sistema arbitrário, o tempo presente que não altera em nada o passado de falsos mitos e se acelera no rumo da decadência, geram uma visão de mundo que se expressa, com ironia e desprezo, em jogos de palavras, uso exclusivo de minúsculas e alusões a santos, heróis, lugares e objetos do contexto cultural de Vitória e do Espírito Santo, mas que, por extensão, podem referir-se a todo o país:

a pequena grande vitória do santo espírito

o espectro de maria ortiz
lava as escadas fétidas
urina dos mendigos
bagaços da capital
a alma de maria ortiz
encera a rua sete
chão da valsa do burguês
o ectoplasma de maria ortiz
colhe flores artificiais
nos canteiros da praça costa pereira
o espírito de maria ortiz
lustra a hipocrisia
no palácio do santo anchieta
perde as horas na praça oito

O segundo livro de Sérgio Blank, Pus, exacerba, a partir do próprio título, a percepção do apodrecimento do tecido social e a intensificação da derrocada de um mundo sem sentido.

Tendências e movimentos que surgem durante a década de 80 - o punk, o dark - esfacelam a coerência, a racionalidade, o equilíbrio. Nada mais distante que a expressão clara e ordenada da poesia tradicional, da arte de filiação clássica.Nada mais detestável que a linguagem da mídia falseadora, inócua, amorfa.

A poesia,então, se faz de fragmentos, lascas e estilhaços que, segundo Valdo Motta (20), resultam do confronto entre o poeta e os rebanhos mesmerizados, cuja linguagem reificada é despedaçada e reorganizada numa sintaxe do desespero.

Assim é em

O revólver americano

o zape de um golpe
zás - trás aparece o zeppelin no meu zodíaco
zaratustra zanza por aí
uma zanguela de saura

dúzias de símbolos
o último z
dzeta do alfabeto grego

zurro de burro
a marca da rapoza
zorro em cartaz
azar no áz
zero

herde minha errança
muita porta de lar
a cidade desce a colina

e se atrasa ao comício
impregnado nos vitrais da catedral

(Estilo de ser assim, tampouco)

Nesse clima de angústia e desolação baixam, infinitos, o tédio, a morbidez, a insatisfação amorosa e intelectual, numa recusa de novos horizontes e possibilidades que muito têm de fin - de - siècle, mas que não se caracteriza apenas como uma atitude e, sim , como evidência de produndas frustrações em relação a propostas inviabilizadas, como a filosofia hippie de Paz e Amor, o sonho da sociedade igualitária concretizável via guerrilha urbana, o avanço cultural das massas do ideário cepecista e tantas outras.

Dentre inúmeros poemas reveladores de tal posicionamento destaca-se

insensata satisfação

estou satisfeito
em ser uma
pessoa
feito
ou se fazendo
sem idéias
lógicas
sem ter tido
sentido político
vou sobre
viver acima
disso tudo
apenas um
sobrevivente
apenas uma
pessoa triste

(Estilo de ser assim, tampouco)

um monte
um banho no oceano

tudo que é dor
pus em verso
bangue —— bangue o love me acerta no peito
fecho o zíper

(Pus)

Ao publicar Um, no final de 88, Sérgio Blank confirma sua capacidade para insurgir-se contra o banal e o vazio, tornando - se mais corrosivo e irônico, em arrasadores jogos verbais (como nos poemas "O condenado e o nada", "Éter & Febre", "As frases de efei - to"), enquanto expressa, também, o desespero que vem da descrença nas possibilidades de redenção do tédio e do desamor.

OUTROS POETAS

Audífax de Amorim, Xerxes Gusmão Neto e Carlos Chenier de Magalhães, embora tenham produzido toda ou grande parte de sua obra na década de 60, só tiveram seus livros publicados nas décadas seguintes, razão por que se se acham incluídos neste capítulo.

Audífax de Amorim nasceu em Santa Teresa, ES, em 1933, e morreu em Vitória em 1964, de ataque cardíaco. Muitos de seus poe mas foram publicados em jornais de Vitória, como a Folha Capixaba, a Tribuna e o Diário. Em 1982 a Fundação Ceciliano Abel de Almeida pu blicou Poemas, reunindo a quase totalidade da obra de Audífax de Amorim, numa edição crítica organizada pelo Prof. José Augusto Carva lho. Audífax foi sem dúvida um dos principais renovadores da poesia capixaba, com sua ânsia por experimentar novas formas e suas incur - sões pelo concretismo. Na opinião de José Augusto Carvalho, Audífax "foi um pesquisador formal, e, mesmo preso aos 14 versos rimados e metrificados de um soneto, ele sabia inovar: abusava do hiato nuns ,

do quiasmo noutros, não repetia as rimas dos quartetos em outros, rimava insolitamente uma conjunção se com um pronome relativo que, alterava como queria as disposições rimáticas, e chegou a fazer um soneto de versos dissilábicos ("Suicida"). Além disso, parodiava-se a si mesmo, como no soneto "A uma amorosa indecisa". "E prossegue José Augusto Carvalho, em sua introdução ao livro de Audífax: "A pesquisa formal dos poemas sem forma fixa reflete-se seja na criação vocabular (há inúmeros falsos lexemas em sua obra, até mesmo nos sonetos); seja no figurativo, à maneira da technopaignia valorizando o estrato visual (como no poema do liquidificador), seja na valorização da palavra que, para ele, é a própria poesia (veja-se o seu haicai, por exemplo), seja na subversão da sintaxe ou até na ausência dela, como no linossigno único que ele apresentou como exemplo de poema concreto, em que a poesia é a própria carga semântica do vocábulo só, valorizado pelo enorme espaço em branco em que se encontra impresso."

Xerxes Gusmão Neto, capixaba, nascido em 1938, e Carlos Chenier de Magalhães, gaúcho, nascido em 1939, radicado em Vitória a partir de 1960, têm muito em comum como poetas. Ambos fizeram parte da Academia Capixaba dos Novos, fundada em 1962, que reunia os jovens poetas capixabas, que publicavam seus textos na seção Coluna dos Novos, do semanário Folha Capixaba. Ambos ainda, juntamente com Cláudio Antonio Lachini, inconformados com o conservadorismo político e literário dos seus colegas, tentaram formar, em janeiro de 1963, um grupo dissidente, denominado Clube do Olho, redigindo inclusive um manifesto em que expunham as suas idéias. O manifesto permaneceu inédito, e tanto o Clube do Olho como a Academia Capixaba dos Novos tiveram efêmero e superficial impacto, como instituições, sobre as letras capixabas.

Cláudio Antonio Lachini pouco depois deixou o Espírito Santo. Xerxes e Chenier, que aqui permaneceram, tiveram mais tarde coletâneas publicadas por instituições oficiais: Poesias de Xerxes

pela Fundação Cultural do Espírito Santo, em 1977, e Vitória 25, de Chenier, pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, em 1985, com o apoio do BANDES.

Tematicamente, ambos fazem uma poesia perfeitamente sintonizada com a problemática social, política e humana da conturbada década de 60. Vale, aliás, para ambos o que diz Oscar Gama Filho sobre Chenier no texto da orelha do livro Vitória 25: "Pelo seu corpo e pelas suas mãos passaram, gravando sinais no seu físico e no papel de seus poemas, os principais momentos da década de 60, momentos cheios de angústia existencial, de paixão, de militância política, de juventude, de jornalismo, de sexo, de protesto, de drogas, de revolta, de tédios, de falta de horizontes, de repressão, de exploração capitalista, de preocupação social, de fugas e —— em especial —— de arte."

Outro autor cuja poesia revela grandes afinidades com a de Xerxes e Chenier é Renato Viana Soares. Nascido em Muniz Freire, ES, em 1944, Renato Soares viveu oito anos na Europa, exilado por motivos políticos. Nesse período publicou, em Portugal, Poesia seqüestrada. Retornou ao Brasil em 1979, publicando em Vitória, em 1982, seu segundo livro, Sentido da volta.

A poesia de Renato Soares é eminentemente uma poesia engajada, de preocupação social e significado político. Nela está presente, como temática, a sua experiência pessoal de militante político, bem como a sua denúncia contra a repressão dos regimes totalitários, a dominação econômica exercida pelo capitalismo internacional, a injustiça social que é a marca registrada dos países subdesenvolvidos. Vários de seus poemas apresentam, em forma de montagem, paralelamente aos versos, textos do noticiário dos jornais, como ecos da violência sistematicamente praticada contra as nações do Terceiro Mundo e seus habitantes. A temática comprometida com as grandes questões sociais e políticas do nosso tempo não interfe-

re, porém, com a consciência poética do autor, que se vale com fre - qüência de metáforas originais e de imagens insólitas para dar o seu recado, chegando aos extremos de um ocasional experimentalismo formal, como no poema "Ponto".

Renato Pacheco, em meio a vitoriosa carreira de romancista, decide retomar, em 1985, a veia poética da qual haviam fluído, décadas antes, os textos da Poesia entressonhada (1948) e Presentes de Natal para três pessoas simples (1968), publicando,pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, os Cantos de Fernão Ferreiro e outros poemas heterônimos.

Criando três heterônimos - Fernão Ferreiro, Fausto Barbosa e Antão Reis - Pacheco homenageia, no ano do 50º aniversário de morte de Fernando Pessoa, o poeta português, grande criador de heterônimos, outras vozes, almas, multiplicadas que se mostram, unas e múltiplas, como em Renato Pacheco, criativas, clássicas, líricas, modernas, épicas, ora claras e simples, ora herméticas e sofisticadas, mas, sempre, do melhor e mais alto nível literário.

Em sua apresentação ao livro, Oscar Gama Filho classifica os Cantos de Fernão Ferreiro de poema épico regional: "o centro do mundo é o Espírito Santo (o ponto comum a todos os conjuntos) e o centro do Espírito Santo é Fernão Ferreiro (Canto 30), já que é a partir desses dois centros que o poeta lança seu olhar pelos arredores constituídos pelo resto do planeta." Nas palavras do próprio autor: "A composição é caótica: amor e morte, filosofia, ciências e artes, folclore, mitologia, apocalipse, meditação, fluxo do inconsciente, dia-a-dia, uma grande viagem, com um plano, mas quase nunca se percebe que é um épico sem herói, com uma estrutura polifônica final que se assemelha aos últimos e tumultuosos dias deste século XX."

Enfim, os Cantos de Fernão Ferreiro e outros poemas heterônimos, declaradamente inspirados nos Cantos de Ezra Pound, é obra extremamente rica pelos jogos intertextuais, pelas recriações poéticas de pessoas, fatos e locais do universo espírito-santense,

pelos desafios que lança à inteligência do leitor e, sobretudo, pela originalidade da concepção e da realização, traço que a torna ímpar na literatura capixaba.

Gilson Soares, nascido em Ecoporanga, ES, em 1955, publicou, em 1985, pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, o livro Rosa-dos-ventos. Seus textos, que reúnem ao lirismo amoroso acentos de crítica social e reflexos existenciais, primam por uma clareza e simplicidade formais que permitiram, inclusive, a reedição do livro dentro do Programa Salas de Leitura, da SEDU, em 1986, para distribuição entre as escolas de 1º e 2º graus da rede estadual. Poemas publicados posteriormente na Revista Letra nº 5 revelam uma sofisticação maior de conteúdo e forma, sem prejuízo da qualidade intrínseca dos versos.

Deny Gomes, maranhense radicada no Espírito Santo desde a adolescência, professora de Teoria Literária do Departamento de Línguas e Letras da UFES e organizadora de várias oficinas literárias em que se iniciou o aprendizado de diversos autores jovens do Espírito Santo, publicou em 1988, também pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, o livro O desejo aprisionado, reunindo poemas de técnica variada que se caracterizam principalmente pela sensualidade, pela denúncia social, pela dissecação do ego, numa linguagem que se alterna entre a ironia e o escracho, de um lado, e o patético e o dramático, de outro. É uma das poucas vozes femininas na poesia capixaba contemporânea, ao lado de Maria de Lourdes Brandão Fonseca, Dalva Broedel de Almeida e Lacy Ribeiro que, aliás, abandonou a poesia para se dedicar exclusivamente à prosa.

Outro autor que merece registro é Maciel de Aguiar, nascido em Conceição da Barra, ES, em 1952. Maciel publicou prolificamente na década de 70: A sede de cada dia, Remanso em velhos rumos, O anjo acidentado, Andança, A poeira do tempo, Labirinto das horas, volumes em que insere uma poesia forte, telúrica, apaixona-

da, de profunda conscientização da alma e dos problemas do povo.

Dentre os poetas que publicaram poesia em edições alternativas, merece destaque Miguel Marvilla (Marataízes, ES, 1959). Em co-autoria com Oscar Gama Filho publicou De amor à política (1979); individualmente, também em edições mimeografadas, publicou A fuga e o vento (1980) e Exercício do corpo (1981). Marvilla produz uma poesia que se move do experimentalismo formal para a expressão dasataviada do cotidiamo, e vice-versa, sempre com enorme sensibilidade e lucidez. Em 1988 em concurso promovido pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, conquistou o Prêmio Letras Capixabas com o livro Lição de labirinto, que deverá ser editado no ano de 1989.

Marcos Tavares (Vitória, 1957) é um autor que transita bem entre o conto (No escuro, armados, FCAA/Anima, 1987) e a poesia, tendo publicado seus poemas,marcados por extraordinário ludismo verbal, na Revista Letra, a partir de 1981, embora houvesse divulgado antes algumas produções no jornal A Tribuna, de Vitória.

É também na Revista Letra que Reinaldo Santos Neves (Vitória, 1946), mais conhecido como romancista, tem publicado, ocasionalmente, textos de poesia. Na Revista Letra de 1982 publicou um longo poema de mais de 600 versos, o Poema graciano, que, segundo o próprio autor, seria uma paráfrase de The Waste Land, de T.S.Eliot. Diversificado em sua forma e em seu conteúdo, com um elenco de experimentações técnicas, uma imagística original e densa carga inter - textual, expressa através de referências e alusões a textos e autores os mais diferentes, o que justifica e até torna necessária a inclusão de notas ao final do poema (óbvia analogia com as Notes on the Waste Land, de Eliot), o Poema graciano pode ser descrito sim - plificadamente como uma visão alucinada do mundo, do homem e da arte, compreendendo desde reminiscências pessoais até passagens eróticas, desde o questionamento do sentido da vida até a representa - ção quase apocalíptica do isolamento da pessoa humana e da inevita-

bilidade do seu trágico destino. Na origem, o Poema graciano não passava de fragmentos incluídos no romance As mãos no fogo, ali atribuídos a um dos personagens, Graciano Daemon. Posteriormente Reinaldo Santos Neves completou o poema especialmente para publicação na Revista Letra. No número 6 da mesma revista, publicado em 1988, Reinaldo incluiu cinco poemas de amor, que fazem parte de uma coletânea de poemas, ainda inédita, intitulada Tratado da ninfa e outros poemas de amor.

Completam o quadro dos poetas de importância ainda inéditos em formato de livro autores como Olival Mattos Pessanha (nascido em Vitória, em 1946), José Irmo Gonring (nascido em Santa Teresa, em 1949) e Jairo de Britto (nascido em Vitória, em 1952). Dentre os editados, merecem registro João Amorim Coutinho (Os ditadores morrem de medo da primavera, Vitória, Piraqueaçu, 1981), Waldo Morenno (Uma gota de sangue, São Mateus, s.ed., 1982; As maldições da noite, Rio, Shogun, 1983), Anselmo Gonçalves (Noturnos, 1985), autor prolífico, caudaloso, de fértil imaginação, que faleceu em 1987, e as já citadas Maria de Lourdes Brandão Fonseca (Vôos e quedas, 1983, em co-autoria), Dalva Broedel de Almeida (Manhã, 1983) e Lacy Ribeiro (Primeiro passo, 1982).

Uma palavra sobre os "expatriados", ou seja, os poetas nascidos no Espírito Santo que se radicaram em outros Estados do Brasil e ali produziram sua obra. Os mais importantes são, sem dúvida, Geir Campos e Marly de Oliveira, devendo ser citados, também, Danilo Lobo e Kátia Bento.

Geir Campos nasceu em São José do Calçado, ES, em 1924, radicando-se desde adolescente no Rio de Janeiro. Publicou: Rosa dos rumos (Revista Literária, Rio, 1950), Arquipélago (Hipocampo, Niterói, 1952), Coroa de sonetos (Simões, Rio, 1953), Da profissão do poeta (Civilização Brasileira, Rio, 1956), Canto claro & poemas anteriores (José Olympio, Rio, 1957), Operário do canto (Antu -

res , Rio, 1959), Canto provisório (Vitória, Rio, 1960), Cantigas de acordar mulher (Civilização Brasileira, Rio, 1964), Metanáutica (José Olympio, Rio, 1970), Canto de peixe & outros cantos (Civilização Brasileira, Rio, 1977), Tarefa (Civilização Brasileira/Massao Ohno/ Instituto Nacional do Livro, Rio/Brasília, 1981), Cantar de amigo - ao outro homem da mulher amada (Fundação Ceciliano Abel de Almeida / UFES, Vitória, 1982), Cantos do Rio - roteiro lírico do Rio de Janeiro (Civilização Brasileira/Rio Arte, Rio, 1982). É também contista (O vestíbulo, Serviço de Documentação do MEC, Rio, 1960; 2a. ed. Ática, São Paulo, 1979), tradutor (Rilke, Kafka, Brecht,Whitman), ensaísta (O problema da tradução no teatro brasileiro),Serviço Nacional de Teatro, Rio, 1978), dramaturgo (O sonho de Calabar, São José, Rio 1959; Castro Alves ou o canto da esperança, Leitura, Rio, 1972; As sementes da independência, Serviço Nacional de Teatro, Rio, 1972) e autor do Pequeno dicionário de arte poética, obra de referência, Conquista, Rio, 1960; 2a. ed., Edições de Ouro, Rio, 1965; 3a. ed., Cultrix, São Paulo, 1978.

Na opinião de Celso Pedro Luft (Dicionário de literatura portuguesa e brasileira), Geir Campos é "poeta dos mais expressivos do Neomodernismo ou da chamada 'Geração de 45', de grande habilidade técnica (cf. a Coroa de sonetos) a ponto de um entendido do ofício como Manuel Bandeira afirmá-lo 'Guilherme de Almeida de sua geração, habilíssimo artista'. Reagindo contra uma primeira fase de hermetismo de sua Geração, procurou fazer poesia comunicável e voltou em parte à poética antiga, tradicional, para se tornar o poeta do 'canto claro' (cf. o título significativo do seu quarto livro de poemas). A partir do Canto provisório, empenhou-se decididamente na poesia participante inspirada em temas político-sociais, nos anseios populares de justiça e paz." Sobre esse aspecto específico da obra de Geir Campos, a poesia comprometida com as angústias do homem como vítima do universo social e político por ele próprio criado, diz Moacyr Félix: "Numa época em que a maioria dos poemas que se querem afo

badamente engajados no contexto social em que vivemos, no entanto es facclam-se ou perdem eficiência porque não decorrentes da revolucionária e necessária apropriação das conquistas culturais do passado , tornam-se exemplo e lição as artesanais conscientizações nos atos de escrever, o trabalho, que são as páginas selecionadas de Canto claro, Operário do canto e Canto provisório."

Marly de Oliveira nasceu em Cachoeiro de Itapemirim , em 1935. Estreou em 1957 com o livro Cerco da primavera, publicando a seguir Explicação de Narciso, Rio, São José, 1960, A suave pantera, Rio, 1962, Contato, Rio, Imago, 1975, e outros mais recentes , nos quais executa uma poesia essencialmente lírica, de profunda sensibilidade e de grande riqueza de tons, ritmos e imagens.

Danilo Lobo, nascido em 1940, cedo deixou o Espírito Santo e atualmente reside em Brasília, onde é professor na Universidade de Brasília. Em 1973 publicou, pela Editora Clima, em São Carlos, SP, o livro Novorleana, onde revela múltiplas visões da cidade americana evocada no título, captadas pela aguda percepção e repassadas pela grande ternura do poeta. Danilo é também autor de O poema e o quadro, ensaio em que trata do picturalismo na obra de João Cabral de Melo Neto (Thesaurus, Brasília, 1981).

Kátia Bento nasceu em Castelo, ES, em 1941, tendo-se radicado há muitos anos no Rio de Janeiro. Publicou: O azul das montanhas ao longe, Rio, 1968; Principalmente etc., Cátedra, Rio,1972 ; Romanceiro de Amuia, Fontana, Rio, 1980; Contrafala, Pirata, Recife, 1980. Participou de várias antologias,entre elas A poesia pede passagem e Poesioje. É também autora de textos infanto-juvenis, entre os quais Bichuim, Pirata, Recife, 1981, e O jogo da velha (histórias de Jesus para cachorros), Editora do Escritor, São Paulo, 1981.

A poesia de Kátia Bento, de timbre marcadamente líri - co, se caracteriza sobretudo pelo uso de recursos e técnicas da poesia de vanguarda, desde a livre disposição dos versos na página até

o emprego muito pessoal de sinais gráficos (dois pontos, parênte - ses, barras) para criar um ritmo interno próprio ou extrair dos vocá bulos a maior soma possível de significados. Suas experimentações formais se destacam sobretudo em seus livros Principalmente etc. e Contrafala, em que trabalha exaustivamente a aliteração, a antítese, a enumeração caótica, além de empreender ligeiras incursões pelo con cretismo. Em Contrafala verifica-se também uma preocupação constante com a metalinguagem. Já em Romanceiro de Amuia, Kátia Bento utiliza tons da poesia popular para compor, em 16 poemas, quase todos estru turados em versos septissílabos, a saga da índia puri Amuia e do capitão-do-mato Bento, avós da autora.

Tematicamente, a poesia de Kátia Bento se volta essencialmente para a valorização do humano e para a integração do homem com a natureza.

(1) MARCUS NICODEMUS CYSNE (São Mateus-ES, 1962...). Obras : Inver nia chilena, São Mateus, Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, 1981. O discreto inflamar-se no mundo. Rio de Janei - ro. Ed. Dagua, 1982. Branco. São Mateus. Ed. Dagua, 1985. Tem poemas publicados em revistas do Rio de Janeiro e do Espírito Santo.

(2) BENILSON PEREIRA. (Vitória, 1956 ...-). Obras: Expressão Poe - sias - série de cinco folhetos, em co-autoria, mimeografados , 1978. Caminhando. Vitória, Ed. do autor, 1980 (mimeo). In-ver- sos. Vitória, Ed. do autor, 1981 (mimeo). O buumm!!! do Rio centro. Vitória, Ed. do autor, 1981 (mimeo). Canção de rua. Vi tória, Ed. do autor, 1982. (mimeo). PMDB na era do gravador . Vitória, s. Ed., s. d. (mimeo). Carícias ao vento. Vitória,Ed. do autor, 1984. A cumplicidade do beijo. Co-autoria com Nélio Índio do Brasil. Vitória, Ed. dos autores, 1986.

(3) PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Retrato de época. Rio de Ja neiro, FUNARTE, 1981. p. 67

(4) Id. ibid.

(5) HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Impressões de viagem. São Paulo, Brasiliense, 1981. p. 27

(6) Id. ibid.

(7) VALDO MOTTA (São Mateus, ES, 1959 - ...). Obras: Pano rasgado. Ed. do autor, São Mateus, 1979. Os anjos proscritos e outros poemas (co-autoria). Ed. dos autores, São Mateus, 1980. O sig- no na pele. Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, São Ma

teus, 1981. Obras de arteiro. Ed. do autor, Vitória, 1982. As peripécias do coração. São Mateus, Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, 1982.
De saco cheio. Vitória, Ed. do autor, 1983. Salário da loucura Vitória, Ed. do autor, 1984. Eis o homem (antologia). Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987.

(8) JAGUAR. Parece coisa de viado. E é! O Pasquim, nº 677, 1982 . p. 3.

(9) PAULO ROBERTO SODRÉ (Vitória, 1962 - ...). Obras: Traços do o fício (coautoria). Vitória, FCAA, 1983. Interiores. Vitória . FCAA, 1984. Faunos e neons (inédito). Menção honrosa no concurso de poesia da FCAA, em 1985. Tem poemas publicados em revistas do E.S. Obteve o primeiro lugar no concurso de romances da FCAA, em 1987..., com Lhecídio.

(10) LUIZ BUSATTO (Acióli, ES, 1937 - ...). Obras: Montagem em In - venção de Orfeu. Rio de Janeiro, Âmbito Cultural, 1978. O bi - cho antropóide. Vitória, FCAA, 1985. Amor de asas.

(11) ROBERTO ALMADA (Juiz de Fora, MG, 1935 - ...). Obras:
O país d'El Rey & A casa imaginária. Vitória, Fundação Cecilia no Abel de Almeida, 1986. Participa das coletâneas Poetas do Espírito Santo. Vitória, Fundação Cultural do Espírito Santo , 1973, e Poetas do Espírito Santo (Org. Elmo Elton). Vitória , Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1982. Tem poemas publica - dos em revistas e jornais do ES e de outros estados.
Membro da Academia Espiritossantense de Letras.

(12) Cf. Valdo Motta, na primeira orelha do livro.

(13) FLÁVIO SARLO (Vitória - ...) Obras.: Nas raízes do grito. Vitória, FCAA, 1982. O desgaste da flutuação. Salvador, Tupyhanarcus, 1984. Os planfetários. Contos y crônicas da era do rock . Tupyhanarcus, 1986.

(14) Ver: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Retrato de época. Rio de Janeiro. FUNARTE, 1981.

(15) Aliás, a expressão "nas raízes do grito" está numa fala de Yerma, personagem título da peça de Garcia Lorca, dramaturgo espanhol ligado ao surrealismo.

(16) BIVAR, Antônio. O que é punk. São Paulo, Brasiliense, 1982.

(17) OSCAR de Almeida GAMA Filho (Alegre, ES, 1958-...)
Obras: De amor à política (em co-autoria com Miguel Marvilla) (S.d,s.ed.); Congregação do desencontro (Vitória, Fundação Cultural do Espírito Santo, 1980); O despedaçado ao espelho (Vitória, FCAA, 1988).

(18) OLIVEIRA, Ester A. V. de. - A poesia contemporânea em alguns poemas de Oscar de Almeida Gama Filho, poeta capixaba. Revista de Cultura UFES Vitória (26): 29 - 47, 1983.

(19) SÉRGIO BLANK (Vitória, 1964 ...)
Obras: Estilo de ser assim, tampouco (Vitória, FCAA, 1984) Pus (Vitória, FCAA/Anima, 1987). Um, (Vitória, Cultural , 1988)

(20) Cf. Valdo Motta, na primeira orelha do livro.

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Francisco Aurélio Ribeiro

A literatura para crianças e jovens teve a sua origem com a ascensão da burguesia, em fins do século XVIII e início do XIX, na Europa, concomitantemente com a massificação da escola. Daí seu vínculo imediato com a prática pedagógica e a perda da qualidade estética. No Brasil, ela nasce no final do século XIX, "com as tentativas pioneiras e esporádicas de traduções nacionais, como as de Carlos Jansen",[1] coincidindo com a formação de um "virtual público consumidor de livros infantis e escolares", surgido com a extinção do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana, a incorporação progressiva de levas de imigrantes à paisagem da cidade, a complexidade crescente da estrutura administrativa".[2]

Os primeiros livros para crianças, surgidos no Brasil, eram os clássicos infantis europeus, adaptados e traduzidos para o português, marcados por um conservadorismo imposto à escola neo-republicana por um modelo cívico-pedagógico, em que Figueiredo Pimentel, Olavo Bilac, Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida e João Ribeiro, dentre outros, são os primeiros brasileiros ideólogos do sistema.

Os primeiros livros infantis eram, claramente, instrumentos de divulgação das imagens da grandeza do país, procurando incutir, nas crianças escolares, as idéias de culto cívico, patriotismo, nacionalidade, através da exaltação da natureza, da unidade e grandeza nacionais, através dos vultos e episódios da história do Brasil. Contos pátrios, de Olavo Bilac e Coelho Neto, Histórias de nossa terra, de Júlia Lopes de Almeida, Através do Brasil, de Olavo Bilac e Manoel Bonfim, são os modelos europeus copiados por outros autores regionais e foram lidos à exaustão por milhares de crianças brasileiras.

No Espírito Santo não foi diferente. A obra clássica representativa desse momento político-cultural é o livro Quando o Penedo falava, de Elpídio Pimentel, publicado em primeira edição, em 1927, pela tipografia da Vida Capichaba, de Vitória. A partir da ilustração da capa, fica explicitada a intenção pedagógico-instrutiva da obra: um velho, de barbas e óculos, elegantemente trajado, sentado num sofá, com um livro nas mãos, ao lado de uma criança. Numa mesa ao lado, outros livros empilhados. A dedicatória também reforça a intenção do autor: "À mocidade escolar conterrânea para que, iniciando-se na história da terra espírito-santense, saiba tornar-se digna de suas nobres tradições, defendendo-as e honrando-as, sem desfalecimento."

Claramente, o livro do Prof. Pimentel é calcado nos livros anteriormente citados, de Bilac e outros, e até mesmo nos de Monteiro Lobato, surgidos na década de vinte, cuja intenção era transmitir conhecimentos à escola primária, numa linguagem supostamente infantil. Na "Advertência" que introduz a obra, o autor escreve sobre a dificuldade daqueles que se dedicam ao cultivo das letras escolares, as agruras dos professores, desprestigiados pelos orçamentos públicos e pelo desprezo dos políticos, a carência de manuais didáticos no Espírito Santo e a necessidade da criança capixaba de conhecer os fatos de sua terra natal, antes do conhecimento integral da história do Brasil.

O que impressiona o leitor contemporâneo nessa "Advertência" é a sua atualidade. Após sessenta e um anos, os problemas em relação à política educacional, à valorização do professor e à questão do livro didático são, praticamente, os mesmos.

A obra em questão se estrutura através de um diálogo didático entre o avô e seu neto, Glauro, um menino de dez anos, "inteligente, carinhoso e ativo", contando o avô ao menino as histórias ouvidas de um gênio preso no Penedo, maciço granítico à entrada da baía de Vitória, quando, também, era menino. O diálogo entre avô e neto se inicia com a localização espácio-temporal do menino, através de um desenho de sua casa feito pelo avô, a rua, a cidade em que vive, o Estado e a explicação da organização administrativa do Estado. Essa é, também, a forma escolhida pelo narrador para contar a sua história: do presente para o passado.

No entanto, a história é ensinada sob o ponto de vista dos poderosos, incutindo na criança os conceitos de hierarquia e respeito ao poder. O presidente do Estado é mostrado como "um homem poderoso, cumpridor das leis, decisivo nas suas ordens e bondoso para com seus servidores" (p. 21). Ele é o dono de tudo e de todos: "Aquele homem opulento tem ainda soldados, que mantêm a ordem; médicos que curam os enfermos; cobradores que exigem de todos nós as quantias necessárias, para que ele nos proteja, ampare e adiante o nosso progresso." (p. 22). Escolhido pelo povo - os que sabem ler e escrever - o presidente é " recomendável pelo seu saber, boas intenções e amor ao próximo" (p. 24); os prefeitos são "cidadãos dignos" para administrar os municípios; "o chefe do Estado exerce,tranqüila e seguramente, as suas funções executivas" (p. 26). Sua figura é mostrada à criança como a de um deus, a quem se deve obedecer e cultuar: "E ele, portanto, um homem a quem devemos, como nosso governador supremo, a melhor consideração e o maior respeito. Quando ele passa, os estandartes brasileiros tremulam, ouve-se o hino nacional, os civis se descobrem e os militares lhe fazem continência..." (p. 27-8).

Ao menino, o avô estimula não só a obediência irrestrita ao poder, como direciona-lhe as profissões que deve seguir, sob o ponto de vista burguês, para que possa, um dia, também chegar ao poder: "Es estudante; logo, porém, que te tornes homem, serás o que tua vocação quiser: médico, engenheiro, advogado, almirante ou general" (p. 28). O discurso do avô, porém, é falso, e é logo incorporado pelo neto: "Ah! Hei de ser médico, para dar saúde aos que sofrem. Mas temos conversado muito e o senhor ainda não me disse quem é, agora, o presidente do Estado. - Sim, tinha deixado esse nome para to dizer, quando o exigisses. Chama-se Doutor Florentino Avidos... - Quem? O Doutor Avidos? Vi-o, ontem, num automóvel... mas não supunha que tivesse tamanho poder. - Tem-no, e a ti, como espírito-santense, cumpre o dever cívico de estimá-lo e respeitá-lo, porque ele é a mais alta autoridade do nosso Estado." (p. 26).

Assim, num discurso carregado de ideologias adultescas e burguesas, respeito absoluto à autoridade, ocultamento das diferenças sociais, etc., o diálogo entre o avô e o neto continua por mais nove narrativas, partindo do presente para o passado e abordando os presidentes do Estado, regime republicano, presidentes provinciais, junta provisória, governadores, capitães-mores e donatários, até chegar a Vasco Fernandes Coutinho e seu filho, os primeiros donatários da capitania espírito-santense.

Mostrando a história do ponto de vista dos dominantes, através de seus heróis e glórias, o discurso sedutor do narrador é concluído através de uma "pérola" de conselho aos jovens. Citemo-lo: "Quero, pois, que sejas muito amigo de nossa terra, de cujos heroísmos, tradições e glórias te podes ufanar. Porque, meu Glauro - escuta-me bem e ouve meu derradeiro conselho - quem não ama o solo, onde nasceu, não chora com os seus infortúnios e não vibra com seus heroísmos, comete a mais nefanda das ingratidões: o repúdio da terra materna, onde lhe decorreram os dias tranqüilos de meninice, os sonhos festivos da infância, as feiticeiras ilusões da juventude!" (p. 129). Pode-se observar evidenciada a extremada preocupação nacionalista, o endeusamento dos heróis e do chefe, que vão culminar na prática governamental autoritária da revolução de 30 e, posteriormente, no Estado Novo de Getúlio Vargas, nos moldes de Franco, na Espanha, Hitler, na Alemanha, e Mussolini, na Itália. A escola, mais uma vez, fornece o embasamento teórico para as ideologias.

Da década de 30 à de 60, a literatura para crianças procurou manter o ideal horaciano do "utile dulci", numa imitação de Lobato, sem a qualidade estética daquele. No Espírito Santo não tivemos nenhum seguidor de Lobato. O próprio Monteiro Lobato, em 1919, dissera que "o Espírito Santo... me parece uma ficção geográfica, onde não tenho uma só livraria, nem um só assinante." [3]

Alguns escritores capixabas desse período escreveram obras que, sem serem necessariamente escritas para crianças, foram utilizadas na escola, ou tiveram uma evidente preocupação didática com a linguagem, permitindo a sua leitura pelos mais jovens, sendo, quase todas, escritas por professores. Dentre as principais:

1) Histórias de Cachoeiro, de Newton Braga (1911-62). Publicado inicialmente em 1946, dá uma visão panorâmica dos principais aspectos históricos, geográficos, sociais e literários relacionados com o município de Cachoeiro de Itapemirim. Há um posfácio ao livro, feito pelo autor, intitulado "Este livro", que mostra a preocupação didática na elaboração da obra, o que, segundo o autor, seria a responsável pelo deficiente resultado obtido: "Escrito há uns dez anos, este livro visava despertar nos jovens de minha terra o interesse pelas cousas de nossa história, mostrando-lhes, a esmo, figuras e episódios de nossa formação. Relendo-o nessa distância de dois lustros sinto melhor suas deficiências: deficiências de buscas, de paciência, de encadeamento, de análise, de julgamento, de redação, propositadamente primária, pela intenção que marcava a obra." (p. 85). Esse livro teve a sua segunda edição, através de uma co-edição da SEDU e FCAA/UFES, em 1986, para o programa Salas de Leitura da FAE/MEC, com participação do autor capixaba.

2) Contos Regionais - Nossa Terra e Nossa Gente, de Tonioan Carlhova e Mesquita Netto. Obra escrita e publicada no norte do Estado (segunda edição, Oficinas Gráficas d'O Norte, São Mateus, 1939), relata casos e costumes populares daquela região, numa linguagem humorística, resgatando o universo daquela época, da região (São Mateus e Conceição da Barra) e daquele povo.

3) O caboclo Bernardo e o naufrágio do Imperial Marinheiro, de Norbertino Bahiense, Escola Técnica de Vitória, 1948. Escrito por um dos célebres professores e escritores de Vitória, daquela época, retrata, didaticamente, a vida e os fatos que tornaram o caboclo Bernardo um herói capixaba. A dedicatória da obra bem revela a intenção do autor: "Aos meus conterrâneos espírito-santenses e à nova geração capixaba", assim como o "Proêmio": "Dedico-o à nova geração do meu Estado, para que ela, conhecendo o que neste volume se contém a respeito de um dos seus bravos filhos, enriqueça os elementos que o compõem e os transmita aos pósteros, de modo que jamais se relegue a memória deste inolvidável conterrâneo que foi Bernardo José dos Santos, o glorioso Caboclo Bernardo". Os fatos narrados, além da vida de Bernardo, são os que determinaram a sua transformação em herói para a história: o salvamento de 128 pessoas, durante o naufrágio do Imperial Marinheiro, em 7 de setembro de 1887, em Regência, município de Linhares.

4) Sinfonia das ruas de Vitória, poema a quatro mãos de Eugênio Sette, Celso Bomfim, Geraldo Costa Alves e Ciro Vieira da Cunha. Publicado em 1943, reúne sete poemas, predominantemente narrativos, que dão uma visão de personagens, locais e fatos históricos de Vitória. Assim, "Garoto pidão", de Eugênio Sette, são versos populares, construídos em redondilha maior, sobre o personagem do título, hoje predominante nas paisagens urbanas e não só de Vitória: o moleque de rua, o menor abandonado. Na visão reacionária do autor, a mãe era a culpada da situação. "Vitória", de Celso Bomfim, são versos parnasianos, decassilábicos, cantados num vernáculo castiço e pouco original, à sua musa - a cidade de Vitória. O segundo poema do mesmo autor, "Madrugada nas ruas de Vitória", imita, na forma, a "Canção do Tamoio", de Gonçalves Dias, contando a história do ponto de vista do dominante. Geraldo Costa Alves, em seu "Porto de Vitória", associa o passado ao presente do porto, lamentando o progresso. Em "Rainha das Flores" retrata uma personagem típica de Vitória, cantada em verso por ele e em prosa por Elmo Elton e Fernando Tatagiba, tempos depois. Ciro Vieira da Cunha poematiza a "Menina do morro", retomando expressões próprias do romantismo ("... canta gostoso que nem sabiá...", "alma de fado", "És bem brasileira,/ morena faceira,/ na crença e no sonho,/ no canto tristonho", "és bem do Brasil..."). Seu segundo poema, "Cantiga de roda", retoma temática e linguagem modernistas, sem perder o reacionarismo das concepções: "e diz umas coisas em mau português?", "não vá, soluçante,/ gorar o sorriso que a vida lhe deu".

Em 1939 Adelpho Poli Monjardim estréia, na ficção, com uma obra que, sem ser necessariamente destinada a um público infanto-juvenil, é o protótipo de um tipo de literatura muito apreciada pelos jovens: a novela de aventuras, tipo Jules Verne, Jack London ou Mark Twain. O livro é O tesouro da ilha de Trindade e foi publicado pelas Oficinas Gráficas de A Noite, no Rio de Janeiro. É uma típica novela de aventuras em que, desde o preâmbulo, o autor procura situá-la como verdade: "Quando me propus escrever a novela O tesouro da ilha de Trindade, determinei de forma que a mesma não fosse apenas filha da fantasia, mero trabalho de ficção". Tem como narrador um jovem (o que permite a identificação do leitor), Dick, filho de pai inglês, ex-combatente, pelo Brasil, da guerra do Paraguai, e mãe brasileira. Nascido em Vitória, vai para o Rio estudar medicina, com a morte do pai. Mas volta em 1892 e junta-se a um companheiro de infância, Martinho, partindo em busca do tesouro dos ingleses oculto na ilha de Trindade, litoral do Espírito Santo, onde vivem várias aventuras. A estória termina com a promessa de novas aventuras. É uma obra que seria, provavelmente, apreciada até pelos jovens de hoje, estes tempos de Indiana Jones e outros heróis hollywoodianos.

Na década de sessenta, Alda Lofêgo de Castro, escritora e pintora, natural de Iúna, publica dois livros pela Pongetti do Rio. O primeiro, A ternura de Naná, de 1964, reúne pequenos contos, bastante líricos, retratando fatos e personagens de sua infância, passada num pequena cidade do sudoeste do Estado. Com grande habilidade para traçar o imaginário infantil, resvala, no entanto, nos preconceitos, principalmente raciais: "E nós, os seus filhos brancos, aqui estamos enfrentando a vida dura, que preta Joana jamais conheceu" (p. 11). "Talvez porque fosse preta, e em geral os pretos têm grande predileção por crianças muito claras e de olhos azuis" (p. 10). "Tião era tão pretinho que chegava a reluzir. (...) Era um enjeitadinho. Mas nós o queríamos muito. (...) Era também um pretinho muito limpo, limpinho." (p. 19). A presença dos diminutivos, em vez de destacar a ternura da autora pelo personagem, é uma marca de seu racismo incutido pela ideologia pequeno-burguesa de sua classe social.

Os pequenos contos ou crônicas da autora, apesar de não serem explicitadamente dirigidos à criança, revelam, a todo instante, a intenção moralista da mesma em passar mensagens aos leitores. Exemplo: "Dedico um carinho todo especial, tenho uma grande veneração pelos velhinhos. Como são tristes e bondosos. Como sinto pena deles. Não custa à gente dar-lhes um pouquinho de nossa afeição, pois eles bem a merecem." (p. 52).

Seu segundo livro, Boneca de trapo, publicado em 1967, é um livro de memórias, em que o personagem principal é Giovana, uma menina que vive com os pais e vários irmãos, em Rio Pardo, mudando-se depois para Cachoeiro de Itapemirim. Reconstruindo a vida da infância numa cidade do interior, a autora consegue realizar uma obra superior à primeira, em que a visão do adulto não interfere demasiado na lírica e na imaginação infantis.

A década de setenta representa uma grande renovação na literatura escrita para crianças e jovens. Autores como Clarice Lispector, Maria Mazzetti e Edy Lima prenunciam, com uma nova linguagem e uma nova postura ideológica, o que Lygia Bojunga Nunes iria concretizar plenamente, a partir de Os colegas, em 1975. Uma autora capixaba, Ledy Olinda Firme, natural de Cariacica e residindo no Rio, publica pela Presença em co-edição com o MEC, em 1975, uma obra intitulada Toninha, que pode ser considerada o marco introdutório da modernidade da literatura infanto-juvenil capixaba. O livro conta as aventuras de uma garota, a do título, que, ao se mudar da antiga fazenda onde vivera para uma nova, necessitava descobrir tudo. Acompanha-a na aventura o cachorro Namorado, o peixinho Limãozinho, enquanto descobrem novos amigos na natureza. Associando real e fantasia de maneira alegre e convincente, em linguagem solta, viva e simples, ao mesmo tempo em que diverte o leitor vai-

-lhe mostrando um novo universo de vivências e valores. Segundo a crítica Nely Novaes Coelho, os novos valores presentes na história são: "a importância da ação-em-equipe e a superação do individualismo egoísta; repulsa ao sentimento de posse, ao orgulho ou ao sentimento de superioridade do eu em relação aos demais; a relatividade dos valores; a redescoberta do valor da mansidão, da paciência construtiva; a importância do planejamento para qualquer ação; a ênfase no espírito de iniciativa contrastando com a imprudência; a valorização de cada ser em si, pois cada qual tem sua função no mundo; e... principalmente a valorização da palavra." [4] Devem-se destacar, ainda, as ilustrações de Vila Pasqualini, sugestivas, poéticas, em diálogo perfeito com o texto.

Os anos oitenta. O aumento da população escolar brasileira, a recomendação de leitura de autores nacionais nas escolas, a atuação de entidades nacionais como a FNLIJ e CELIJU, o aumento do número de livrarias e editoras, entre outros fatores, propiciaram o crescimento considerável de escritores e obras para crianças. A literatura infanto-juvenil brasileira obteve a sua consagração internacional com o prêmio Hans Christian Andersen (o Nobel da literatura infanto-juvenil), concedido, pela primeira vez a um latino-americano, à escritora Lygia Bojunga Nunes, pelo conjunto da obra.

No Espírito Santo, a Fundação Cultural promove o I Concurso de Contos Infantis, nos anos de 1979 e 1980, publicando, em 1980, os Contos capixabas para as crianças do mundo, reunindo os cinco primeiros lugares e duas menções honrosas. Os contos são ilustrados por crianças, com capa de Milson Henriques.

O primeiro lugar, "A árvore dos sonhos", de Fernando Tatagiba, coloca dois personagens irmãos, Joãozinho e Maria, em função de suas fantasias, em que a jabuticabeira do quintal é a árvore que lhes detona os sonhos infantis. O segundo lugar, de Milson Henriques, "Ronaldo, o caranguejo triste", fala de um caranguejo que era triste por ser como era e viver na lama. Apareceu-lhe um ser de outro planeta, como ele, que o ensina a ser feliz da forma como é, e vivendo onde vive. "Estrelinha", de Wanda Santos Sily, é a estória de uma menina que fazia bolos para vender e todos gostavam dela até o dia em que amanheceu com os cabelos azuis e todos se afastaram. Fugindo dali, chega a um lugar onde todos são bons, mas estão tristes, pois seu rei está a morrer de fome, pois cansou-se de comer frutas. Ela salva-lhe a vida, fazendo um bolo para ele. É convidada a morar na cidade, pois ninguém se importava com a cor diferente de seus cabelos. "O rei das aves", da mesma autora, obteve o quarto lugar, e é uma fábula em que um urubu desafia todas as aves para escolherem o seu rei. A última q

ma que procura, a águia, mostra-lhe a presunção ao indicar-lhe o sabiá, que desprezara, e que deveria ser o rei das aves, pelo seu canto. "Pulacacá", de Rubens Manoel Câmara Gomes, obteve o quinto lugar e teve, também, uma edição individual, num belo trabalho de programação gráfica e visual de Sandra Medeiros. É a estória de um sapo, verde e rosa, que morava num mangue e liderou uma revolta de outros animais, jacarés, caranguejos e um jabuti, contra os homens destruidores da natureza. "O cachorrinho Miau e o gatinho Au-au", de Olival Mattos Pessanha, obteve menção honrosa, e é a estória de uma vez que nunca tivera uma vez numa história infantil, até que encontra um gato que latia e um cachorro que miava, e passou a ter a sua vez numa história. "Balde, baldinho", de Ordália Pelissari Jantorno, também obteve menção honrosa e conta a estória de um balde que retirava água de um poço, numa favela, até que fura. Alguns quiseram jogá-lo fora, mas Manoelito, um menino franzino, pega-o para plantar nele uma rosa que é admirada por todos, mesmo pelo rapagão que queria destruí-lo.

Os sete contos premiados representam as principais características e tendências que tornaram o gênero reconhecido no mundo todo e, no Brasil, a partir de 1970, por seu valor artístico. São eles: a fantasia como detonadora da realidade ("A árvore dos sonhos" e "Ronaldo, o caranguejo triste"); a fábula alegórica ("O rei das aves" e "Pulacacá"); a re-atualização dos contos mágicos de reis e princesas ("Estrelinha"); a metalinguagem ("O cachorrinho Miau e o gatinho Au-au"); e o conto realista e a visão infantil de mundo ("Balde, baldinho"). Lamentavelmente, dez anos passados, não houve um II Concurso de Contos Infantis, promovido pelo DEC.

Na mesma época, em São Paulo, a escritora e poetisa capixaba, Kátia Bento, nascida em Castelo, recebia menção especial no Prêmio Fernando Chinaglia/80, com o livro O jogo da velha, que trazia o subtítulo "Histórias de Jesus para cachorros". Este, publicado pela Editora do Escritor, São Paulo, tem duplo narrador: um, em terceira pessoa, que conta a história de uma velha e seu cachorro, a quem conta as histórias de Jesus e seus amigos, dentre eles as crianças. Colocando como personagens seres alienados da história oficial, perseguidos pelos donos do poder, incompreendidos pelos outros, a velha (símbolo do que não é mais compreendido, pois ultrapassado), o cachorro (símbolo da liberdade), e a criança (símbolo do futuro e da inocência), a autora traça uma obra densa de lirismo, ternura e amor, recuperando, para as crianças, a linguagem do humanismo, da fraternidade, do cristianismo, sem pieguismo e excessiva moralidade religiosa, como já o fizera, tempos atrás, Luiz Jardim com o seu Proezas do Menino Jesus e Aventuras do menino Chico de Assis.

No mesmo ano, Kátia Bento publicou, pela Fontana, do Rio de Janeiro, o Romanceiro de Amuia. Este é uma coletânea de poemas, em versos curtos e simples, retra-

tando uma índia puri, bisavó da autora, e um capitão-do-mato, seu bisavô. Voltando às suas raízes primeiras, através da identificação, pela memória, com a ancestral puri,a autora constrói um belíssimo poema que valoriza a vida, o ser primitivo, a integração com a natureza, a prece, a fraternidade universal, passível de ser lido até pelos jovens. A obra é valorizada pelo projeto gráfico de Álvaro F. Moreira, com reproduções de originais de Maximiliano de Wied-Neuwied e Rugendas, e uma foto da autora.

Em 1981, publica na Coleção Piratinha, das Edições Pirata, de Recife, o livro de poemas Bichuim. Segundo a autora, no prólogo, o nome foi retirado de um "oficina de invenções ilimitadas", criada por seu sobrinho, e seria o próprio espaço do universo infantil e do poema - formas de liberdade. Seus versos utilizam, com absoluta criatividade e ludicidade, o duplo sentido da palavra, criando imagens de insólita beleza, a nível da fantasia da criança e de qualquer leitor: "Eu viajo a estrada/ do meu pensamento/ Que importa/ me chamem/ cabeça-de-vento." (Vôo livre); "Se não posso namorar/ tenho vontade/ de apanhar os seus olhos/ minha amada/ pra jogar bola de gude/ na calçada." (Primeira paixão).

Em 1982, Luiz Sérgio Quarto, que escrevia as "Histórias da velha goiabeira" no suplemento infantil de A Gazeta, "A Gazetinha", durante vários anos (1978-82), publica, também pela Pirata, de Recife, um livro de poemas infantis, ilustrado por Milson Henriques, intitulado Sol de Naná. Este contém dezesseis pequenos poemas, visivelmente calcados em Ou isto ou aquilo, de Cecília Meirelles, que retratam várias crianças, seus sobrinhos. Utilizando processos descritivos ("Lá fora, o sol./ No pátio pequenino:/ um menino."), paralelismos vocabulares, sintáticos e sonoros ("O menino no sol/ Um sol pequenino:/ Um sol de menino."), onomatopéias ("Mariana vai ao rio: chuá ... chuá... chuá..."), alguns poemas ficam excessivamente comprometidos com uma visão adultesca, moralista e religiosa ("Quem lhe ensinou/ a agradecer por tudo/ e a todos/ com tanto amor?/ - Foi Deus, Leonor!"), empobrecendo o poético. Luiz Sérgio Quarto é um dos maiores divulgadores da literatura infantil no Espírito Santo e também participou com dois poemas da antologia de poemas infantis, A cor da onda por dentro, também da Coleção Piratinha, Recife, em 1981. Este apresenta, também, poemas de Kátia Bento.

Ainda na poesia infantil, foi publicado pela FCAA/UFES, em 1982, um livro de poemas de Alessandro Pereira Lins, Brincando de rimar. Escrito aos nove anos, os seus versos enfocam a visão infantil, com seus deveres e obrigações ("O relógio bate, bate, bate. (...) Preciso ir levantando/ Pra fazer o meu dever"), sua inocência própria da felicidade da infância ("Quando meu pai/ Chamou minha mãe de Maria/ Eu ri/ de alegria"), e uma ironia própria dos que já vêem criativamente a realidade ("Quem tinha dinheiro/ comprava picolé./ Quem não tinha/ chupava o dedão do pé.").

Em maio de 1983, é realizado, no Teatro Carlos Gomes, o I Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, promovido pelo DEpartamento de Línguas e Letras da UFES, evento que contou com mais de quinhentos participantes, especialistas de renome nacional como Laura Sandroni, Regina Zilberman e Maria Antonieta Cunha, e escritores como Ruth Rocha e outros. Na oportunidade, oEspírito Santo tomou conhecimento de um jovem escritor capixaba, Marco Antônio Carvalho, natural de Cachoeiro de Itapemirim, jornalista, residente em São Paulo, que escreveu alguns livros para crianças: (1) Branco total. Publicado pela Comunicação, de Belo Horizonte, em 1981, desenvolve o tema do totalitarismo, em que uma cor, o branco, resolve uniformizar a Cidade das Cores, mandando pintar cada uma com sua cor. Isso resulta no desaparecimento da Cidade, tornada invisível pela ausência de cor. O mal vence o bem, moral que é criticada por Nely Novaes Coelho, em seu Dicionário, já citado. (2) A História do Lobo. Publicado em 1982 pela Ática, São Paulo, é um livro visualmente belo, com ilustrações aprimoradas de Adelfo Mikio Suzuki, e dá uma nova versão ao célebre Chapeuzinho Vermelho. Neste, o caçador e o lenhador é que são os malfeitores, e o Lobo, a vítima. Caçador e lenhador são apontados como os grandes inimigos da natureza e denunciados pelo Lobo como autores de uma trama para eliminar a avó e sua neta. Como paródia, constitui uma inversão do texto primeiro, permitindo à criança uma nova leitura da realidade, sob um outro aspecto. (3) Pato sem patrão. Publicado pela Mercado Aberto, RioGrande do Sul, em 1984, com ilustrações de Marco Cena, este livro enfoca o tema da liberdade versus a opressão. Em uma granja, o dono impunha a cada bicho o seu dever. Os bichos não suportavam mais suas ordens. Um dia, o pato começou a liderar, com os outros bichos, uma revolta contra o patrão, mas todos os outros eram acomodados à sua situação. Resolve, então, procurar, sozinho, um outro lugar para construir seu próprio mundo e foge dali.

Em 1984, a Editora da Fundação Ceciliano Abel de Almeida/UFES cria uma nova coleçaõ, a Taruíra - Livro da Criança, e seu volume 1 é A baleia balofa, escrito e ilustrado por dois meninos, Bernardo e Sandro Medeiros Vieira Câmara Gomes, na época com 9 e 7 anos. Num bem cuidado projeto gráfico, A baleia balofa possui enredo muito original: uma baleia sentimental, faminta, sofre com a própria consciência ecológica, por não querer devorar, indiscriminadamente, tudo que lhe possa servir de alimento. Recorre aos sábios conselhos de um tubarão e passa a comer tanto que a mãe, ao regressar, encontra-a balofa. Escrito com a graça e a ingenuidade infantis, é uma estória divertida e de agradável leitura.

O segundo livro da série chama-se O gato xadrez, escrito por Francisco Aurélio Ribeiro, do Departamento de Línguas e Letras da UFES, com belas ilustrações a preto e branco do artista plástico Attílio Colnago, também da UFES. Através de co-edição

com a Miguilim, de Belo Horizonte, o livro é um poema lírico-narrativo que conta as andanças de um gato ladino pelas ruas em que mora, a sua liberdade e alegria de viver e ser o que é. Já em segunda edição, é uma obra que mereceu aplausos da crítica nacional (Eliana Yunes, RJ, Betty Coelho, BA, Terezinha Alvarenga, MG, e Guido Heleno, GO) e o agrado das crianças.

O volume 3 é a biografia do célebre cientista Augusto Ruschi, intitulada O verdureiro que virou cientista, escrita por Renato Pacheco e ilustrada por Sandra Medeiros. Descrevendo a história de Augusto Ruschi desde o seu nascimento em Santa Teresa, sua profissão inicial de verdureiro até seu interesse pela pesquisa biológica, a obra recebeu um bem cuidado acabamento gráfico-visual.

O volume 4, Estórias de bichos contadas pelo povo, do folclorista Hermógenes Lima Fonseca, publicado em 1985 numa co-edição da FCAA com a SEDU, reúne doze fábulas retiradas do folclore capixaba, fundamentadas em sua origem luso-brasileira, em que personagens como o urubu, jabuti, macaco, sapo, jacaré, raposa, boi, coelho, com seus comportamentos e características, estão relacionados com a vivência dos homens em sociedade. A perpetuação do gênero "fábula", desde a antiguidade greco-latina, o grande interesse despertado nas crianças se deve ao fato de a mesma não escamotear a verdade, não silenciar as questões relativas à sexualidade, à luta pelo poder, ao racismo, à diferença de classes. Hermógenes Fonseca é o grande capixaba representante da cultura popular, e seu livro é ilustrado pelo artista plástico Lando.

Ominho, de Paulo Roberto Sodré, escrito e ilustrado pelo próprio autor, é um poema lírico, em que o personagem, um menino, descobre o seu ser interior, mirando-se nas suas emoções e no seu encontro com a natureza. Em essência é a descoberta da própria poesia.

Em 1986, o Departamento de Línguas e Letras da UFES e a FCAA promoveram o concurso "Agora conte uma estória" de textos infanto-juvenis, sendo vencedores Marcos Tavares, com "Fadações", uma paródia metalingüística dos contos de fadas; "O gigante Fungacor", de Wanda Santos Sily, uma fábula; e "Grades suspensas", de Lacy Ribeiro, uma alegoria à falta de liberdade dos apartamentos nos dias atuais. Está sendo ilustrado por Joyce Brandão e deverá ser a próxima publicação da Coleção Taruíra.

Em 1984, ainda, Celso Mathias e Marien Calixte, com ilustrações de Milson Henriques, lançam, pela Editora do Brasil, a coleção "Tranchã", em cinco volumes: Os dois anjos da guarda de Luísa, O cabrito Bebeu passeia nas nuvens, O coelho Zélio inventa uma orquestra, O vagalume violinista e O caracol e a plantinha. Apesar da alta vendagem dos livros, alegada pelos editores, e por causa da distribuição em bancas de revista, as estórias infantis de Mathias e Calixte são muito ruins, com todos os defeitos do gênero: grande número de diminutivos, investindo na puerilização e imbe-

cilidade das crianças; enredos pouco criativos e previsíveis; finais moralistas, etc . As ilustrações de Milson Henriques são de péssimo gosto, os personagens caricaturizados, cores berrantes e simplificação de detalhes. Enfim, o protótipo do que não devem ser, modernamente, os livros para crianças.

Pedro Teixeira, jornalista e roteirista de televisão, natural de São José do Calçado, publica, também em 1984, o livro Debruçado na ponte do ribeirão (memórias de um menino caipira), pela Editora Vale do Itabapoana. Retratando o cotidiano de um menino pobre do interior capixaba, é uma obra densa de lirismo, de amor à natureza, aos companheiros e à vida. A partida para a cidade grande coincide com o fim da infância, reencontrada, pela memória e refeita pela ficção.

Ivone Amâncio Bezerra, mato-grossense radicada no Espírito Santo há vários anos, publica, em 1983, pela Thesaurus, de Brasília, A gotinha sapeca, estória que conta, em linguagem infantil, muita ternura e respeito pelo poético, o ciclo evolutivo d a água. Com sua proposta de ensinar, através da literatura, às crianças, publica, em 1987, em co-autoria com as crianças que participaram de um projeto de conscientização ecológica, em Jacaraípe, o livro O dono da vida no planeta Terra, e pela Editora Bahai do Brasil o Poema da paz para crianças e o Poema das raças para as crianças. Em 1988, publica o Poema da consulta para as crianças, enquanto aguarda, no prelo, a publicação de outras obras suas. Ivone faz de sua literatura um instrumento de didatismo e ensinamento, sem perder o valor de arte. Seu livro A gotinha sapeca ganha, em 1988, o Prêmio Salas de Leitura, da FAE/MEC.

Ainda em 1984, Francisco Aurélio Ribeiro publica seu primeiro livro, Era uma vez uma chave, pela Miguilim, com ilustrações, a cores, de Paulo Roberto Sodré. Diagramado cuidadosamente para a criança iniciante na leitura, o livro narra as aventuras de uma chave à procura de sua identidade. Sucesso entre as crianças, seu livro encontra-se em terceira edição. Depois publicou, em 1985, Leve como a folha, pela mesma editora, numa co-edição com a SEDU/ES, e ilustrações de Paulo Sodré, estória que coloca em diálogo duas lesmas, mãe e filha, com uma folha toda colorida. Foi distribuído nas bibliotecas das escolas públicas, no Projeto Salas de Leitura, e encontra-se, também, em terceira edição. Em 1987, publica O ovo perdido, em co-autoria com sua filha, Flávia Meneguelli Ribeiro e ilustrações de Attílio Colnago. As estórias escritas sob o ponto de vista do adulto e da criança falam do nascimento da vida, do início do mundo e do homem, e da destruição provocada por ele no meio em que vive. O autor possui, ainda, para ser publicado, a estória A gralha e a tralha, com projeto gráfico de

Joyce Brandão, narrando, humoristicamente, com jogo lúdico de palavras, as aventuras de uma gralha insuportável, pela sua voz, até o seu casamento com um hipopótamo artista de circo.

Gisele Cristina Gonçalves Pereira, jovem de 21 anos, nascida em Vitória, em 1967, e residindo em Belo Hrizonte, tem seu conto "O mundo das palavras" premiado no Concurso Livro Infantil, promovido pela Biblioteca Central do SESC-ARMG e publicado pelo mesmo, em 1984, no livro intitulado Quando o rabinho é o problema e outras histórias. Sua estória narra a vida no mundo das palavras em que as mesmas, como Azar, Infelicidade, etc., se juntam com outras e, numa troca, transformam-se em outras melhores, lideradas por um rei bem intencionado.

A Quinteto Editorial, de São Paulo, publica em 1986, com belos desenhos em preto e branco, de Denise e Fernando, a estória O menino e o tuim, de Rubem Braga. Este, um dos mais famosos cronistas brasileiros, capixaba de Cachoeiro de Itapemirim, conta a amizade entre um menino da roça e seu periquito, o tuim, até que este cresce e foge com seus companheiros. Reencontrando-o, o menino corta-lhe as asas para que não fuja, e um gato o come. Colocando em foco as questões do amor, da liberdade e da perda, Rubem Braga constrói, nesse conto, uma belíssima estória em que retrata, para a infância, a vida e seus dilemas.

Em 1987 Valsema R. Costa, professora, poetisa e divulgadora cultural de Vila Velha, publica seu Levadinha da breca, segundo ela "a sua história poética para os leitores mirins." Em versos simples, rimas comuns, a sua história de menina não consegue dissimular a intenção adulta e moralizante. As ilustrações de Rida Azevedo são primárias e não valorizam a obra.

Maria Helena Hees Alves, bibliotecária, publica seu primeiro livro pela AGIR, RJ, em 1988, com duas estórias: "O manto do rei", um conto de fadas em estilo tradicional, contado com muito lirismo e propriedade, e "O circo do mico", uma fábula que reafirma os valores individuais. Também é publicado pela AGIR, em 1988, o livro O congresso dos bruxos, de Miriam Buaiz, bibliotecária e diretora de escola de primeiro grau. É a divertida estória da bruxa Birmácia, que organiza o I Congresso Internacional de Bruxologia e Negra Magia, auxiliada por Berloso, e recebe a participação da fada Lisa, que tudo transforma. As ilustrações de Cybele Cotrim são delicadas, criativas e adequadas à história.

Encerrando este levantamento histórico da literatura capixaba para crianças e jovens, não se poderia deixar de dizer que uma das maiores escritoras brasileiras desse gênero, Ana Maria Machado, viveu grande parte de sua vida em Manguinhos, ES, tendo ali o cenário de algumas de suas obras, como Do outro lado tem segredos.

Notas de referência:

(1) LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infatil brasileira: história, autores e textos. São Paulo, Global, 1986, p. 15.

(2) Id., ibid.

(3) Apud PACHECO, Renato, "Introdução à história do livro capixaba". In: UFES Revista de Cultura, ano X, nº 34, 1985, p. 65-8.

(4) COELHO, Nely Novaes. Dicionário crítico de literatura infantil/juvenil brasileira. São Paulo, Quíron, 1983, p. 939-40.

AS PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS (OU QUASE)

Renato Pacheco

A despeito das notórias dificuldades de se editar qualquer publicação em terras do Espírito Santo, dado o custo das edições, que sempre tem sido superior aos parcos recursos econômicos dos moradores do Estado, chega a surpreender o número de publicações em geral, aqui aparecidas nos últimos cento e cinqüenta anos.

Vamos estudá-las, neste capítulo, tanto quanto possível observando a ordem cronológica, ressaltando que as publicações mais antigas, embora citadas pelos historiadores, não são mais encontradas em nossas bibliotecas.

1. Literatura, na imprensa, no século XIX

Basílio de Carvalho Daemon relaciona, de 1940 a 1879, 45 periódicos no Espírito Santo, número que foi aumentado por Heráclito Amâncio Pereira para 50(1).

Conquanto o primeiro jornal capixaba tenha sido o Estafeta, de 1840, o primeiro que se declarou também literário (são raras as publicações estritamente literárias no Espírito Santo) foi A Regeneração publicada na Tipografia Imparcial, de Vitória, de 17.12.1853 a fevereiro de 1856, redatoriado por José Marcelino Pereira de Vasconcellos, um dos mais atuantes escritores capixabas do século passado.

A partir de agosto de 1859, foram publicados 16 números do periódico Aurora, editada na Tipografia Capitaniense, e redatoriado por Joaquim dos Santos Neves.

Estanislau Wanderley, de abril a julho de 1860, publicou, também pela Capitaniense, o jornal A Liga.

De 1866 a 1868, Basílio de Carvalho Daemon editou,em Cachoeiro de Itapemirim, O Itabira, substituído, naquele ano, por O Estandarte. No mesmo ano de 1866, Emílio Francisco Guizan lançou o Diário Vitoriense, pela Tipografia Imparcial.

De 1870 a 1889 foi editado em Vitória, com tiragem de 500 exemplares, O Espírito Santense, redatoriado, até 1872, por José Marcelino Pereira de Vasconcellos, e, a partir desta data, por Miguel Thomaz Pessoa. Entre outros e em diferentes épocas, teve excelentes colaboradores como Pessanha Pôvoa, Múcio Teixeira, Afonso Cláudio, Padre Antunes de Siqueira, Cândido Costa, Aristides Freire, Domingos Vicente, Ubaldo Rodrigues, Antônio Athayde, Amâncio Pereira, Cleto Nunes e Alfredo Mello. Em 1877, publicou do Padre Antunes de Siqueira, "Considerações históricas sobre o Conde de Monte Cristo" de Alexandre Dumas, e de Adrião Rangel, "A ortografia da língua luso-brasileira", e em 1881 as poesias de Inácio dos Santos Pinto.

A Aurora de 1873 pode ser considerado o primeiro jornal literário e escolar, pois era redatoriado pelos então estudantes do Ateneu Provincial, Moniz Freire, Afonso Cláudio e João Monteiro Peixoto.

Três anos depois, Moniz Freire e Afonso Cláudio lançaram-se em novo empreendimento jornalístico literário: A Liberdade, que contava, também, com o apoio de Cleto Nunes e Cândido Vieira Costa, todos figuras expressivas de nossa vida política e cultural.

No final do século, a Casa Verde lançou o seu Calendário, ou Almanaque, que, editado no Porto e no Rio, de 1889 a 1922, se constitui em obra digna de ser reeditada. A Casa Verde, fundada em 01.07.1879, dedicava-se ao comércio de tecidos e armarinhos, e, com a expansão de seus negócios, passou a ser um dos mais importantes estabelecimentos comerciais do Estado. Seu Almanaque publica-

va folhinha, charadas, logogrifos, colaboração literária e biografias de figuras de destaque no Estado ou no país(2).

2. As mais antigas publicações neste século

No começo do século proliferam as publicações interioranas, que, timidamente, apareceram no século anterior. Em 1911,há O Calçado de São José do Calçado, de propriedade do Padre Elias Tommasi e redatoriado por Carlos Thiebaut, O Trabalho de Viana, dirigido por José Vicente de Sá, futuro desembargador do Tribunal de Justiça, e O Ideal de Cachoeiro de Itapemirim, retadoriado por Antônio Sobreira, Neves Júnior e Durval de Oliveira. No mesmo ano, surgem, na Capital, os jornais estudantis O Palco, do Grêmio Aristides Freire, dirigido por Aristóteles da Silva Santos, e Farol, do Centro Literário 8 de setembro, dirigido por Luiz Monteiro Lindemberg e que contou com a colaboração da *jeunesse dorée* da época: Jair Tovar,Atílio Vivacqua, Audifax Borges de Aguiar, Solon de Castro, Heráclito Pereira, Oswaldo Espíndula, Newton Ramos, Elpídio Pimentel, Jayme Muniz, Henrique Cerqueira Lima, Rômulo Serrano e Aurino Quintaes.

Heráclito Pereira arrola, ainda, um jornal defensor das idéias da Igreja Católica, A Cruzada, dirigido, em 1912, por João Manuel de Carvalho, também futuro Desembargador, e que contava com a colaboração do Cônego Cochard e de Bernardes Sobrinho, Henrique O'Reilly de Souza, Antônio Aguirre, Targino Neves, Luiz Jouffrois, Diogo de Vasconcellos, Bernardo Café, José Sette, Luiz Benedicto Ottoni, Pérsio Goulart, Osvaldo Poggi de Figueiredo, Artur Torres,Alcides Junqueira, Arquimimo Mattos e J. Falcão Filho.

Alvorada, publicação dominical ilutrada (saíram somente seis números) de 1913, é o primeiro jornal capixaba redatoriado por uma mulher, Maria Leonídia Pereira, coadjuvada por seu irmão Heráclito Amâncio Pereira, e se propunha a "abrigar, em suas colu

nas, as produções literárias da mocidade de ambos os sexos". Seus primeiros colaboradores foram Aristides Freire, Afonso Cláudio, Amé rico Ribeiro Coelho, Amâncio Pereira, Francisco Rufino, Adolfo Borges Galvão, Benevides Barbosa, Jayme Moniz, Américo Bittencourt,Mariete Carvalho, Alonso Oliveira, Placidino Passos, Horácio Nunes e Elpídio Pimentel.

A Mocidade é folha literária do Ginásio São Vicente de Paula, dos irmãos Barbosa Leão. Saiu em 1915, com colaboração de Kosciuszko Barbosa Leão, Affonso Lyrio, João Lordello, Miguel Leão e Aristôbulo Barbosa Leão. Voltou a ser publicada, em 1916, com a colaboração dos alunos Álvaro Castelo, Asdrúbal Soares, Francisco Escobar e Jones Santos Neves. No mesmo ano de 1915, o Ginásio Espíri to-Santense editou uma revista com a colaboração de Jonas Montenegro, Elias Tommasi, Luiz Matteoli, Camilo Loureiro Bento e Alcebíades Freire.

O Almanaque do Estado do Espírito Santo, editado com tiragem de 2.000 exemplares, nos anos de 1918 e 1919, encerra esta parte introdutória de nosso levantamento. Em 13 de agosto de 1918 faleceu seu editor, o Profº Amâncio Pereira,e seus filhos Heráclito e Maria Leonídia editaram-no no ano subseqüente. A parte literária contava com a colaboração dos nomes mais representativos das letras capixabas de então: Antônio Athayde, Jair Tovar, Otávio Araújo, Jonas Montenegro, Aurino Quintaes, Carlos Xavier, Carlos Sá, Narciso Araújo, Manuel Xavier, Aristides e Mário Freire, Aristóteles da Silva Santos, Francisco Rufino, Adolfo Fraga, João Lordello, Adolfo e Afonso de Oliveira, Kosciuszko Leão, Cândido Costa, Edgar Daemon, Francisco Feu Rosa, Elpídio Pimentel, Urbano Xavier, Teixeira Leite, Orlando Bomfim, Ramiro de Barros, Pe. Elias Tommasi e José de Barros Wanderley.

3. A Vida Capichaba

Vida Capichaba (com ch) foi a revista social de maior importância para a literatura espírito-santense. Apareceu em abril de 1923 e teve publicação ininterrupta até seu número 751 em fevereiro de 1957. Durante 34 anos a revista de Manoel Lopes Pimenta registrou o dia a dia da Capital e do Estado, tornando-se documento imprescindível para o estudo da vida vitoriense e do próprio Espírito Santo.

O número 1 é aberto com a crônica de Garcia de Rezende, "A lâmpada de Aladino". Há textos de Anatole France, João Bohêmio (Teixeira Leite) e Baudelaire, sonetos de Jonas Montenegro e Ernesto Guimarães. No número 2, há dois poemas de Ulisses Sarmento e o necrológio do esquecido poeta.

A revista foi editada, inicialmente, na rua José Marcelino, 56, passando, depois, para a avenida Capixaba, 336, hoje o prédio 572 da avenida Jerônimo Monteiro. Seus redatores eram Elpídio Pimentel e Manoel Lopes Pimenta. Colaboraram na revista em sua primeira fase: Aurino Quintaes, José Tatagiba, Mario Queiroz, Armando Oliveira Santos, Teixeira Leite, Belisário Vieira da Cunha, Juily Furtado Bandeira, Maria Antonieta Tatagiba, Carlos Xavier, Antônio Serapião, João Bastos, Sílvio Rocio, Arquimimo Mattos, Paulo de Freitas, Augusto Lins, Thiers Vellozo, Luiz Moreira, Osvaldo Poggi de Figueiredo, Corlumbo Ferreira e Ruy Diniz (pseudônimos), Salvador Thevenard, Willis Cunha, Almeida Cousin, Ruy Cortes, Sílvio Rangel, Jairo Leão, Newton Braga, Ciro Vieira da Cunha, Clovis Ramalhete.

A revista refletia os vaivéns da política local e freqüentemente seus artigos reclamavam contra o marasmo da cidade(3).

Depois da revolução de 30 retira-se do corpo redatorial Elpídio Pimentel, ficando a revista a cargo unicamente de M. Lopes Pimenta.

Eis a explicação, em outubro daquele ano, da volta de Pimenta, que se afastara da revista em 1º de abril "em razão das simpatias que não podia calar pela grande causa hoje, felizmente triunfante, o que lhe valeu incorrer no desagrado da situação decaída".

As novas gerações colaboram na pequena revista vitoriense: Lydia Besouchet (com a crônica "As lavadeiras é que mandam"), Alvimar Silva, Paes Barreto Filho, Gilmir Martins, Mauro Braga, Maria José Albuquerque, Antonio Pinheiro, Nilo Aparecida Pinto, Levy Rocha, Virgínia Tamanini, Beresford Moreira, Orminda Marvilla, Nicanor Paiva, Carlos Augusto de Goes, Eugenio Sette, Arlete Cypreste de Cypreste, Collares Jº, Durval de Moraes, Victor Biasutti, Arnulpho Neves, Eurídice de Oliveira, José Schiavo, Nelson Abel de Almeida e Mário Freire.

Não fora a obstinação de Lopes Pimenta e não tivesse ele gráfica própria, impossível à Vida Capichaba, no meio acanhado e provinciano de Vitória, acompanhar suas congêneres cariocas: O Malho, A Careta, Fon-fon, A Cigarra, Jornal das Moças, Vida Doméstica, ultrapassando quase quatro décadas de publicação ininterrupta. Funcionou, a maior parte do tempo, numa loja triangular da avenida Capixaba (hoje Jerônimo Monteiro) em cuja frente havia três compartimentos: dois dos compositores manuais, à moda de Guttemberg: Pedrolino Siqueira e João da Cruz; o terceiro da direção e redação, sala sempre empoeirada, onde Paulo Vellozo, um dos co-autores de Cantáridas, escreveria:

"A vida que importa a Vida,
esta vida fedorenta.
Só serve para dar dinheiro
A Manoel Lopes Pimenta."

No vértice do triângulo ficava a máquina impressora plana, onde trabalhava Luiz Gorassi, às voltas com o acerto das páginas.

Com tão pobre instrumental a revista venceu, galhardamente, os anos, graças, repetimos, ao *fair play* de Manoel Lopes Pimenta, que, nos seus dias de moço, já se exercitara no jornalismo universitário, no Rio de Janeiro(4).

Pequenino, muito míope e alegre, Maneco era figura *sui-generis* de jornalista e intelectual capixaba. Antes da existência de legislação de defesa do consumidor, especializou-se em fiscalizar, pessoalmente, os aumentos de preços no mercado e nos serviços públicos. Ficaram famosas suas verificações sobre as contas de luz da Companhia Central Brasileira de Força Elétrica (CCBFE) do grupo canadense da Light. Nasceu Lopes Pimenta em Santa Cruz (ES) em 10.12.1890 e faleceu no Rio de Janeiro, em 14.07.1971. Na então Capital Federal fez o curso de humanidades e bacharelou-se em direito. Em nosso Estado foi Promotor Público, professor catedrático de histôria da Escola Normal "Pedro II" e seu Diretor e Secretário da Educação. Durante mais de 30 anos abnegada e um pouco displicentemente editou a revista que ora estamos resenhando. Poderia ter se notabilizado como poeta humorístico(5) mas acomodou-se a sua condição de diretor de revista e funcionário estadual.

Para a revista, de tempos em tempos, convocava amigos escritores, muitos plumitivos ainda, para, quase sempre "a leite de pato", como se dizia então, isto é, gratuitamente, darem feição literária à revista, que era especializada em crônica social, esportes e cinema.

Assim é que em 1933, com grande formato, passou a co dirigir a Vida Capichaba o escritor Carlos Madeira, cuja saída da

redação originaria a criação da revista Chanaan, a seguir resenhada. Em 1935, o Redator Chefe era Almeida Cousin, coadjuvado por Gustavo Wellington, Athayde Lima e Alvimar Silva; mantidos em 1936, apenas Almeida Cousin e Alvimar Silva. Este seria o redator único até 1944. Em 1945 foi substituído por Abílio de Carvalho e de 1946 a 1948 por José Luiz Holzmeister. Em 1949 a Academia Espírito-Santense de Letras assumiu essa função, que posteriormente, de 1951 até 1954, passou a Eurípedes Queiroz do Valle, Guilherme Santos Neves, Eugênio Sette e Renato Pacheco.

Nesta última fase, sob a direção de Lopes Pimenta, estreou, em 1952, na revista José Carlos Oliveira, com a crônica "1952 chegou atrasado" criticando o horário de verão, além dos professores de língua Clovis Rabello e José Leão Nunes. Os diretores procuraram criar capas bem cuidadas e novas secções como os "Arquivos impagáveis", os "Temas de Folclore", o "Consultório do Prof? Nostradamus" e a "Cidade das Letras", a cargo do crítico Tulo Hostílio Montenegro, mas o material gráfico era tão pobre que todos os esforços foram baldados.

Em 1955 a revista foi vendida a Cesar Vieira Bastos e Elcio Álvares, tendo surgido a Nova Vida Capichaba, a revista do Espírito Santo, que procurou dinamizar-se, atraindo novos colaboradores como Vera Larica Wanderley e Jones Santos Neves F?. Um incêndio na gráfica, no final do ano, iria inviabilizar os esforços modernizadores. Trabalharam, profissionalmente, na revista, que editava Sete Dias, um suplemento semanal, Alvino Gatti (que assinava crônicas sob o pseudônimo de Atílio Pai...), J.C.Monjardim Cavalcanti, Plínio Marchini e Audifax Amorim. Seu último número, o 751, saiu em fevereiro de 1957, encerrando-se a história da mais duradoura publicação periódica da nossa imprensa.

As dificuldades de tal editora podem ser comparadas com a simples reprodução de fotos cujos clichês eram encomendados no

Rio de Janeiro. Pimenta colocava as mãos na cabeça sempre que as despesas com clichês ultrapassavam as receitas da própria revista, compensadas com serviços gráficos variados, especialmente sob encomenda da Companhia Vale do Rio Doce S.A.(7). Pimenta aposentado, já morando no Rio de Janeiro, não mais tinha condições de dirigir sua revista, a obra de sua vida: vendeu-a e ela em dois anos se extinguiu.

4. Chanaan

Egresso da Vida Capichaba, o escritor Carlos Nicoletti Madeira fundou a Gráfica Editora Canaã que durante dois anos editou a revista Chanaan e dois números do Anuário do Espírito Santo e Norte do Brasil.

O primeiro número da revista é de janeiro de 1936, e além de Madeira, diretor responsável, são diretores de redação Adelpho Monjardim e Luiz Derenzi. Seu caráter literário ressume das crônicas de Herwan Wanderley, da poesia de Teixeira Leite, e dos trabalhos dos demais colaboradores: Caio de Andrade (por certo pseudônimo do próprio Carlos Madeira), Nelson Abel de Almeida, Jorge Kafuri, Augusto Lins, Nuno Santos Neves, João Calazans, Saul de Navarro, Christiano Fraga, Beneventino, Areobaldo Lellis, Tulo Hostílio Montenegro, Antonio Pinheiro, Salvador Thevenard, Nicanor Paiva, Norbertino Bahiense, Wolghano Barbosa, Olegário Ramalhete, Mileto Rizzo e Newton Braga(8).

Em 1939 a Gráfica lançou o Anuário do Espírito Santo e Norte do Brasil, com 319 páginas e 20.000 exemplares, novamente editado em 1940, tendo os mesmos diretores de Chanaan e com variada colaboração literária(9). O Anuário não mais foi publicado, talvez em virtude das dificuldades oriundas da 2ª Guerra Mundial. A Revista voltou a ser editada, em 1942, redatoriada por João Calazans, mas

por pouco tempo. A gráfica existe até os dias de hoje, na Escadaria São Bento (rua Acyr Guimarães) nesta Capital.

5. Suplemento de A TRIBUNA

Nesta época A TRIBUNA, fundada em 19 de abril de 1938, sob o bafejo da ditadura de Vargas, e para defendê-la, lançou, em 1941, bem cuidado suplemento literário sob a direção de João Calazans e Eugênio Sette. Antes, num *tour de force* e superando a falta de papel de imprensa comemorou em 19.04.1941 o 58º aniversário de Vargas e 4º do jornal com uma edição de 132 páginas, feito inédito na imprensa capixaba, e dificilmente repetido.

Foram colaboradores deste suplemento Virgínia Tamanini, Collares jº, Fernando Marinho, Paulo de Vasconcellos, Teixeira Leite, Mário Freire, Tulo Hostílio Montenegro, Ruy Cortes, Lima Fonseca, Carlos Santana Cô, Paes Barreto Filho, José Luiz Holzmeister, Antonio Pinheiro, Eymard de Barros, Luiz Moreira, Alberto de Oliveira, Milton Coutinho, Joaquim Ramos, Alvimar Silva, e, pasmem, Rubem Braga que, numa crônica bem humorada sobre Fagundes Varela, reporta se ao Brasil: "Ele dorme, dorme, dorme, mas nem sempre dormirá".(nº 46, 1942).

O suplemento publicava a seção de letras "Não li e não gostei", firmada por Damião, o leproso, pseudônimo de João Calazans(10) e lançou o concurso do prícipe dos poetas capixabas, do qual saíram vencedores, no final de 1941, Narciso Araújo, João Bastos e Ciro Vieira da Cunha, detentores do prêmios Virgílio Vidigal, Ulisses Sarmento e Jonas Montenegro(11).

6. Um período desértico

Com exceção de Vida Capichaba a que já nos reportamos, é pobre de experiências literárias, pela imprensa, o período que se segue.

Requisitamos, apenas, algumas tentativas de serem feitos suplementos literários em A GAZETA e O Diário, o aparecimento do *house-organ* Boletim Âncora, em 1958 e 1959, com artigos de Guilherme Santos Neves, Tulo Hostílio Montenegro e Eurípedes Queiroz do Valle e, em 1963, Coluna dos Novos na Folha Capixaba(12).

Em dezembro de 1964, a Academia Cachoeirense de Letras lança o número 1 de sua revista, que iria ser editado nos cinco anos subseqüentes e com edição retomada recentemente. A Academia, que fora fundada em 12.05.1962, publica em sua revista poemas, contos, crônicas, trechos de romance e pensamentos.

Em março de 1967, em Vitória, Alvaro Pacheco lança a Revista Capixaba que será editada até junho de 1970 (40 números). A despeito da boa equipe jornalística, composta inicialmente de Marílio Cabral, Hélio Dórea e J.C.Monjardim Cavalcanti, e mais tarde Marien Calixte e Plínio Marchini, e da esporádica colaboração de Alvino Gatti e José Carlos Oliveira, pouco fez esta publicação no que tange às letras capixabas(13).

7. Jornal MENSAGEM do Alegre

Abrimos tópico especial para o jornal Mensagem, editado desde 30.09.1967, ininterruptamente, em Alegre, sul do Estado, por Evandro Moreira. Com oficinas próprias, nas diversas fases por que passou, o pequeno jornal tem sido, predominantemente, literário. Em suas páginas foi publicada extensa antologia de poetas espírito-santenses, com textos e biografias. Também Mensagem patrocinou se-

te vezes os Jogos Florais de Alegre e divulga sempre, em suas páginas, novos poetas (principalmente trovadores), críticas literárias e noticiário cultural.

8. SIM, uma tentativa importante e frustrada

Na primavera de 1978 temos que registrar o aparecimento da revista mimeografada Sim (conto, poesia e ensaio) editada por Jairo de Brito e João Amorim Coutinho. Pretendiam os editores dar a público edições trimestrais, quando as estações chegassem, mas tal objetivo não foi atingido. O 2º número saiu quase um ano depois do primeiro e a excelente publicação, do ponto de vista redacional, se encerra com seu terceiro número. Foram seus colaboradores João Amorim Coutinho, Carlos Chenier, Alvaro José Silva, Jairo de Brito, Fernando Tatagiba, Osmar Silva, Bernadette Lyra, José Irmo Gonring, Paulo de Paula, Xerxes Gusmão Netto, Paulo Eduardo Torre, Roberto Almada, Amylton de Almeida, Olival Mattos Pessanha, Jayme Santos Neves, Arlindo de Castro Filho, além dos autores convidados Jefferson de Andrade e Maria Amélia Mello(14).

9. Revista Letra

O Grupo Letra foi fundado em princípio de 1980(15). Entendeu que seu labor estético deveria ser explicitado ou num Suplemento Literário ou numa revista. Inicialmente, de maio a julho de 1980, publicou uma página literária em A TRIBUNA, desta Capital, interrompida por dificuldades técnicas. Partiram os membros do grupo para a edição de publicação própria, o que só ocorreria no final do ano seguinte.

No primeiro número (1981) a Revista Letra só publicou trabalhos dos membros do grupo do mesmo nome(16). Já a partir

do 2º número escritores convidados compartilharam de suas páginas: Luiz Guilherme Santos Neves, Fernando Tatagiba e Bernadette Lyra.Os três últimos números (1985-1987) publicados com grande atraso, o foram, mediante acordo, com a Fundação Ceciliano Abel de Almeida da Universidade Federal do Espírito Santo, abrindo-se as páginas a outros autores: José Carlos Oliveira, Roberto Almada, Maria de Loudes Brandão Fonseca, Paulo Roberto Sodré, Gilson Soares, Valdo Motta,Carlos Chenier, Ivan Borgo, Fernando Tatagiba, Francisco Grijó, Regina Célia Cerri Silva, Aldi Corradi Tristão, Amilton Trancoso, Mária Santos Neves, Paulo Roberto Ceotto, Sinval Paulino, Lacy Ribeiro,Sebastião Lyrio, Danilo da Fonseca Filho, Deny Gomes, Geir Campos,José Irmo Gonring, Adilson Vilaça, Flávio Sarlo, Ivan de Lima Castilho, Sérgio Blank, Álvaro Barbosa Lima, Ana Cristina Siqueira, Ernesto Pachito, Kátia Bento e Marcos Nicodemus Cysne, uma amostra bastante significativa da moderna literatura espírito-santense, inclusive de vanguarda.

É de se esperar que a FCAA continue a publicar a revista Letra, no momento o único veículo literário de que dispõem os jovens escritores capixabas.

10. Revista Imã

Sandra Medeiros Vieira Gomes sonhou, primeiramente, com Marco Antonio Murad Neffa e depois com Paulo Leminski, a edição, em Vitória, de uma publicação de padrão internacional.

Sonhou e o fez - editou de julho de 1985 a dezembro de 1986 três números da revista Imã, que pretendia ser semestral,graficamente excepcional. Colaboraram, para só citar os da terra, com Imã: Valdo Motta, Gelson Penha, Marcos Tavares, Flávio Sarlo, Fernando Tatagiba, Bernadette Lyra, Sandra Medeiros, Reinaldo Santos Neves, Luiz Busatto, Ivan Vieira, Roberto Almada, Adilson Villaça, A-

mylton de Almeida, José Irmo Gonring e Oscar Gama Filho. Em 1987 a revista não foi publicada e em 1988 a Diretora Responsável, ora residente no Rio de Janeiro, em entrevista ao suplemento "Domingo" do JORNAL DO BRASIL informou que Imã vai ser editada no Rio, deixando, destarte, de fazer parte dest a história.

12. Revistas Oficiais

a.) Revista Cuca, Cultura Capixaba - Editada, a partir de 1985,pelo Departamento Estadual de Cultura, com poucos números publicados e, atualmente, suspensa, graficamente bem cuidada, versa a cultura em geral, sem exclusão de aspectos literários(17).

b.) Revista IJSN - Editada pelo Instituto Jones dos Santos Neves há seis anos (último número julho-setembro de 1987),con quanto se volte mais para a área de planejamento e e conomia, não se tem furtado à divulgação de temas literários(18).

c.) UFES, Revista de Cultura - Lançada em 1967, pelo Reitor Alaor Queiroz de Araujo, teve como diretores Romulo Penina e Hegner Araujo, secretário executivo Dalton Martins da Costa e editor Cláudio Antônio Lachini. Depois de longa interrupção, tem aparecido regularmente nos últimos 12 anos, principalmente com a divulgação de artigos firmados por seus professores,nas diversas áreas de ensino universitário, inclusive letras(19).

13. Outras Publicações

a.) Boletim Folclore, editados 97 números graças ao esforço pessoal do Secretário Geral da Comissão Espírito-Santense de Folclore, Guilherme Santos Neves. Há nele inúmeros estudos sobre litera-

tura oral, principalmente no grupo de poesia e do romanceiro popular.

b.) Academia Espírito-Santense de Letras. O artigo 2º, item II dos Estatutos da AEL, fundada em 1921, determina que a instituição procurará manter a publicação de uma Revista, que será"o seu órgão". A despeito desta intenção, tal desiderato jamais foi alcançado. Em abril de 1962, Eurípedes Queiroz do Valle, então presidente, editou Boletim, ano I, nº 1, de que não houve o número 2. Em maio de 1988, Fernando Moraes editou o Academia, ano I, nº 1, estando em fase de elaboração o número 2, como substituto da Revista.

C O N C L U S Ã O

Em 135 anos de imprensa literária, não tivemos, no Espírito Santo, nenhuma publicação que se ombreasse às suas congêneres Revista do Brasil, Revista Branca, Clã, Joaquim, ... do Ri e dos Estados.

A própria situação periférica em que se encontra o Estado em relação ao Brasil explica esta situação.

O pesquisador interessado em aprofundar seus estudos encontrará na coleção de Vida Capichaba, por exemplo, manancial inesgotável para qualquer tipo de análise que deseje fazer. O sonetismo que nela impera não será fruto das suas dificuldades tipográficas, de seu pequeno formato?

Procuramos fazer um levantamento tão exaustivo quanto possível destas publicações, ressalvadas possíveis e infalíveis omissões, abrindo, assim, um horizonte amplo que mostre o que foi feito, a duras penas.

NOTAS DE REFERÊNCIA

(1) Daemon, Basilio, Sinopse história e exstatística do Espírito Santo e Pereira, Heráclito Amâncio, "A imprensa no Espírito Santo" in Revista do IHGES, nºs 2, 3 e 4.

(2) Entre estas biografias, as de Graciano Neves, Moniz Freire, D. João Nery, Afonso Cláudio, José Marcelino, Cleto Nunes, Henrique e Emílio Coutinho, José Monjardim, Joaquim Cruz, D. Fernando, Domingos Martins, Pessanha Póvoa, Jerônimo Monteiro, Joaquim Lyrio, Antônio Aguirre, Deocleciano Oliveira, Barão do Rio Branco, Marcondes Alves de Sousa, Francisco Athayde, Ramiro de Barros, Bernardino Monteiro, D.Benedito Alves de Sousa, Nestor Gomes, Henrique de Novaes, Epitácio Pessoa e Ruy Barbosa.

(3) No número 37, Ruy Diniz desabafa: "O Espírito Santo, meu caro patrício, faz lembrar um pouco o lendário Saturno, devorando os próprios filhos". Em pé de página, do número 60, diz, orgulhosamente:"A Vida Capichaba é o reflexo da civilização e do adiantamento espírito-santense". Elpídio Pimentel já dissera no número 15: "Devo, aqui, explicar a razão deste livro (trata-se de Na escarpa, jamais editado). É mais um tributo da minha vontade que se insurge contra a indiferença doentia, o descaso mórbido, a inveja sistemática do meio, em que me formo, sujeito às freqüentes vacilações dos seus fatores instáveis. Felizmente, graças ao anjo guardião, que me custodia, não sou um descorçoado, um vencido, desorientado ante a cuquiada dos irreverentes incansáveis nas suas naturais murmurações. Guindados, os mediocratas - ao belver das fatuidades transitórias, é justificável o seu rancor àqueles que, pelo estudo, pela inteligência, ou pelo esforço resistente, se constituem em insistentes ameaças, em perigos iminentes às suas floríolas presunçosas. Ademais, nos pequenos centros populosos, a inveja e a perfídia camararíamente aliançados são paixões mal-sãs que se alastram como fogo em acendelhas ou fasquias." A transcrição foi longa mas dá a medida do estilo da época e do desabafo do autor.

(4) Apud Bandeira, Manuel, Andorinha, andorinha, Rio, JO, 1966, p. 277, onde se refere à Folha acadêmica, redatoriada por M. Lopes Pimenta, J.Mendes da Rocha, Alexandre Oliveira, J.B.Ferreira Pedrosa e Honório Bicalho (redator-chefe), da qual foram tirados 53 números, de 07.08.1911 a 20.11.1912, circulando no Rio, São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul, jornal pioneiro entre as publicações de estudantes do ensino superior, no Brasil.

(5) A tradição lhe atribiu a autoria do célebre anúncio nos bondes nacionais, na década de 30: "Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro, que o Sr. tem a seu lado, e no entanto, acredite,quase morreu de bronquite, salvou-o o Rum Creosotado". Dele também era a secção Alfinetadas que, por muitas décadas, foi publicada em sua revista. Fazia também letras e músicas de Carnaval.

(6) Entre os muitos plumitivos que Pimenta convidou para assessorá-lo, conta-se sobre um período de férias em que ele entregou a revista a João Calazans. A cidade ficou em polvorosa, atraindo para a publicação as iras da sociedade local. Causaram espécie, entre outras, as críticas irônicas a obras recentemente aparecidas. O crime, o criminoso e a pena do Desembargador Carlos Xavier. O crime - a obra. O criminoso - o autor. A pena - o encalhe na livraria. Itamonte de Almeida Cousin foi saudado com um Eta Monte. Aliás Calazans, em 1952, anunciou estas facécias para duas obras inéditas, de próxima publicação A ilha em pânico e História literária do Espírito Santo jamais publicadas e hoje provavelmente perdidas.

(7) Os poucos clichês que a revista publicava eram feitos na clichérie Antonio Sepúlveda, do Rio, até que, em 1952, a Imprensa Oficial inaugurou a 1ª clichérie do Estado, tendo contratado excelente técnico suíço, Sr. Hans Schneebeli, até hoje trabalhando com oficina própria em Santo Antônio.

(8) Entre os trabalhos então publicados há curiosidades como "Walfrido Wanzeller, o asceta da ladeira da Várzea", de Areobaldo Lelis, em fevereiro de 1936, e "Vinícius de Moraes e a poesia poética" de Tulo Hostílio Montenegro, em fevereiro de 1937. A indefinição da revista - melhor diríamos a indefinição daqueles anos - é mostrada nas dúvidas de seus colaboradores quanto à filiação política. Renato Homem, no artigo "Maurois tem razão", em agosto de 1937, diz: "Não sabemos se escolher direita ou esquerda.

Alguns tentaram tomar rumo. A maioria empacou como o burro de Buridan. E ninguém está certo de ter acertado. Todos sofremos com a indecisão. Com a dúvida". Anteriormente, em "Literatura", em fevereiro de 1936, João Calazans já propusera a esquerda:"Em todos os países há essa tendência característica de esquerda, que acentua o sentido revolucionário da arte. E nessa fase brutalizada pela ação dos imperialistas e acelerada pela luta de classes, a arte não é senão um traço de união entre as condições econômicas do artista e os fenômenos sociais do momento." Mas no mesmo mês, falando de "Problemas sociais", Frei David Arias dava uma guinada de 180º: "Não é a revolução que salvará o mundo; mas a consolidação dos elementos tradicionais, científicos e religiosos, harmonizados numa política de reorganização social e cooperação econômica entre os diferentes povos e classes."

(9) De Augusto Lins, prenunciando sua magistral obra sobre o Canaã, "O Espírito Santo no romance brasileiro" (p.78/80) ano 1, nº 1. Notícia sobre o concurso científico e literário do Espírito Santo, com a seguinte premiação
Ciência - Almeida Cousin, Ernesto Guimarães e Heitor Rossi Belache; Misael Pena de história e erudição e crítica - Carlos Madeira. Cidade de Vitória de romance e teatro - Carlos Madeira; Muniz Freire de contos e novelas - Adelfo Monjardim, Clovis Ramalhete e Arnulfo Neves. Domingos Martins de poesia - Salvador Thevenard, Newton Braga e Alvimar Silva.
Notícia da reformulação, em 29.11.1937, com presidência de Arquimimo Mattos e secretaria de Augusto Lins, da Academia Espírito-Santense de Letras. Uma interessante relação (p.205) de literatos capixabas e seus endereços, arrolando 74 nomes, 60 moradores no centro de Vitória, 6 em Jucutuquara, 1 em Santo Antônio e 1 em Vila Velha, com indicação de apenas três senhoras Judith Leão Castello Ribeiro, Indá Soares Casanova e Hermínia Wanderley.

(10) Em 14.12.1941, Calazans anuncia que"circulará brevemente o esperado livro do Sr. Nelson Abel de Almeida Para ler no bonde. Não poderá ser lido em ônibus ou trem de ferro; o Sr. Antônio Feu Rosa é candidato ao prêmio Nobel de História com o célebre artigo 'O dia de Finados', reproduzido todos os anos com correções." E com muitos anos de antecedência anuncia o aparecimento de umas líricas bocageanas de três jovens capixabas que serão reunidas num volume, sob o título Cantáridas.

(11) Foram votados, também, os poetas Augusto Lins, Alberto Guimarães, José Luiz Holzmeister, Alberto Isaías Ramires e Geraldo Costa Alves, este sucessor de Narciso Araújo, em promoção de 1949, da Arcádia Espírito-Santense.

(12) Informa José Augusto de Carvalho, em "Letras Capixabas" (in UFES, Revista de Cultura, nº 2, 1968): "Revoltados contra o valor que se dava à poesia intelectiva, onde o ilógico funciona em caráter secundário, para a beleza poética das criações literárias, Cláudio Antônio Lachini, Xerxes Gusmão Neto e Carlos Chenier agrupam se no jornal Folha Capixaba e fundam a "Coluna dos Novos", sob a direção deste último."

(13) No número 11, p.33 em "A voz do povo" José Carlos Oliveira diz o que espera do Marechal Costa e Silva na Presidência da República. No número 40 há interessante texto de Paulo Armando sobre Jorge de Lima (p.14 a 16). Mas a literatura não era o forte da Revista Capixaba.

(14) No pré-facil do 1º número diz Jairo de Brito que a idéia é simples e antiga. No 2º número o mesmo co-editor acentua que a revista continua pobre graficamente. "Houve, afinal, uma produtiva troca de idéias e - pelo menos entre aqueles que cultivam o hábito de ler o que quer seja antes de emitir opiniões, a recepção foi mais que favorável." Neste número 2 há, em um conto de Jayme Santos Neves interessantíssimas considerações sobre os suplementos literários locais:

Jayme Santos Neves A poética de Franes Sim 2 p.29/30

"O suplemento literário de um jornal de província é um alimento precioso para o espírito. Não perca. Mas, dou-lhe um conselho. Para apreciar devidamente uma dessas crônicas ou poesias, você deve obedecer a um rigoroso ritual. E elas bem o merecem. Acorcedo. Tome seu banho bem frio. Depois um cafezinho bem quente, um cigarro e uma boa poltrona. Relaxe o corpo e o espírito e vá lendo devagar... saboreando. Depois de cada artigo, deixe então seu riso escorrer livremente e enfurnar de alegria todo o quarto e respire de volta toda essa alegria. Não imagina o bem que isso nos faz. Ainda outro dia li um artigo deliciosíssimo. O autor afirmava, compenetrado, que a descoberta da Imprensa ocorrera a Guttemberg, ao observar a marcha de "outra cavalgadura" que ia a sua frente. Esse "outra" sozinho vale milhões. Che

ga a ser comovente. Vale mais para o espírito que um rosário inteiro. Para que perder o tempo lendo Sartre e Bertrand Russell, com suas frias preocupações coletivas e universais, se temos a nosso alcance fácil, o sabor cálido, municipal, desses suplementos literários? Para que acompanharmos os malabarismos mentais de Isaac Asimov, de Van Vogt em sua literatura calculada de ficção científica, se podemos, calma e semanalmente, nos deleitar com a deliciosa, ingênua e imprevisível ignorância de nossa gente?"

(15) Compunham-no, inicialmente, José Augusto Carvalho, Luiz Busatto, Marcos Tavares, Miguel Marvilla, Oscar de Almeida Gama Filho, Reinaldo Santos Neves e Renato José Costa Pacheco.

(16) Por suas características de análise, chamamos a atenção para o estudo de Luiz Busatto sobre a antropofagia (literária) no Espírito Santo, e sobre Invenção de Orfeu e os textos indígenas e sua tradução italiana, o de Reinaldo Santos Neves sobre uma tradução de Eliot e os de José Augusto Carvalho sobre teoria da literatura e três visões de Canudos.

(17) Como entrevista com o escritor Adelfo Monjardim, publicação de textos sobre teatro de Wanda Santos Sily e Oscar Gama Filho, Itanhenga em prosa e verso, relatando experiência de Valdo Motta com um grupo de crianças de bairro pobre da Grande Vitória, poemas de Roberto Almada e o estudo crítico da Professora Maria Rachel Abreu Lima e Pereira sobre literatura fantástica no Espírito Santo.

(18) Crítica de livros de Adilson Villaça e Mendes Fradique e artigo de Reinaldo Santos Neves sobre o programa editorial da Fundação Ceciliano Abel de Almeida da UFES.

(19) Verbi gratia o Panorama das Letras Capixabas de José Augusto de Carvalho, e os estudos das Professoras Mariusa Vieira Gomes sobre Alves Redol e de Laura Cavalcanti Padilha sobre Camilo Castelo Branco.

AS ASSOCIAÇÕES LITERÁRIAS E OUTRAS MANIFESTAÇÕES GRUPAIS RELACIONADAS COM A LITERATURA

Renato Pacheco

INTRODUÇÃO

A literatura é fenômeno que deve ser entendido dentro de uma dada cultura.

Todavia, numa análise como a que pretendemos fazer, temos de privilegiar os produtos intelectuais estéticos, isto é, nosso objetivo é trazer para os focos de nosssas lentes, precisamente, o fenômeno literário na sociedade capixaba, que é preexistente e imbricada em contexto maior nacional.

O autor capixaba, para início de conversa, deve ser caracterizado. Discussão que já existia na década de 30, como se vê em Augusto Lins, Uma página da história literária espírito-santense: *"Arrolamos como fenômeno de nossa literatura tudo quanto aqui tenha sido elaborado como tal"* (p.12).

Nesta pesquisa, o vocábulo espírito-santense é empregado com significação ampla: engloba não somente os autores nascidos no Estado do Espírito Santo, inclusive aqueles cuja obra, no todo ou em parte, seja fruto de sua vivência fora do Estado, como os nascidos em outros Estados ou países que tenham produzido obra literária no Espírito Santo ou sobre nosso Estado.

Neste levantamento das manifestações culturais capixabas, por intermédio de sua literatura, pretendemos dar uma visão crítica de nossa história.

Os escritores mostram o clima das épocas, e passam para o plano literário a vida cotidiana de uma dada sociedade.

Nossos escritores pertencem, em sua maioria, à classe média, mais ou menos parasitária, e acomodada através do conservadorismo e do espírito de conciliação. Eles, em sua excepcionabilidade, vão mostrar que o Espírito Santo cresceu mas não mudou.

Em terras do Espírito Santo, o associativismo cultural nunca foi muito ativo. A criação e manutenção de uma associação cultural depende, em muito, do esforço, disponibilidade, boa vontade e gastos de uma pouca de abnegados. Com atraso, chegaram até nós as instituições tradicionais, existentes no país e no Exterior há séculos.

Do *Institut Historique de Eugène de Monglane*, em Paris, teria se originado, em 1848, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro(1), cujo contraporte capixaba só iria instalar-se em 1916, assim mesmo por sugestão de um pernambucano, Carlos Xavier Paes Barreto, que aglutinou os intelectuais locais com vistas às comemorações, em 1917, do 1º Centenário da Revolução Pernambucana, de que fora um dos chefes o capixaba Domingos José Martins, nosso mais cultuado herói masculino.

A Academia Francesa, inspirada pelo Cardeal Richelieu para cooptar os escritores rebeldes, serviria de modelo para a Brasileira de Letras, na qual se modelou a Espírito-Santense, criada em 1921, com apenas 20 membros, aumentados, em 1939, para os 40 tradicionais imortais.

Entrementes, outras instituições foram criadas e extintas, e sobre elas falaremos no capítulo respectivo.

Uma análise do que têm sido estas instituições para a vida literária espírito-santense mostrará que pouco ou nada fizeram; hibernavam, quase sempre; quando em atividade pouco fizeram a favor da cultura de sua terra, atendendo, em geral, mais a interes-

ses pessoais de seus associados. É um julgamento severo, mas que atende a uma realidade. Assim é que as duas mais antigas instituições culturais do Estado tiveram longos períodos de paralisação: o Instituto Histórico após a Revolução de 30, de vez que seus diretores eram considerados corifeus do regime deposto, e até que fosse eleito Presidente Celso Calmon Nogueira da Gama, secretário de Estado da Interventoria, e também durante os longos anos de construção de sua sede própria. A Academia, desde a saída de Vitória de seu grande incentivador, Dom Benedito Alves de Sousa, Bispo Diocesano, até sua reestruturação inspirada por Arquimimo Mattos, Augusto Lins e Collares Jº, em 1939, e mais quando despejada abruptamente de sua sede numa sala do 3º andar do antigo prédio do Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo (Banestes) logo depois demolida, até a doação pelo acadêmico Kosciuzko Barbosa Leão de um palacete na Praça João Clímaco, que é hoje sua sede própria.

1. O Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

Pode parecer estranha a inclusão de um grêmio dedicado à história e à geografia num ensaio sobre associações literárias. No caso que estamos estudando, dado o restrito número de intelectuais vitorienses, tal presença é indispensável de vez que, ao menos no campo da retórica, o Instituto sempre atuou como instituição afim à Academia Espírito-Santense de Letras, cujos membros, em geral, são os mesmos, inclusive por duas vezes os presidentes acumularam as funções: Eurípedes Queiroz do Valle e Ceciliano Abel de Almeida.

Fundado em 12 de junho de 1916, a principal atividade do Instituto no que tange às letras tem sido a edição de 38 números de sua Revista em que há diversos textos de interesse para

a literatura espírito-santense(2).

2. A Academia Espírito-Santense de Letras

Alarico de Freitas, Sezefredo Garcia de Rezende e Elpídio Pimentel, intelectuais vitorienses da década de 20, aproveitando a grande euforia que o Estado vivia, então, com a boa produção cafeeira e seus preços, propuseram a outros escritores a criação da Academia Espírito-Santense de Letras. O grande incentivador da criação da novel sociedade foi o Bispo Diocesano Dom Benedito Paulo Alves de Sousa. A ele se juntaram os desembargadores Ferreira Coelho e Cassiano Castello e os Professores Thiers Vellozo e Aristides Freire.

A 4 de setembro de 1921, depois de três sessões preparatórias, foram aprovados os Estatutos da Academia, que só viria a instalar-se, com apenas 20 membros, em 28 de setembro de 1923.

Posteriormente, com a saída de Dom Benedito, Aristeu Aguiar, Jair Tovar, Alarico de Freitas, Garcia de Rezende, e Afonso Lírio do Espírito Santo e Revolução de 30, a Academia deixou praticamente de existir entre 1924 e 1937. Em 18 de setembro de 1937, a instância do acadêmico Arquimimo Martins de Mattos, volta a funcionar a Academia, elevando-se para 30 o número de membros, e incorporando-se à Casa os jovens que haviam despontado para as letras na década anterior. Foram, a partir daí, Presidentes da Academia, Augusto Lins, Collares Jº, Eurípedes Queiroz do Valle (de 1941 a 1963), Ceciliano Abel de Almeida, Rui Cortes, Alberto Stange Jº, Nelson Abel de Almeida e José Moysés. Em 1980, perdida a sede que ocupava a título precário no antigo edifício do Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo (hoje Banestes), ganha a Academia de seu ilustre membroKosciuszko Barbosa Leão um palacete à Praça João Clímaco, passan

do a entidade a denominar-se, desde 1985, Casa Kosciuszko Barbosa Leão.

Durante os longos anos de sua existência tem a Academia patrocinado cursos, concursos, e, por pequena que seja a repercussão de suas atividades, dentro de um contexto mais amplo, reúne ela uma plêiade de valores intelectuais da terra capixaba(4) dificilmente encontrada em outra instituição cultural do Estado(5).

3. Associações Literárias de Jovens

Em 1932, com efêmera duração, houvera a Academia Espírito-Santense dos Novos, a cuja frente estava Beresford Martins Moreira, que se notabilizaria como orador, professor de direito e Juiz do Trabalho(6). Era rival do Grêmio Ruy Barbosa, presidido por Mauro de Araujo Braga, futuro magistrado no Rio de Janeiro(7).

A Academia Capixaba de Novos, fundada a 8 de novembro de 1946, iria dar importante contribuição às letras capixabas,no qüinqüênio subseqüente, e nada tinha que ver com as entidades que funcionaram na década anterior. Seus idealizadores foram Antenor de Carvalho, Nelio de Faria Espíndula e Renato Pacheco, e a idéia propulsora surgiu numa quadra de esportes que havia onde hoje é o edifício do INPS na Praça Costa Pereira. Os três, comentando o marasmo literário vitoriense, arregimentaram logo Rômulo Salles de Sá, Orlando Cariello, Christiano Dias Lopes Fº, Durval Cardoso, Waldir Magalhães Pires, Valério Leão de Lima, Waldir Ribeiro do Val, Setembrino Pelissari, Ary Lopes Ferreira, Alvino Gatti, José Carlos Fonseca, José Sarazian da Silva, Guilherme Sá, Renato Bastos Vieira,João Francisco Gonçalves, José Wandevaldo Hora, Carlos Augusto Goes, Herminio Blackman, e tantos mais, a mocidade estudiosa da época recrutada principalmente nos primeiros anos de nossa Faculdade de Direito.

Os primeiros presidentes foram Orlando Cariello, Renato Pacheco, Rômulo Salles de Sá e Waldir Ribeiro. O rigoroso rodízio emulava as presidências. Entre suas realizações naqueles primeiros anos destacamos palestras, cursos, comemorações, concursos, recitais, apoio a atividades cívicas e educacionais e edição de livros(8). As reuniões ordinárias da ACN, na sede da Academia Espírito-Santense de Letras, cedida por seu presidente Eurípedes Queiroz do Valle, uma espécie de guardião dos jovens, às tardes de sábado, eram verdadeiras tertúlias literárias, e cada membro procurava levar a seus companheiros o melhor que havia produzido, durante a semana. A Academia, por sugestão de Durval Cardoso, manteve algum tempo um Centro de Estudos Brasileiros, para estudar problemas como o do nacionalismo, o energético, mas seus colegas, os jovens escritores, já haviam, então, feito suas opções políticas, numa linha conservadora, mais ao centro e não se preocupavam com tais problemas, por mais importantesque fossem eles, como de fato o são.

Terminado o impulso inicial, muitos de seus membros assumiram cargos no interior, outros criaram família, e foi o grupo inicial substituído por nova geração de escritores, à frente Jeová Barros, que herdara o espólio da Academia.

Mas o novo grupo, insurgindo-se contra o título Academia, extinguiu-a e criou o Grupo Olho(9). Este grupo, já agora liderado por Cláudio Antônio Lachini, Xerxes Gusmão Netto e Carlos Chenier, lançou a Semana dos Novos, que não contou com seus principais convidados, Ferreira Gullar, Geir Campos e José Carlos de Oliveira, mas fixou uma posição. O grupo editou também um suplemento no jornal Folha Capixaba. Pertenceram também a este grupo os poetas Domingos de Azevedo, Zelia Stein, Newton Copolilo, Marien Calixte, Mario Maynardi, Exupério Tavares e Oswaldo Oleari. O novo grupo, refletindo a época e o meio circundantes, tinha notórias conotações ideológicas de que estivera livre a Academia dos Novos. Com a dis-

persão de seus membros, que em sua maioria se mudaram de Vitória, o Grupo Olho se extinguiu.

Em 1980 foi criado o Grupo Letra, em sua maioria de jovens - Oscar Gama, Miguel Marvilla, Marcos Tavares e Reinaldo Santos Neves, e conjunto também de José Augusto Carvalho, Luiz Busatto e Renato Pacheco, que editou uma Revista estudada no capítulo próprio, e que, intermitentemente, se reúne de maneira anárquica nos dias que correm.

4. Outras Instituições

Em 1939, Aylton de Almeida e Alberto Isaías Ramires fundaram, em Vila Velha, o Centro Acadêmico "Humberto de Campos",mais tarde transformado em Academia de Letras, do mesmo nome, com sede própria, e que a despeito de seus membros de projeção se encontra,atualmente,desativada(10).

Da mesma época é a Arcádia Espírito-Santense, inspirada por Augusto Lins e que se notabilizou pela realização da Quinzena de Arte, em 1947(11) e a Academia Feminina de Letras, presidida pela cronista Ana de Castro Mattos.

A Academia Cachoeirense de Letras, ainda em funcionamento, foi fundada em 12 de maio de 1962 e instalada, solenemente,em 28 de junho daquele ano. Foram seus fundadores os jovens Evandro Moreira (seu atual, 1988, presidente), Bruno Torres Paraíso, Sergio Gonçalves Lofego, João Batista Herkenhoff e Paulo de Tarso Medeiros, a que se juntaram os mais velhos Eliseu Lofego, Athayr Cagnin, Elviro de Freitas, Wilson Resende, Solimar de Oliveira, José Xavier do Valle,Deusdedit Baptista, Paulo e Pedro Estellita Herkenhoff, Raymundo Estevão Pereira (Nordestino Filho), José Elias Aoni Filho e Isophanes Ramos. (12)

Em Colatina, em 26.06.1971, foi fundada a Academia Colatinense de Cultura, hoje desativada, cujo setor literário era composto de Altair Malacarne, Fausto Mascarello, Imain Lacerda, Rubens Francisco de Paula e Sílvio Silva Vitali.(13)

Em Alegre, em 1982, foi fundada a Casa de Cultura, graças ao estímulo de Evandro Moreira, que editou livros locais, através do jornal Mensagem(14).

5. Os Grêmios Estudantis

Uma palavra seja dita sobre os grêmios estudantis e sua influência para a formação de futuros escritores. Entre 1920 e 1960, a maioria dos ginásios (estabelecimentos que se seguiam aos cinco primeiros anos de estudos primários e nos quais se ingressava através de rigoroso exame de admissão) os mantinham. Eram desportivos e literários. Os mais famosos eram a UAGES (União Atlética Ginásio Espírito Santo) que, inspirada por Guilherme Santos Neves, editou, nos anos da 2ª guerra o jornal/revista Comandos, o Grêmio Litero-Esportivo "Loren Reno" do Colégio Americano Batista de Vitória, que editou o jornal Reflexo. No Ginásio São Vicente a literatura era desenvolvida através de dois partidos O Livro e a Pena. Já o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (o tradicional Carmo) editava a revista Excelsior enquanto a Escola Técnica Federal em gráfica própria, e, feito pelos alunos, editava o ETV(15). Algumas escolas do curso primário também tinham grêmios e jornais, sendo de lembrar que o famoso cronista José Carlos Oliveira publicou suas primícias no jornal O Anchietano, em , do Grupo Escolar "Padre Anchieta" de Jucutuquara.

Em Cachoeiro, no ano de 1965, fundou-se o Neocenáculo, congregando jovens, em média de 20 anos, estudantes do 2º grau, entre os quais citamos Sergio Luis Xavier do Valle, Miguel Depes

Tallon, Waldir Ferri, Francisco Borges, Carlos Roberto de Araújo Vieira, Celio da Costa Mattos, Heraldo Lisboa, Manoel Sampaio Netto, Paulo Cesar Machado, Luís Humberto da Costa (presidente do grupo e com Heraldo Lisboa os únicos não capixabas), Josaphat Joaquim da Costa, Helvécio Portugal Neves Filho, José Olimpio de Abreu e Julio da Silva Rocha Júnior. Dois de Mimoso do Sul, um de Iúna, um de Muniz Freire, um de Jerônimo Monteiro, um carioca, um cearense, e os demais cachoeirenses.

O Neocenáculo manteve um programa cultural, aos sábados, na Rádio Cachoeiro, e editou em janeiro e junho de 1966 dois números da revista, impressa, pobremente, em Jerônimo Monteiro, A Neocenaculista, com variada colaboração que abrangeu contos, poemas (do haicai ao soneto), noticiário, cartas, notícias atualíssimas sobre o cinema novo, firmadas por Bruno Torres Pereira, anúncios de lojas locais, enfim um esforço extraordinário, que não teve, infelizmente, continuidade.

6. Outras Manifestações Literárias Associativas

a. De origem governamental:

De origem governamental, três iniciativas foram de maior importância no que tange à vida literária: concurso científico e literário de 1936, as manifestações culturais quando do IV Centenário de Vitória (1951) e a criação, em 1967, da Fundação Cultural do Espírito Santo, extinta em 1980.

O Concurso Literário de 1936 na Interventoria João Bley foi proposta e aprovada através de lei do Deputado Augusto Lins. Movimenta os intelectuais do Estado e teve os seguintes resultados:

Ciência: Almeida Cousin, Ernesto Guimarães e Heitor Rossi Belache
Novela: Adelpho Monjardim, Clóvis Ramalhete e Arnulfo Neves
Romance: Carlos Madeira
Erudição: Carlos Madeira

Em setembro de 1951, no Governo Jones dos Santos Neves, as manifestações literárias ou afins foram:

1º) Na Agência Copolilo de livros e jornais - Exposição Literária Feminina.

2º) Posse de Geraldo Costa Alves como príncipe dos poetas capixabas.

3º) Diversas sessões solenes nas instituições literárias.

4º) Apresentações teatrais, pelo Teatro do Estudante, dirigido por Sady Cabral, especialmente contratado pelo governo, destacando-se o Auto de Nossa Senhora da Vitória de Nilo Bruzzi.

5º) Entrega de prêmios literários.

6º) Recital de poesia de Margarida Lopes de Almeida.

7º) Exposição do livro capixaba e edição da História do Espírito Santo de José Teixeira de Oliveira.

8º) Conferência de Levy Carneiro.

A Fundação Cultural do Espírito Santo foi criada pelo Governador Christiano Dias Lopes, através da Lei nº 2307 de 17.11.1967, e foi extinta pelo Governador Eurico Rezende, em 28.10.1980. Nesta dúzia de anos, convivendo com crônica falta de verbas, fez a FCES concursos literários, editou livros e organizou feiras de livros(17).

b. A Livraria Âncora, um *sui generis* animador cultural.

Não desejamos encerrar este capítulo sem menção especial a Nestor Cinelli e a sua Livraria Âncora. Fundada em 11.01.58, funcionando inicialmente no Edifício Álvares Cabral, rua Coronel Monjardim, pertencia aos Padres Pavonianos e era gerenciada pelo advogado Nestor Cinelli, seu atual proprietário. Em 15.01.1960 mudou-se para a Ladeira Nestor Gomes, onde ainda se encontra. Editou livros, patrocinou concursos, promoveu lançamentos de livros, realizou exposições(18) numa gama de atividades raras em casa primeira-

mente destinada apenas à venda de livros.

C O N C L U S Ã O

De todo o relatado, podemos concluir:

1º) As classes sociais que se filiaram a estas manifestações literárias são as mais altas na pirâmide social espírito-santense;

2º) As associações literárias do Estado nunca tiveram vida muito intensa;

3º) O número de interessados em suas atividades, além dos associados, nunca chegou a uma centena de pessoas, perdendo, de longe, para os jogos de futebol e exibições de artistas populares;

4º) O participante médio de uma dessas associações é um cidadão realizado na vida (em geral aposentado), com uma ou mais obras publicadas e cuja contribuição propriamente associativa (idealização e execução de eventos, por exemplo) é quase nenhuma;

5º) Por mimetismo com os centros maiores é que sobrevivem nossas associações culturais, a maioria delas com pequena atividade literária.

NOTAS DE REFERÊNCIA

(1) Cf. Cândido, Antônio - Formação literária brasileira, Itatiaia, EDUSP, 1975, vol.2, p.12.

(2) Entre estes podemos destacar: "Um romance capixaba e outro nem tanto", de Renato Pacheco (nº 31/33); "Sociedade Dramática Particular Melpômene", de Oscar Gama Filho e "O Dr. Progresso acendeu o cachimbo na lua", de Rubem Braga (nº 34); "A história de um erro: o primeiro escritor capixaba", de Oscar Gama Filho e "João Calazans", de Veríssimo de Melo (nº 35); "Teatro pré- anchietano", de Oscar Gama Filho (nº 36); e "O teatro romântico capixaba", de Oscar Gama Filho (nº 37).

(3) Ver Valle, Eurípedes Queiroz - A Academia Espírito Santense de Letras (resenha histórica) Vitória, Vida Capichaba, 1945 e do mesmo "Síntese histórica da Academia Espírito-Santense de Letras", in Revista das Academias de Letras, nº 78/1971, p.225-237 e de Elmo Elton, Academia Espírito-Santense de Letras - Casa Kosciusko Barbosa Leão - Patronos e acadêmicos, Vitória, 1988.

(4) Para citar só alguns nomes, entre os falecidos Afonso Cláudio, Carlos Xavier, Afonso Lyrio, Hilário Soneghet, Alarico de Freitas, Saul de Navarro, Geraldo Alves, Heráclito Pereira, Aristeu Aguiar, Homero Mafra, os irmãos Aristóbulo e Kosciusko Leão, Abner Mourão, Luiz Derenzi, Elpídio Pimentel, Clóvis Rabello, Judith Castelo Ribeiro, Augusto Lins, Mendes Fradique, Ceciliano Abel de Almeida, Lopes Pimenta, Teixeira Leite, Garcia de Rezende, Jair Tovar, Alvimar Silva, Cristiano Fraga, Carlos Madeira, Beresford Moreira, Antonio Pinheiro, Ciro Vieira da Cunha, Augusto Ruschi, Ernesto Guimarães, Eurípedes Queiroz do Valle, Elmo Elton, Collares Jº, Celso Bomfim, Fernando Abreu, Carlos Sá, Almir Gonçalves.

(5) Curioso lembrar que os acadêmicos sempre reclamaram da falta de apoio às suas atividades. Assim se lê em nota oficial da AEL em A GAZETA de Vitória de 04.04.1939:

> *"Assim tivermos uma editora que não explore os autores, veremos como todos os meses aparecerão livros novos. Poderemos, assim, mostrar que já possuimos uma*

"literatura regionalista.

"Publicar um livro no Espírito Santo é luxo para quem disponha de muito dinheiro. Dinheiro para pagar a edição no Rio. Dinheiro para ir duas ou mais vezes à quela capital revisar as provas. E a maioria dos nossos escritores não pertence à classe dos ricaços."

(6) Outros membros: Adalberto Silveira Rosa, Adroaldo Neves, Abílio de Carvalho, Aldércio de Aquino, Alvimar Silva, Antônio Pinheiro, Eimard Cardoso de Barros, Francisco dos Santos Silva, Jair Amorim, Joaquim Ramos, Joaquim Rodrigues de Barros, Jocel Militão, Milton Amado, Nilo Aparecida Pinto e Waldir Menezes. Vide Valle, Eurípedes Queiroz - A Academia Espírito-Santense de Letras (resenha histórica), Vitória, Vida Capichaba, 1945, p.16.

(7) Eram, segundo a mesma fonte da nota anterior, seus companheiros Ayrton Loureiro Machado, Odilon Luna, João Correia de Araujo, Carlos Campos, Meroveu Cardoso, Vinícius Franco, Quintino Barbosa, Nicanor Paiva, Mario Nunes, Nilson Miranda, Clovis Rabello, Willes Cunha, Carlos Dias de Miranda Cunha, José Bernardino e Lúcia Castelani.

(8) Ver Academia Capixaba dos Novos - Marcas e realizações novembro 1949. Entre as palestras foram estudadas a vida e obra de Jorge de Lima, Walt Whitman, Ruy Barbosa, Garcia Lorca, Graham Greene, Monteiro Lobato e Shakespeare. Dos cursos foram mais importantes os de Português e Literatura, Cultura Histórica e Retórica. Comemoraram-se 1º aniversário da nova Constituição, o 4º Centenário de Cervantes e o Centenário de Joaquim de Nabuco; foi patrocinado concurso sobre Anchieta. Recitais de poesia de Margarida Lopes de Almeida e Maria Filina Salles de Sá, e de piano de Carmem Vitis Adnet. Lançamento dos livros Pobres crianças do Brasil de Luiz Caetano da Silva, Setembrino Pelissari, Renato Bastos Vieira, Romulo Salles de Sá e Renato Pacheco, Poesia Entressonhada, de Renato Pacheco, Os cataventos também têm sua música de José Wandevaldo Hora, Sangue, Amor e Neve de Waldir Magalhães Pires, Orvalho de Waldir Ribeiro do Val e Fragmentos de Antenor de Carvalho. Patrocinou a ACN também a instalação no Estado, da Companhia Nacional de Educandários Gratuitos, que ganhou autonomia em 08.09.1949, tendo à frente o acadêmico Christiano Dias Lopes, e defendeu a autonomia de Vila Velha, berço

da civilização capixaba, e a criação de cursos noturnos gratuitos.

(9) Veja-se José Augusto Carvalho "Letras Capixabas" in UFES, Revista de Cultura, nº 2, 1968, p.23 a 32, e Varela, Luiz A. - "A jovem poesia" in O Diário, 26.06.1969.

(10) Entre seus membros ilustres citam-se o atual governador do Estado Max de Freitas Mauro e o Deputado Federal Vasco Alves, ambos ex-prefeitos de Vila Velha.

(11) Diz Augusto Lins em A primeira "Quinzena de Arte" Capixaba, Vit. E.Santo, s/d: Em 9 de agosto de 1947 a Arcádia e outras instituições se reuniram para "deliberar a realização de uma revista em nossos valores estéticos representativos, e, mais ainda, o levantamento de um censo nas possibilidades de arregimentação das forças intelectuais e culturais do Estado". Em dezembro do mesmo ano, realizou-se a Quinzena, com vasto programa lítero-musical.

(12) Ver Revista da Academia Cachoeirense de Letras, ano I, nº 1, dezembro de 1964.

(13) Ver Teixeira, Fausto, Colatina, ontem e hoje, Colatina, 1947, p. 113/114.

(14) Em sua edição 63/88, diz Mensagem que a Casa da Cultura "vem tentando manter-se atuante, apesar dos desestímulos oficiais"(p.2).

(15) Em O visgo eteviano , Vitória, Mec/ETV, 1979, se lê, à página 40, sobre as atividades do grêmio "Rui Barbosa" que editou ele o E.T.V. a partir de 19 de julho de 1943, sendo Redator - Secretário Avany da Costa Prado e Diretor o Profº Américo Guimarães Costa. Editou 69 números, sendo o último relativo a agosto-setembro de 1960. Foi substituído pelo Eteviano com 6 números, de 1961 a 1963, e pelo Jornal do Departamento Educacional, um único número em julho de 1975.

(16) Fonte: Programa oficial das festividades comemorativas do IV Centenário da Fundação da Cidade de Vitória. Vitória, Imprensa Oficial, setembro, 1951.

(17) Entre os livros, a 2ª edição de nossa melhor história narrativa, a de José Teixeira de Oliveira, e antologias de contos e poetas capixabas.

(18) Dos dois volumes de registros da Livraria, retiramos o lançamento dos livros Torta Capixaba (antologia), Paulo VI (biografia), Gente do Espírito Santo (biografias) e História do Estado do Espírito Santo de Maria Stella de Novaes. Das visitas ilustres destacamos Clóvis Ramalhete, Orígenes Lessa, Jorge e Zélia Amado, Carlos Ribeiro, Oneida Santos Moraes, José Condé, Henrique Pongetti, Agripino Griecco, Pascoal Carlos Magno, José Carlos Oliveira, Fernando Sabino, David Nasser, Lindolfo Bell, Paulo Brossard, Rubens Jardim, Humberto Peregrino e Ziraldo (que assinou com interessante cartum). Dos lançamentos, em 1962, Torta Capixaba (vários autores), Lampejos D'Alma de José Augusto Carvalho; em 1963, Os olhos dourados de ódio de José Carlos de Oliveira, Ritmos e sombras de Luiz Simões, Solar de Itaparica de Armando Oliveira Santos; em 1964 A oferta e o altar de Renato Pacheco, Karina, de Virgínia Tamanini; em 1965 - Cem quadras de Geraldo Costa Alves, Biografia de uma ilha de Luiz Derenzi, Apenas um homem de Margarida Pimentel; em 1966, Contos de Médicos (antologia), Joguete do destino de Felicidade Méia, Crônicas de Cachoeiro de Levy Rocha, Memórias de um médico da roça de Ciro Vieira da Cunha, Ilha do fim do mar de Samuel Duarte; 1967, Anchieta, o apóstolo do Brasil do Pe. Helio Abranches Viotti, Olhos de ver de Neida Lúcia Moraes, A árvore de Geraldo Costa Alves, Anjo Torto de Clovis Ramalhete, Graça Aranha e o Canaã de Augusto Lins, Meu filho, meu juiz de Felicidade Méia; em 1969, Se o silêncio falasse de Felicidade Méia; em 1970, História do Estado do Espírito Santo de Maria Stella de Novaes, Poesia de sonhos de Yvone Diniz Miguel; em 1971, O caboclo Bernardo de Norbertino Bahiense; em 1972, Makako Marenko de Ruy Cortes; em 1973, Uma vida e muitas lutas de Juarez Tavora, Alma e Deus de Kosciuszko Barbosa Leão, A ilha do vento sul de José Augusto Carvalho, História da imigração italiana no E. Santo de D. João Cavati; em 1974, Geografia do E. Santo, de Miguel A. Kill, A educação e o milagre brasileiro de João Calmon; em 1975, Os italianos no E. Santo de Luiz Derenzi, O homem das águas marinhas de Alberto Barroca; em 1976, Exílio e morte do Imperador de Lydia Besouchet, História do Brasil de Miguel Depes Tallon, Dr. Adison de Pontins Lima (Deusdedit Gonçalves Lima); em 1977, Geogra

fia de Machado de Assis de Waldir Ribeiro do Val; em 1978, Lembranças de Christiano Ferreira Fraga, Simplesmente poesia de Ivone Alves Diniz Miguel; em 1979, a 2ª edição de O Desbravamento das selvas do Rio Doce de Ceciliano Abel de Almeida, Memórias de um imigrante italiano de Orestes Bissoli, Tentativa de Josephina Zouain e Ioiô pequeno da Várzea Nova de Mário Leônidas Soares Casanova; em 1981, O meu mundo de Ida Vervloet Finamore, Paisagens de Torres Dourado, Tapera de Quintino Barbosa, As pernas do Diabo de Ruy Cortes, Ciência e Humanismo em Carlos Xavier Paes Barreto (1881-1981) de Noêmia Paes Barreto Brandão; em 1982, Matizes de Torres Dourado e Fuga de Canaã de Renato Pacheco; em 1984; Reino não conquistado de Renato Pacheco; em 1985, A migração dos cisnes de José Cavalcanti e Itanhenga e Santa Rita em versos, trabalhos de meninos, assistentes da oficina literária de Valdo Motta na periferia vitoriense; em 1987, Eis o homem de Valdo Motta.

A Âncora fez mais, exposições quando do centenário de Olavo Bilac (1965) e Shakespeare (1964), nove concursos literários em conjunto com a seção L Duplo de Érico de Freitas Machado em A GAZETA (1965 a 1974) e as Sabatinas Âncora, palestras que entre 1961 e 1966 eram realizadas, esporadicamente, aos sábados. Em 1966 foram substituídos por Encontros de curta duração. Merecem a Livraria Âncora e Nestor Cinelli esta longa nota.

HISTÓRIA DA LITERATURA DO ESPÍRITO SANTO

SUMÁRIO

PARTE I

Brasilogia, por Oscar Gama Filho 2
Barroquismo, por Oscar Gama Filho 12
Romantismo, por Oscar Gama Filho 31

PARTE II

Introdução, por Oscar Gama Filho 100
Sátira, por Luiz Busatto 112
O modernismo antropofágico, por Luiz Busatto 121
Muito soneto e algum verso livre: 1930/50, por Luiz Busatto 179
A Ficção: 1930/60, por Renato Pacheco 203
Os cronistas, por Renato Pacheco 235
A prosa de ficção contemporânea: o romance, por Francisco Aurélio Ribeiro 256
A prosa de ficção contemporânea: o conto, por Francisco Aurélio Ribeiro 269
Os anos 70 e 80: a poesia, por Deny Gomes 293
A literatura infanto-juvenil, por Francisco Aurélio Ribeiro 334
As publicações literárias (ou quase), por Renato Pacheco 349
As associações literárias e outras manifestações grupais relacionadas com a literatura, por Renato Pacheco 370

Posfácio

Pela Identidade Cultural Capixaba

OSCAR GAMA FILHO[17]

Para José Augusto Carvalho, meu eterno mestre

A presente *História da literatura do Espírito Santo* nos agracia com vários paradoxos lógicos a serem descobertos.

Um dos paradoxos lógicos que ela oferece recebe o nome popular de identidade cultural capixaba. Paradoxos dos mentirosos, como este, convidam filósofos a reflexões aparentemente sem solução do tipo "se uma árvore caiu na floresta e ninguém percebeu, ela caiu?". Uma pessoa menos complicada resolveria: "ora, se a frase diz que a árvore caiu, então ela caiu!". Semelhante proposta é a da busca da identidade cultural capixaba. Não que seja desnecessária — muito pelo contrário. No entanto, está equivocada quanto às premissas usadas para interrogar, qual esfinge, o seu objeto de estudo e, daí, descrevê-lo e explicá-lo.

Melhor transformar, então, provisoriamente, por mágica, identidade em ideologia da cultura capixaba. Abordaremos, por essa transformação alquímica, sua função, sua história, sua formação, seu desenvolvimento e a sua relação com a produção de um capital cultural regional. Daí seguiremos até que nossas palavras gritem, para nos fazerem compreender o processo de construção do lugar periférico da cultura capixaba.

I – POR QUE SOMOS CAPIXABAS?

Qual a origem de *capixaba*? A versão corrente, aceita entre os pesquisadores, concorda que capixaba significava, primitivamente, talvez desde o século XVI, a *lavoura* ou *roça* que se estendia da atual Rua Barão de Monjardim até a região da antiga Capitania dos Portos. Com o passar do tem-

17. Escritor, ficcionista, dramaturgo, historiador, compositor e ensaísta.

po, por uma extensão metonímica, a coisa possuída — a plantação — passou a ser a denominação concedida primeiro aos seus possuidores e, por fim, a todos os habitantes da ilha de Vitória. Posteriormente, talvez porque Vitória seja a sua capital, os naturais de qualquer parte do Espírito Santo passaram a receber esse epíteto.

II – O PRINCÍPIO DA IDENTIDADE

A palavra identidade deriva de *idem*, que significa *o mesmo*. Estaríamos diante, portanto, de um projeto estruturalista de procura do invariante presente nas diversas e contrastantes microrregiões culturais capixabas? Onde se encontra esse conjunto interseção, esse *graal,* essa pedra filosofal que as más línguas apelidaram de "logicamente inconsistente"?

Sabemos que ninguém pensa além da linguagem e que a identidade cultural é um subconjunto da cultura nativa. Ferdinand de Saussure enriquece nossa óptica, mostrando que os elementos da linguagem não possuem uma essência positiva independente. O sentido de uma palavra é definido negativamente pelas relações de diferença mantidas com todos os demais elementos do sistema. Para ele, na língua só há diferenças, e o mecanismo linguístico gira totalmente sobre identidades e diferenças:

> Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (SAUSSURE, 2006, p. 136).

Para entendermos isso melhor, pensemos no caso de um cego de nascença que recuperasse a visão em uma casa completamente azul. Nós não conseguiríamos que ele compreendesse o que é o azul até lhe mostrarmos as outras cores. O azul é o que não é verde, roxo, amarelo, branco, vermelho, negro etc. O azul não possui um sentido independente e só pode ser compreendido por meio de suas relações de diferença com as demais cores e elementos do sistema.

Se a identidade resulta das relações de diferença do sistema linguístico, então a identidade cultural capixaba também não possui uma essência nítida: ela é o que as demais identidades não são. Ou seja: sua característica mais exata é ser "o que as outras não são": a identidade cultural capixaba é aquela que não é a mineira, não é a carioca, não é a baiana, não é a italiana — não é nenhuma das outras do seu sistema.

Freud enriquece nossa abordagem: a percepção da diferença, pelas crianças, na fase fálica, é a instauradora do complexo de castração, que, constituindo o apogeu do Édipo, permite a formação do superego. Sem a diferença, estaríamos definitivamente condenados à privação do superego e à neurose narcísica, sinônimo de psicose.

Heidegger, em *O princípio da identidade*, nos adverte de que a busca da identidade diverge da procura matemática da igualdade, expressa com singeleza na fórmula A=A:

> Que diz a fórmula A=A, em que ordinariamente se apresenta o princípio da identidade? A fórmula designa a igualdade de A e A. De uma equação fazem parte ao menos dois elementos. Um A se assemelha a um outro. Quer o princípio da identidade expressar tal coisa? Manifestamente não. O idêntico, em latim *idem*, designa-se em grego *tò autó*. Traduzido em nossa língua, *tò autó* significa o mesmo. Se alguém repete sem cessar o mesmo, por exemplo, a planta é planta, exprime-se numa tautologia. Para que algo possa ser o mesmo, basta cada vez um. Não é preciso dois como na igualdade.
> A fórmula A=A fala de uma igualdade. Ela não nomeia A como o mesmo. A fórmula corrente para o princípio da identidade encobre, por conseguinte, justamente o que o princípio quereria dizer: A é A, quer dizer, cada A é ele mesmo o mesmo (HEIDEGGER, 1979, p. 179).

A tarefa aumenta, portanto, em complexidade. Não basta acharmos elementos iguais em várias partes do Espírito Santo. Nem nos compararmos com outras identidades. Não é tão simples assim. A inviabilidade ou a impossibilidade dessa tarefa de forma alguma elimina a possibilidade ou a necessidade da existência da identidade capixaba. A identidade é uma unidade logicamente incomparável, ainda que se preste a ser comparada. Analogamente, em psicologia, erram os leigos que se referem a alguém como "sem personalidade", quando todos a possuem, por tíbia, frágil ou sem brilho que seja. Continua Heidegger:

> O que o princípio da identidade, quando ouvido em seu teor fundamental, expressa, é exatamente aquilo que todo pensamento ocidental-europeu pensa, a saber, isto: a unidade da identidade constitui um traço fundamental no seio do ser do ente. Em toda parte, onde quer que mantenhamos qualquer tipo de relação com qualquer tipo de ente, somos interpelados pela identidade. Se não falasse este apelo, então o ente jamais seria capaz de manifestar-se em seu ser como fenômeno. Por conseguinte, também não haveria nenhuma ciência. Pois se não lhe fosse garantida previamente e em cada caso a mesmidade de seu objeto, a ciência não poderia ser o que ela é (HEIDEGGER, 1979, p. 180).

Concluímos que nem tampouco o Espírito Santo poderia ser o que visivelmente é sem a relação entre o Estado e seus habitantes, o que, automaticamente, gera a identidade intuída por muitos. Para Heidegger, citando o pré-socrático Parmênides, "identidade é tanto pensar (aprender) quanto ser". Daí ele deriva a equação "o ser faz parte da identidade" e mostra que a identidade capixaba estaria na semente de onde surgiu o ser do estado do Espírito Santo. Em suma, não parece correto imaginar que o Espírito Santo deveria, hoje, produzir sua identidade: o estado surgiu dela,

ou seja, o ser e o pensar capixaba surgiram de uma identidade pré-existente, culturalmente difusa por não possuir uma teoria que a explicitasse. Mas uma identidade que em tudo podia ser intuída e que emana das páginas dos primeiros cronistas. Bem como de José de Anchieta. Ainda Heidegger:

> É preciso que reconheçamos: nos primórdios do pensamento, muito antes de a identidade se formular em princípio, fala ela mesma, e precisamente, através de um dito que dispõe: Pensar e ser têm seu lugar no mesmo [n. do A: *na identidade*] e a partir deste mesmo formam uma unidade. [...] O ser é determinado a partir de uma identidade, como um traço desta identidade. Pelo contrário, a identidade, mais tarde pensada na metafísica, é representada como um traço do ser (HEIDEGGER, 1979, p. 180-181).

Lembremo-nos do óbvio ululante antropológico dos meninos-lobos: uma criança criada entre os animais, sem contato com outras pessoas, não se torna um ser humano. É necessária uma identidade cultural humana para produzir o ser, o pensar e a existência com outros que caracterizam um homem. É preciso, *a priori*, a identidade capixaba para que seja produzido o ser e o pensar do Espírito Santo. E esta identidade só pode ser considerada dentro da redução fenomenológica — a *epoquê* —, que colocaria o Espírito Santo entre parênteses, eliminando a existência efetiva do mundo exterior e retirando-o de uma posição comparativa que nada esclarece. Nenhuma identidade cultural — japonesa, italiana, alemã — resiste a uma "literatura comparada" entre seus traços típicos e os de outros países, onde também se encontram, ou, mesmo, de onde se originaram.

A identidade cultural é intertextual: um mosaico vivo em que centenas de nações dialogam, absorvendo, destruindo e transformando interminavelmente os seus elementos; é um subconjunto de um conjunto maior formado pela identidade humana. Não há uma identidade original. E nem a identidade capixaba merece a classificação de primitiva, de inferior ou de rústica. Lévi-Strauss demonstrou, referindo-se a sociedades ágrafas, que não existe cultura primitiva ou inferior a outra: todas são adultas, incomparáveis e elaboradas. A visão do primitivo ou rudimentar seria uma projeção das próprias deficiências do investigador contaminado pelo etnocentrismo (citamos de memória).

Com facilidade podemos localizar os elos de identificação — entre as microrregiões — que construíram a malha de teia em que se situa a individualidade cultural capixaba.

Se, como postula a psicanálise, a aquisição da personalidade humana, pela criança, ocorre por meio do processo de identificação, as microrregiões culturais também estruturaram seu *ego* através desse mecanismo. Lembremos, *en passant*, que *eu*, tradução da palavra latina *ego*, tem sido empregada como sinônimo de identidade.

Cabe, aqui, um parêntese: segundo Laplanche e Pontalis, a identificação é o "Processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações" (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 295).

Sua importância é fundamental. O próprio Freud, aliás, nos mostra que ela vai além da imitação e tem como base a relação entre fantasias inconscientes comuns às pessoas ou aos objetos que são alvo da identificação.

Além disso, há, interligando seus elos, mecanismos semiológicos criadores de um sistema único: as microrregiões têm, como conjunto interseção, o fato de pertencerem ao Espírito Santo, de voltarem os olhos para sua capital, de se encontrarem sob um mesmo governo, de serem submetidos à manipulação cultural por meios de comunicação de massa comuns, de possuírem símbolos estaduais idênticos e de construírem os microssistemas literários a que se referem Paulo Roberto Sodré e Sérgio Amaral, em sua "Apresentação". Esses mecanismos criaram uma linguagem capixaba peculiar e plasmaram uma massa ideologicamente homogênea e distinta da que é encontrada no exterior ou em outras unidades da federação, mas que se amalgama e se confunde com o macrossistema literário brasileiro.

A identificação preserva e interioriza aquilo que há de semelhante entre suas possibilidades genéticas de ser e o objeto de identificação externo. Por analogia, percebemos que as microrregiões culturais possuem uma identificação, pois há partes de uma microrregião apropriadas por outra, sem que pertençam às suas características típicas: encontramos moqueca no funil teuto-italiano e sopa de capelete em Guarapari. A microrregião, em sua gênese, quando ainda não apresentava características definidas, buscou o que havia para se identificar — em outra — e o jogou para dentro de si, assimilando-o e adquirindo personalidade graças a esse processo.

Cada microrregião se identificou, portanto, com elementos da realidade alheia e os incorporou a si, ou aos espaços vazios que possuía, preenchendo-os em tudo que não era determinação filogenética anterior, de acordo com suas possibilidades genéticas pré-determinadas pela identidade cultural, que, como vimos com Heidegger, determina o ser e o pensar.

Realmente, correspondendo ao conceito freudiano de fantasias primitivas ou protofantasias — de origem filogenética —, as microrregiões possuem uma carga filogenética ditada pela proximidade umas das outras, pela história, pela topografia, pelos acidentes geográficos, por respirarem partículas semelhantes do cosmo, pelo fato de serem montanha, planície ou beira-mar e, naturalmente, por elementos imperceptíveis, pois residem em seu inconsciente coletivo. Constituiriam o que os enólogos chamariam de *terroir capixaba* — conjunto de traços regionais que tornam um vinho diferente de outro de mesma cepa, mas plantado em local distinto.

III – DE COMO NASCEU O BRASIL

Voltemos ao momento do parto, do nascimento do Estado brasileiro. Tudo fica claro-sangue e o século XVI incha como o útero da mãe-terra prestes a dar à luz o monstro gerado sem a participação paterna. Sim, o Brasil nasceu por clonagem, sem o *pai* que caracteriza o surgimento de qualquer Estado: o *povo.*

Colônia criada "por decreto", no Brasil quinhentista, paradoxalmente, as leis, as instituições, o governo e a religião foram preparados e implantados fora daqui, no estrangeiro Portugal, *a priori*, de cima para baixo, antes da presença daquele elemento que deveria produzi-los: o povo. Por incrível que pareça, na formação nacional, o Estado precedeu o povo. Qualquer semelhança com a atualidade não é mera coincidência. E, se não havia povo, não se pode dizer que existia pátria. Os únicos que, nesse pré-Brasil, possuíam algo parecido com a noção de pátria — se é que tinham — eram os índios. A pátria dos brancos obviamente estava em Portugal. Como o povo existente — o gentio — não constituía o povo brasileiro, muito menos capixaba ou português, e não tinha a confiança da Coroa, tornou-se necessário procurar dissolvê-lo cultural e fisicamente para se formar um outro.

A criação de um Estado sem a participação popular produziu sérios problemas. Sem pai, não foi possível a ocorrência da castração edípica. Sem a castração edípica, não aconteceu a introjeção da proibição paterna, base do superego. Sem superego, não pudemos contar com uma instância censória, com uma moral verdadeira.

Sua condição marginal à lei desde sempre inscreveu o Brasil em um processo que, inicialmente obsessivo, com seus rituais — religiosos, políticos, culturais, científicos, esconjuradores de um mal invisível, mas presente —, evoluiu para um quadro psicótico. Desprovido da marca legal primitiva, ele não pôde se inscrever na lei, nem tampouco a aceitar. Restou-lhe apenas o espaço vital da loucura.

Concluímos que a esquizofrenia do país se originou no fato de que o Estado brasileiro surgiu antes do seu pai. Vivíamos, até há pouco, no segundo momento, em que o surto havia fragmentado e dissociado o Aparelho de Estado, transformando-o no espírito dividido a que se refere a origem etimológica de esquizofrenia. Esse resultado aponta, sempre e necessariamente, para um caco-átomo indivisível, resistente ao processo de desintegração, que a identidade traduziria, por seu caráter de unidade pré-existente.

Porém talvez já esteja ocorrendo esta recuperação, esta saída da psicose esquizofrênica em direção ao ingresso em um quadro de neurose obsessiva — certamente um progresso, mas, evidentemente, não uma cura. Este revezamento entre as posições obsessiva e neurótica foi abordado nesta *História da literatura do Espírito Santo*, ora publicada pela Edufes.

Hoje, em 2023, o povo, de uma forma ou de outra, tem procurado se revestir de uma tacanha cidadania, resgatando-a, recuperando a sua brasilidade e ocupando o lugar simbólico do pai no inconsciente nacional, tornando possível o resgate tanto de sua macroindividualidade sã quanto o da microindividualidade capixaba.

IV – IDEOLOGIA DA CULTURA PERIFÉRICA CAPIXABA

O código genético que interliga nossas diferentes microrregiões culturais se materializa na ideologia da cultura capixaba. Por meio dela, o Espírito Santo passa a ter uma geopolítica, limites territoriais, símbolos, hinos, problemáticas, defensores, amigos e inimigos. Sem ela, seríamos todos irmãos.

Mas abrir mão de sua proteção, em um novo mundo dominado pela globalização neocolonialista, em um planeta em aquecimento apocalíptico, corresponde, exatamente, a deixar de existir.

A gestação da ideologia da cultura capixaba começou no século XIX, quando se iniciou a produção do capital cultural regional. Desenvolveu-se lentamente, a partir de então, para nascer, de fato, no governo de Jerônimo Monteiro.

Capital cultural é a soma que, derivada direta ou indiretamente do enriquecimento social, está empregada em setores relacionados à cultura, levando ao aumento de suas atividades. O capital cultural se valoriza mais ideológica do que economicamente, por meio do investimento em uma mercadoria — a cultura — que será "vendida" de forma primordialmente ideológica para a sociedade, originando ganhos diversos, também monetários, que se estruturarão em um aparelho cultural (instituições de arte, academias, editoras etc.).

O nosso conceito de aparelhos de estado pode ser traduzido mais ou menos pelo mesmo que o de instituições.

Dois eventos, datados do século XVIII, consolidaram o lugar cultural periférico ocupado pelo Espírito Santo no contexto nacional.

O primeiro deles determinou que a capitania fosse praticamente transformada em uma simples barreira de proteção das "Minas Gerais". Privou-nos, assim, do capital cultural gerado pelas ricas lavras de ouro que, descobertas em terras capixabas por Antônio Rodrigues Arzão, em 1693, seriam incorporadas a São Paulo em 1709: Portugal, temeroso do ataque de piratas, decretou que os territórios situados a leste de Minas — e a oeste do Espírito Santo — fossem considerados "áreas proibidas", de acesso vedado, e interditou a construção de estradas por elas. Ao mesmo tempo, a Coroa comprou a Capitania, impediu a prospecção de ouro, aprimorou suas fortificações e desestimulou as poucas atividades e iniciativas econômicas que ainda ocorriam.

Tais medidas, além de terem condenado a população à pobreza, retardaram e dificultaram o povoamento, a exploração e a expansão do território. Em consequência, não pudemos nem progredir internamente nem, ao menos, vender produtos aos mineiros, o que garantiria uma participação indireta na riqueza dos garimpos e aumentaria o capital cultural circulante.

No segundo deles, perdemos os jesuítas, que, expulsos do país em 1759, eram detentores do monopólio das instituições escolares e do controle da maioria absoluta das atividades artísticas. A Companhia de Jesus participava, de forma ativa e intensa, do aparelho econômico espírito-santense. Possuía, entre muitos outros bens, ricas fazendas que garantiam a sua subsistência e a continuidade dos seus trabalhos por aqui: destacavam-se Araçatiba, como engenho de açúcar; Muribeca, na criação de gado; Itapoca, na fabricação de farinha.

Esses acontecimentos deixaram marcas profundas na cultura, que entrou de vez em um marasmo comatoso. Ela só despertaria com a injeção de capital ocorrida, graças ao café, em meados do século XIX. No entanto, a predominância do capital cultural agrícola, enquanto em todo o Brasil surgia o capital cultural industrial, mais dinâmico, resistente, modernizador e capaz de autorreprodução, levou-nos a ficar para trás. Esse terreno começaria a ser recuperado no século XX, na

década de 1970, quando o processo de industrialização capixaba, produzindo um capital cultural inaudito, garantiu que suas instituições se estruturassem de forma definitiva.

Não achamos correto falar de nação brasileira ou de nacionalismo — de nativismo, sim — antes de 1808, ano em que a corte portuguesa se instalou no Rio de Janeiro. Deixamos, então, de ser uma simples colônia, com os olhos voltados para Portugal, para nos tornarmos, em 1815, Reino Unido a Portugal e Algarves. Não podíamos, obviamente, construir uma ideologia por falta dos aparelhos ideológicos de Estado necessários, criados por diversas medidas de D. João VI. Seu governo revogou as restrições impostas à indústria, ao comércio e ao funcionamento de tipografias. A partir de 1808, passou a haver liberdade de imprensa, de instalação de indústrias, e os portos nacionais foram abertos às nações amigas — o que representou, na prática, o fim do monopólio do Reino sobre a Colônia. Além disso, sua política instituiu a Imprensa Régia, o ensino superior, o Banco do Brasil, o Jardim Botânico, a Academia Real Militar, a Biblioteca Real, a Fábrica de Pólvora, o Arsenal Real da Marinha etc. Por fim, em 1816, a missão artística francesa desembarcou no país.

Repetindo, compulsivamente, a tendência primitiva de implantar a realidade por decreto, de cima para baixo, sem ouvir as razões mercantis ou populares, o governo produziu, assim, estruturas econômicas e ideológicas que a conjuntura colonial não engendraria tão cedo e que foram responsáveis pela formação da nação e dos organismos indispensáveis à sua sobrevivência e à reprodução das suas condições de produção.

Como era de se esperar, logo depois de estruturado, o conjunto primitivo de entidades adquiriria vida própria e se encarregaria de criar uma segunda geração de aparelhos e de agentes que dessem conta da tarefa de compor uma ideologia da cultura nacional. Tal objetivo nortearia a organização do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838. Por outro lado, a liberdade de imprensa permitiu a criação de editoras e a publicação de jornais, livros e revistas que, provocando uma efervescência artística, científica, crítica, intelectual e política, aceleraram a maturação da nacionalidade.

No entanto, só em 1826, com a publicação, em Paris e em francês, do *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, de Ferdinand Denis, pela Lecointe & Durey, pela primeira vez a literatura brasileira passou a ser estudada como um *corpus* textual diferente do português.

Ainda que o sermos portugueses não comprometesse a formação *natural* das características capixabas, de certa forma impedia seus movimentos *culturais*, já que o modelo ideal paradigmático da sociedade brasileira da época se identificava com a Europa portuguesa. E a ela, portanto, os como nós oitocentistas se voltavam, considerando-a o modelo da perfeição a ser alcançada: nossa meta de Meca.

Podemos compreender, agora, o paradoxo lógico com que abrimos este ensaio: se ninguém percebeu a árvore cair, de que forma saberemos se ela caiu? Analogamente, ainda que nossa identidade cultural pré-existente estivesse sendo desenvolvida, em estado bruto, natural, até mesmo antes do século XVI — afinal, a participação indígena na nossa formação ultrapassa a doação da palavra capixaba —, é necessário o pensamento da cultura para captar os dados produzidos e in-

tegrá-los em um sistema de ideias do porte de uma ideologia. Melhor dizendo: preparar moqueca ou torta capixaba em panela de barro não é o bastante.

Precisamos, entre os primeiros passos, dos estudos de um lexicógrafo ou de um filólogo que se proponham a elaborar um *Pequeno vocabulário ortográfico do dialeto capixaba*. Nele, não poderia faltar a contribuição secular dos portugueses, dos italianos, dos indígenas nativos, dos afro-capixabas escravizados e de tantos outros povos. Bem como da culinária e das manifestações folclóricas típicas, com seus linguajares característicos. Deveria incorporar até mesmo a língua dos pomeranos, que só existe no Espírito Santo, pois desapareceu na Alemanha. Uma rica fonte pode ser encontrada na gíria chula da Vitória antiga, listada em *Cantáridas*, antologia de poemas fesceninos escritos por Guilherme Santos Neves, Jayme Santos Neves e Paulo Vellozo (1986).

Mas como, se não temos nem sotaque? Ledo engano: o sotaque capixaba é não ter sotaque, o que o torna diferenciado no Brasil. Aqui se fala um português sem alteração excepcional, em que não se puxa o "s" palatal antes de pausa ou no final de sílaba, como o fazem os cariocas; ou o "r" vibrante, à moda paulista.

O Espírito Santo, contudo, apenas conseguiu desenvolver uma infraestrutura econômica forte o bastante para produzir o capital cultural necessário à montagem de um aparelho ideológico completo a partir da segunda metade do século XIX, quando o café passou a ser o principal artigo de exportação.

Em 1840 viria à luz o jornal pioneiro *O Estafeta*, que circulou uma vez. O *Correio da Vitória* surgiria em 1849; *A Regeneração*, em 1853; *O Capixaba*, em 1856, e assim por diante. A imprensa passou a servir de púlpito para as discussões dos intelectuais da província que, ainda timidamente, se esforçavam para buscar os legítimos valores e costumes da plaga.

Os trabalhos de José Marcelino Pereira de Vasconcelos são uma boa mostra de tal esforço. Em 1856, ele publicou, em Vitória, na tipografia de Pedro Antônio d'Azeredo, o volume inicial da primeira antologia de que temos notícia: o *Jardim poético ou coleção de poesias antigas e modernas, compostas por naturais da Província do Espírito Santo*. O segundo tomo sairia quatro anos depois, em 1860. Entre ambos, José Marcelino lançou, em 1858, o *Ensaio sobre a história e estatística da Província do Espírito Santo*.

O fato de terem sido impressas — precursoramente — em Vitória nos autoriza a considerar essas obras de José Marcelino como evidências da presença de um movimento romântico estruturado em um aparelho cultural. Trata-se de uma etapa heróica, de procura de uma linguagem para o ensaísmo, em que encontramos muito do espírito da coletânea caótica — de poemas, no *Jardim poético*; de nomes, feitos, descrições, números, documentos e geografias, no *Ensaio* — e pouco da luz racionalizadora da ciência. Fase ainda primeva do desenvolvimento, similar à da busca da nacionalidade empreendida em termos de Brasil, nela parece ser mais importante invocar e comprovar a existência do Espírito Santo e de seus fenômenos do que a compreender.

Fazendo parte do novo aparelho ideológico cultural que se formava, surgiu a Sociedade Dramática, primeira companhia regional — depois que os jesuítas foram expulsos, no século XVIII —,

responsável pela encenação, em 20/08/1841, da peça *Maria Teresa, Imperatriz da Alemanha ou o Heroísmo do amor filial.*

Em virtude da intensa participação dos românticos, muitos deles políticos de relevo, as entidades culturais capixabas foram se constituindo. Em 16/07/1855, ocorreu a inauguração da Biblioteca Pública da capital. Em 1832, a maçonaria instalou, em Vitória, a Loja Beneficência, que seria seguida pela Loja União e Progresso, fundada em 1872.

Os intelectuais abraçaram com entusiasmo as causas de interesse do neocolonialismo: a campanha pela abolição da escravatura teve ampla repercussão. Garantiu, sabemos hoje, a ampliação dos mercados consumidores dos produtos ingleses e a passagem do modo de produção escravista para o capitalista. Em 1869, seria criada a Sociedade Abolicionista da Escravatura do Espírito Santo, que, em breve, estaria acompanhada de inúmeras associações congêneres.

A ideologia da cultura capixaba começou a se delinear melhor quando se tornou necessária para a implantação do projeto desenvolvimentista promovido, com mais vigor, a partir do governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912). Em 1909, ele instituiu o selo e as armas do Espírito Santo. Antes de sua posse, cantava-se, nas cerimônias públicas, La Marseillaise, o hino nacional francês. Esse despropósito foi mais ou menos corrigido por meio de determinações que levaram a substituí-lo pelo Hino Nacional Brasileiro.

Os símbolos podem ser comparados a verdadeiros retratos do Estado e, à semelhança das imagens de deuses e de santos, têm a função de tornar o abstrato concreto, e o irreal, palpável. Sua implantação constituiu, assim, uma "prova" sensorialmente perceptível da existência do Espírito Santo como unidade distinta do resto da nação. O advento de Jerônimo Monteiro, portanto, marcou o nascimento de um "saudável" bairrismo.

Depois da produção do selo e das armas, o passo seguinte foi o estabelecimento de associações que desempenharam a dupla tarefa de formação das elites e de criação das bases teóricas "comprobatórias" da especificidade e da peculiaridade da cultura regional. Esses objetivos nortearam a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 1916, e da Academia Espírito-Santense de Letras, em 1921. Em 1923, nasceu a revista *Vida Capixaba*, que seria, por mais de três décadas, a principal divulgadora de nossas características.

A Segunda Guerra Mundial abalou as raízes agrícolas tradicionais da sociedade e introduziu novas empresas, a exemplo da Companhia Vale do Rio Doce e da Companhia Ferro e Aço de Vitória, ambas surgidas em 1942. Ao mesmo tempo, a difusão do modo de vida e dos valores norte-americanos pelo cinema e pelo rádio contribuíram para a modernização do estado. Essa dinamização se estendeu às artes. Em 1946, jovens escritores — como Christiano Dias Lopes Filho, futuro governador — lançaram a Academia Capixaba dos Novos, que se propunha diminuir o marasmo literário vitoriense. Em 1947, ocorreu a Quinzena de Arte Capixaba, uma amostragem ampla que incluiu recitais poéticos, teatro, palestras, concursos, concertos e exposições. Finalmente, em 1947, foi instituído o Hino do Espírito Santo, único símbolo que faltava. Em seu lugar, desde o governo Jerônimo Monteiro, o Hino Nacional Brasileiro era cantado nas cerimônias oficiais.

Eurico Rezende (1979-1983), com uma única medida administrativa, transformou os principais organismos encarregados da promoção da ideologia da cultura capixaba em inexpressivos departamentos de seu governo, ferindo de morte o bairrismo de que se nutrem os elementos típicos. Entre os moribundos, lamentamos, em especial, pela Fundação Jones dos Santos Neves e pela Fundação Cultural do Espírito Santo — esta se encontrava, quando de sua facada nas costas, sob a direção iluminista do brilhante escritor e pesquisador Renato Pacheco. Ficamos, então, à mercê do neocolonialismo cultural oriundo do estrangeiro e dos grandes centros que nos cercam: Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia.

V – ARTES DE CRIAÇÃO DA CULTURA CAPIXABA

De todos os agentes de construção da ideologia de que necessitamos — para continuarmos a existir —, os artistas merecem ser destacados pelo seu poder de introduzir vida, voz e personalidade no que era barro: intuitivamente, os habitantes de um local se reconhecem em certas características culturais produzidas por eles. Seus olhares genesíacos ressuscitam o que é matéria bruta e inerte e criam uma grande personagem: o Espírito Santo. Sim, pois o estado necessita de uma construção psicológica que o transforme em ser social maior do que a simples soma de dados, pessoas, ruas e moradias. Eles têm o poder de nos apresentar a interessantíssimos tipos populares e — mágica! — fazê-los se reunirem, suspensos no ar, sob a forma do mosaico eternizado que nos define.

Do todo de características desarmônicas, só a arte pode dar conta, graças a seu demiúrgico poder de sair do passado, apreendendo-o, para plasmar o futuro. Compõe, assim, o universo cultural, captando-o de sua desarmonia abstrata natural e dando-lhe o toque harmônico da variante estética.

Essa maravilha ocorre não no mundo ideal e irreal de Platão, e sim dentro de uma prática — que podemos sentir, porque a identidade cultural e a sua ideologia se materializam em atos, costumes e posturas rituais que deságuam em edificações, em cidades, em ruas e — quem sabe? — na disposição do homem sobre os campos. Muito mais do que pousa sobre os símbolos do estado, repousa sobre nós sua mão disciplinadora com padrões que — se quisermos ser capixabas — devemos ser capazes de incorporar. É como o ritual de entrada em uma ordem tão secreta, que mesmo nós desconhecemos nossa entrada. Mas os membros reais dariam a própria vida por ela.

Da trilha aberta por uma identidade cultural capixaba pré-existente é que surgiram o ser e o pensar que caracterizam, no presente, o Espírito Santo. Pelo mesmo caminho, restaria ao povo também resgatar sua cidadania e, impulsionado por ela, obter uma evolução em seu quadro psicótico. Adquiriria, então, resistência contra a psicose, criando poderosos anticorpos microssociais que se encarregariam de diminuir os sintomas de corrupção absoluta, de catatonia, de autismo, de delírios mal sistematizados, de alucinações e de regressão comportamental comuns em nossa plaga, para tentar retomar o caminho da neurose obsessiva a que os lemas *ordem e progresso* e *trabalha e confia* parecem se referir.

Tratar-se-ia, acreditamos, do processo de cura do ser social, a que nos referimos anteriormente, de um modelo de luta contra a violência, a corrupção e o crime. Evidentemente, os arquétipos da justiça, do vigor econômico e da honestidade precisam de se estruturar após a degradação secular que apenas simulacros deles mesmos produziram.

Contudo, apesar do que dissemos, algumas pessoas ainda não aceitarão esse raciocínio. São os que acreditam que não existia identidade cultural italiana antes da fundação de Roma. Estão certos? Não há, de fato, uma identidade cultural americana, nem alemã, nem japonesa, nem baiana, nem irlandesa? Vamos tratar de produzi-la, então, conforme James Joyce advogava: "Sê bem-vinda, ó vida! Eu vou ao encontro, pela milionésima vez, da realidade da experiência, a fim da moldar, na forja da minha alma, a consciência ainda não criada da minha raça" (JOYCE, 1971, p. 238).

Sim, os irlandeses, como Joyce, também não constituem, de fato, uma raça. Sua obra, contudo, contribuiu para criar e divulgar a identidade cultural irlandesa pelo mundo inteiro e pelo futuro afora. Tornamo-nos conhecidos, na década de 1970, por defendermos a produção de uma *consciência de raça capixaba* (GAMA FILHO, 1979, p. 13). A contemporaneidade nos deu razão, transformando essa divisa joyceana na atitude que hoje impulsiona o Espírito Santo.

A busca da identidade aponta para o toque de tempero capixaba. Proferindo esta palavra-chave da alquimia verbal, espécie de "abre-te, sésamo!", podemos compreender a importância das várias microrregiões culturais de que somos compostos. Graças à identificação, elas incorporaram dados culturais umas das outras e guardam um sensível sentido de peculiaridade local, de diferença em relação a localidades semelhantes encontráveis no exterior ou no restante do país: apenas nós temos nosso caboclo indígena das praias — filhos espirituais dos jesuítas —, nossos afro-capixabas, nossos baianos amineirados do norte, nossos teuto-italianos alegres, nossos agropecuaristas caricaturais das montanhas.

É o *terroir capixaba*, leve toque típico do Espírito Santo, livramento terreal onde todos podem se comportar do jeito que quiserem, graças à sua democrática "pasmaceira" — uma de nossas características, segundo o dramaturgo romântico Amâncio Pereira — que, cordialmente, não impõe formas de ser. Sejam bem-vindos a ela!

Neste *terroir,* um dos tijolos fundamentais é o microssistema literário capixaba, que esta obra constrói enquanto também dele constitui prova.

Casamar, 13/07/2023

Referências

DENIS, Ferdinand. **Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil**. Paris: Lecointe & Durey, 1826. Disponível em: https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstreams/5554c83c-0d4d-4e66-8d51-8619578dca2b/download. Acesso em: 11 jul. 2023.

GAMA FILHO, Oscar. A busca de uma consciência de raça. **A Tribuna**, Vitória, p. 13, 15 mar. 1979.

HEIDEGGER, Martin. O princípio da identidade. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

JOYCE, James. **Retrato do artista quando jovem**. Tradução de José Geraldo Vieira. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

NEVES, Guilherme Santos; NEVES, Jayme Santos; VELLOZO, Paulo. **Cantáridas e outros poemas fesceninos**. São Paulo; Vitória: Max Limonad; Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1986. (Coleção Letras Capixabas, v. 20).

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Foto: Adriana Machado

Deny Gomes

Foto: Elizabeth Nader

Francisco Aurelio Ribeiro

Foto: site Academia Espírito-santense de Letras

Luiz Busatto

Foto: Cypriano

Oscar Gama Filho

Foto: site Morro do Moreno

Renato Pacheco

Foto: Maria Clara Medeiros Santos Neves

Reinaldo Santos Neves

História da Literatura do Espírito Santo